



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
LINGÜÍSTICOS**

Curso Reconhecido pelo MEC, Portaria 485 de 14/05/2020, publicada no
D.O.U 18/05/2020



LARISSA NASCIMENTO PEDREIRA DE SOUZA

**CONSTRUÇÕES COM GERÚNDIO NO PORTUGUÊS DO SÉCULO
XX: DADOS DE TEXTOS ESCRITOS POR INÁBEIS**

O presente trabalho foi realizado com o apoio
da Coordenação de Aperfeiçoamento de
pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) –
Código de Financiamento 001.

Feira de Santana-BA
2024

LARISSA NASCIMENTO PEDREIRA DE SOUZA

**CONSTRUÇÕES COM GERÚNDIO NO PORTUGUÊS DO SÉCULO
XX: DADOS DE TEXTOS ESCRITOS POR INÁBEIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientador(a): Prof. Dr. Natival Almeida Simões Neto

Feira de Santana-BA
2024

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteadó – UEFS

Souza, Larissa Nascimento Pedreira de

S716c Construções com gerúndio no português do século XX: dados de textos escritos por inábeis / Larissa Nascimento Pedreira de Souza. - 2024.
149f.: il.

Orientador: Natival Almeida Simões Neto

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana.
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2024.

1. Gerúndio. 2. Sistematização das construções com gerúndio. 3.
Padrões com gerúndio – Comportamento morfossintático e
morfossemântico. I. Simões Neto, Natival Almeida, orient. II.
Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em
Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 806.90-25

TERMO DE APROVAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

CONSTRUÇÕES COM GERÚNDIO NO PORTUGUÊS DO SÉCULO XX: DADOS DE TEXTOS ESCRITOS POR INÁBEIS

LARISSA NASCIMENTO PEDREIRA DE SOUZA

Dissertação/Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, área de concentração Linguagem e Sociedade, Linha de Pesquisa Variação e mudança linguística do português, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Aprovada em 02 de setembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA:



Natalival Almeida Simões Neto
Universidade Estadual de Feira de Santana
Orientador



Huda da Silva Santiago
Universidade Estadual de Feira de Santana
Examinador Interno



Diego Spader de Souza
Universidade de Santa Cruz do Sul
Examinador Externo

Ao meu esposo, Ramon, aos meus pais, Alberto e Rute e aos meus queridos amigos, que partilharam comigo todos os momentos de felicidade, alegria e também os momentos tristes, de angústia, mas sempre juntos comigo, independentemente de qualquer circunstância.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu amor maior, aquele que me concedeu a vida, por ter me concedido a oportunidade de mais uma formação para honrar e glorificar seu nome.

À UEFS por ser uma instituição formadora e conceder aos alunos um ensino eficaz, transformador e de qualidade, com professores extraordinários.

À Capes, pelo financiamento da bolsa.

Ao PPGEL, por propor aos alunos o melhor ensino que poderíamos ter e à administração desse programa de qualidade.

Ao Professor Dr. Nativel Almeida Simões Neto, meu orientador, pelo ensino, orientação, paciência, disponibilidade e por ter me apresentado uma abordagem teórica da Linguística que ainda não conhecia.

À Professora Dra. Huda da Silva Santiago por me acompanhar e auxiliar nas pesquisas.

Aos professores do PPGEL, Nativel Almeida Simões Neto, Huda da Silva Santiago, Patrício Nunes Barreiros, Liliane Lemos Santana Barreiros, Josane Moreira de Oliveira, Norma Lúcia Fernandes de Almeida e outros, pelas aulas extraordinárias ministradas, pelo conhecimento compartilhado.

Aos colegas da PPGEL, pelo companheirismo e companhia em todos os dias de aulas.

Ao meu esposo, meu amor, que sempre acreditou em mim, incentivando-me, pelo amor, cuidado, paciência e dedicação ao nosso amor e a mim.

Aos meus pais, que sempre acreditaram em mim, pelo incentivo e dedicação para que eu pudesse ter sempre o melhor e conseguisse trilhar meu caminho e, principalmente, pelo amor e entrega.

Aos meus amigos, por acreditarem na minha capacidade, por crerem naquilo que Deus tem para mim e por sempre me incentivarem a conquistar novos horizontes.

RESUMO

Pretende-se, nesta dissertação, fazer uma análise das ocorrências nas formas de gerúndio em 131 cartas pessoais escritas por sertanejos baianos do século XX (SANTIAGO, 2019), considerados, pela autora, como *mãos inábeis*, pois estagnaram em fase inicial de aquisição da escrita. As cartas pertencem ao acervo “Cartas em Sisal”, parte do projeto *Plataforma de Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* – CE-DOHS. Será descrito e analisado o comportamento morfossintático e morfossemântico dos padrões com gerúndio, como exemplos [Suj + Vaux + V-ndo + Complemento] (*Estou fazendo o bolo; Ela vem fazendo o bolo; Ela vinha fazendo o bolo*); [Vtendo/havendo + V-ado/-ido] (*Tendo trabalhado; Havendo chovido*); expressões fixas como [Oração + sendo que + Oração] (*Salvamos 3 animais, sendo que 1 era cachorro e 2 eram gatos*) e [comer rezando] (*Eu comi rezando esse pudim*), entre demais outras formas. O objetivo geral desta pesquisa é apresentar uma sistematização das construções com gerúndio do século XX e os objetivos específicos são descrevê-las e analisá-las, com a intenção de verificar o comportamento dessas construções, e organizá-las. Busca-se responder como esta sistematização se organiza, quais os significados dessas construções e quais são as mais recorrentes.

Palavras-chaves: Comportamento morfossintático e morfossemântico; Padrões com gerúndio; Sistematização das construções com gerúndio.

RESUMÉ

L'objectif de cette thèse est d'analyser les occurrences des formes gérondives dans 131 lettres personnelles écrites par des paysans bahianais du XXe siècle (SANTIAGO, 2019), considérées, par l'auteur, comme des mains malhabiles, car stagnantes dans la forme initiale. phase d'acquisition de l'écrit. Les lettres appartiennent à la collection « Lettres en Sisal », qui fait partie de la Plateforme Corpus Électronique de Documents Historiques du projet Sertão – CE-DOHS. Le comportement morphosyntaxique et morphosémantique des motifs avec gérondifs sera décrit et analysé, tels que [Suj + Vaux + V-ndo + Complément] (Je fais le gâteau ; Elle a fait le gâteau ; Elle a fait le gâteau) ; [Vtendo/having + V-ado/-ido] (Ayant travaillé ; Ayant plu) ; expressions fixes telles que [Prière + être cela + Prière] (Nous avons sauvé 3 animaux, dont 1 était un chien et 2 étaient des chats) et [prier manger] (J'ai mangé ce pudding en priant), entre autres formes. L'objectif général de cette recherche est de présenter une systématisation des constructions à gérondifs du XXe siècle et les objectifs spécifiques sont de les décrire et de les analyser, dans le but de vérifier le comportement de ces constructions et de les organiser. Il s'agit de répondre à la manière dont s'organise cette systématisation, quels sont les sens de ces constructions et lesquelles sont les plus récurrentes.

Mots-clés: Comportement morphosyntaxique et morphosémantique; Modèles avec gérondif; Systématisation des constructions avec gérondifs.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 –	Linguística Histórica	20
Figura 02 –	Fac-símile da Carta 1 – AFS	93
Figura 03 –	Verbo vir e verbo ir	114
Figura 04 –	Sistematização das construções com gerúndio do século XX	123

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 –	Formas nominais do verbo	85
Quadro 02 –	Exemplo de tabela das construções com padrões de gerúndio	90
Quadro 03 –	Construções com padrões de gerúndio no Português do século XX (Apêndice)	129

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Construções com gerúndio nas Cartas em Sisal	96
Gráfico 2 – Construções Perifrásticas	101
Gráfico 3 – Tempos da construção perifrástica [Estar + V-ndo]	106
Gráfico 4 – Aspectos da construção perifrástica [Estar + V-ndo]	106
Gráfico 5 – Aspectos da construção perifrástica [Ficar + Vndo]	117

LISTA DE CONVENÇÕES, SIGLAS E ABREVIATURAS

< >	Representação de grafemas
AFS	Antônio Fortunato da Silva
CE-DOHS	Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão
CS	<i>Cartas em Sisal</i>
DMTA	Desinência modo-tempo-aspecto
DNP	Desinência número-pessoa
FP	Firmina Petornilha dos Santos
IC	Idelcina C. de O. e Oliveira
ICO	Iraildes Carneiro de Oliveira
JMA	José Mendes de Almeida
JMS	Josepha Maria da Silva
JPC	João Pitanga Carneiro
LH	Linguística Histórica
NIN	Francisca Carneiro de Oliveira (Nina)
Or. Sub	Oração Subordinada
PA	Português Arcaico
PC	Português Clássico
P1, P2, P3	Pessoas do Singular
P4, P5, P6	Pessoas do Plural
TB	Terezinha Bispo
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UG	Universal Grammar
V-aux	Verbo auxiliar
V-ndo	Verbo no gerúndio
VT	Vogal Temática
VO	Valdelice de Oliveira
ZSS	Zulmira Sampaio da Silva

SUMÁRIO

1	PRIMEIRAS CENAS DE PESQUISA	14
2	REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1	CAMINHOS DA LINGUÍSTICA HISTÓRICA	17
2.1.1	Mudança intralinguística e intrassistêmica	20
2.1.1.1	Neogramáticos	21
2.1.1.2	Estruturalismo	22
2.1.1.3	Gerativismo	23
2.1.2	Mudança sócio-histórica ou extralinguística	25
2.1.2.1	Funcionalismo	25
2.1.2.2	Teoria da variação e mudança laboviana	27
3	O FENÔMENO: A CONSTRUÇÃO COM GERÚNDIO NA LÍNGUA PORTUGUESA	29
3.1	O VERBO EM PORTUGUÊS: CATEGORIAS MORFOSSINTÁTICAS E SEMÂNTICAS	29
3.2	O GERÚNDIO E O PARTICÍPIO PRESENTE EM LATIM	35
3.3	O GERÚNDIO NO PORTUGUÊS ARCAICO	41
3.4	O GERÚNDIO NO PORTUGUÊS CLÁSSICO	45
3.5	O GERÚNDIO NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO	49
3.5.1	O gerúndio na língua portuguesa: à luz das gramáticas	49
3.5.1.1	Cunha e Cintra (2016)	49
3.5.1.2	Bechara (2019)	53
3.5.1.3	Rocha Lima (2022)	56
3.5.2	O gerúndio na língua portuguesa: à luz dos estudos descritivos	58
3.5.2.1	Dias (1918)	58
3.5.2.2	Said Ali (1921)	62
3.5.2.3	Brandão (1963)	69
3.5.2.4	Campos (1980)	75
3.5.2.5	Braga e Coriolano (2009)	81
3.5.2.6	Perini (2016)	83
3.5.2.7	Castilho (2020)	85
4	ASPECTOS METODOLÓGICOS	89
4.1	SOBRE AS FONTES	92
4.2	SOBRE O CONTEXTO SOCIOCULTURAL DOS REDATORES	93
5	CONSTRUÇÕES COM GERÚNDIO NO PORTUGUÊS DO SÉCULO XX: ANÁLISE	95
5.1	REALIZAÇÕES DE SUBORDINADAS	97
5.2	CONSTRUÇÕES PERIFRÁSTICAS	99

5.2.1	[Estar + Xndo]	101
5.2.2	[Ser + Xndo]	107
5.2.3	[Ir + Xndo]	109
5.2.4	[Vir + Xndo]	112
5.2.5	[Ficar + Xndo]	114
5.2.6	Outras construções perifrásticas	118
5.3	CONSTRUÇÕES CRISTALIZADAS	120
5.4	SISTEMATIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES COM GERÚNDIO	122
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
	REFERÊNCIAS	126
	APÊNDICE A – CONSTRUÇÕES COM PADRÕES DE GERÚNDIO NO PORTUGUÊS DO SÉCULO XX	

1 PRIMEIRAS CENAS DE PESQUISA

Este trabalho representa uma continuação de uma investigação com o mesmo objeto de uma pesquisa já realizada, embora adote uma perspectiva distinta. O desejo de continuar a trabalhar com o gerúndio, um tema que venho explorando desde o segundo ano da Iniciação Científica na graduação e que também se tornou o foco do meu TCC, motivou a escolha desse tema. No entanto, os trabalhos anteriores realizados sobre o gerúndio adotaram uma perspectiva diferente da abordada neste trabalho. Concentrei-me no estudo do apagamento do grafema <d> nas formas de gerúndio encontradas nas 131 cartas do acervo *Cartas em Sisal* (como *cuidano*, *choven*). Dado o considerável número de estudos sobre esse tema, decidi abordar o gerúndio de uma maneira distinta, analisando o comportamento morfosintático e morfossemântico das construções com gerúndio. Essa análise possibilita uma variedade de estudos e análises linguísticas, através de diferentes perspectivas que exploram a linguagem.

Segundo Câmara Junior (1979), o verbo apresenta diferentes categorias flexionais, que são inerentemente verbais, abrangendo número, pessoa, tempo, modo e aspecto. Além disso, existem outras formas próprias do verbo com estrutura diferenciada, denominadas formas nominais. Este estudo focaliza uma dessas formas nominais, o gerúndio, que geralmente indica uma ação em curso. Frequentemente, o gerúndio expressa uma ideia de ação contínua, em desenvolvimento, embora nem sempre essa informação semântica esteja presente. Quando o verbo no gerúndio é combinado com outros verbos auxiliares ou em outras estruturas, diversos significados podem surgir.

Em *Eu estou cantando*, por exemplo, indica-se a ação de cantar em andamento. No entanto, em *Eu ando tropeçando*, pode-se inferir que, no presente, a pessoa tem tropeçado com alguma frequência ou descreve a forma como ela anda. Na expressão *Acabei fazendo o bolo*, a construção sugere contragosto ou contra expectativa. O gerúndio pode ser empregado também com valores circunstanciais, como modo, tempo, causa, concessão, condição. Por exemplo, em *João entrou correndo*, apresenta-se uma circunstância de modo, descrevendo como o sujeito pratica a ação de entrar. Em *Chovendo muito, fiquei muito molhado*, a construção sugere a causa pela qual a ação de *ficar molhado* aconteceu. Portanto, há uma grande variedade na utilização do gerúndio.

Nem todas as expressões com gerúndio possuem a mesma forma e o mesmo significado. As funções dessas expressões variam, geralmente seguindo o padrão [S+Vaux+Vprinc-ndo+X], porém podem apresentar diferentes sentidos e estruturas, dependendo do contexto em que são utilizadas. Elas podem aparecer com estruturas sintáticas

mais flexíveis, como mencionado acima, ou como expressões fixas (como *sendo que*), que funcionam como conectivos, ou ainda como expressões idiomáticas (como *comer rezando*), entre outras estruturas. Acredita-se que a sistematização dos padrões com gerúndio seja bastante diversa tanto do ponto de vista da forma, quanto do significado. Este trabalho pretende, então, apresentar uma proposta de análise dessas construções, partindo da hipótese de que a composição da estrutura e a composição do significado dessas construções sempre foram diversas, mas os padrões foram se readaptando com o passar dos tempos. Portanto, a presente pesquisa visa realizar uma análise morfossintática e morfossemântica das expressões com gerúndio no Português Brasileiro escrito em *corpus* do século XX, especificamente 131 cartas escritas por sertanejos baianos, as quais fazem parte do acervo *Cartas em Sisal*. Esse acervo integra o projeto *Documentos produzidos por mãos inábeis: estudos linguísticos e filológicos*, que, por sua vez, faz parte do projeto *CE-DOHS* (Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão).

Quando analisada uma construção, é necessário levar em consideração os pontos de vista e interpretação contextual. Dessa forma, esta dissertação também buscará responder a algumas questões: Como se organiza a sistematização das construções com gerúndio do ponto de vista da estrutura e do significado? Qua(is) o(s) significado(s) da(s) construção(ões)? Com quais construções o gerúndio mais se compatibiliza? E quais as repercussões semânticas dos significados dessas construções? Portanto, o objetivo geral desta pesquisa é realizar uma sistematização de construções com gerúndio no Português Brasileiro no século XX; e os objetivos específicos são descrever e analisar as construções com gerúndio nos textos de inábeis no século XX, e organizá-las.

Além da introdução, considerações finais, referências e apêndice, esta dissertação está estruturada em 4 capítulos. O primeiro capítulo, que trata do Referencial Teórico, é intitulado *Caminhos da Linguística Histórica*, busca conceituar brevemente a disciplina da Linguística Histórica e seus pressupostos, com base nos estudos de Mattos e Silva (2008), Castro (2001) e Faraco (2005). Também aborda a divisão da mudança linguística em perspectivas intralinguística e intrassistêmica, bem como em perspectiva sócio-histórica ou extralinguística, sugerindo que algumas dessas abordagens integram o estudo da mudança em perspectiva sócio-histórica.

No segundo capítulo, intitulado *O Fenômeno: A Construção com Gerúndio na Língua Portuguesa*, serão apresentadas a caracterização e definição dos verbos, especialmente suas categorias flexionais, como número, pessoa, tempo, modo e aspecto, além das formas nominais. Também será abordada uma breve descrição histórica do gerúndio, desde seu uso no Latim até

o Português Arcaico e Clássico, com ênfase em seu emprego à luz das gramáticas normativas e em alguns estudos linguísticos sobre o gerúndio que compõem o Português Contemporâneo.

No terceiro capítulo, intitulado *Aspectos Metodológicos*, será apresentada a metodologia, que é de cunho descritivo-interpretativo, além de ser apresentado o *corpus* no qual as expressões com gerúndio serão analisadas. Todas as etapas que serão realizadas para o desenvolvimento desta pesquisa e as possíveis variáveis para as análises das construções serão detalhadas. O quarto capítulo, *Análise: Construções das Formas de Gerúndio no Século XX*, abordará as ocorrências a serem estudadas e analisadas neste período. Serão apresentadas as construções com gerúndio em cada caso individualmente, analisadas, organizadas, contabilizadas e quantificadas, além de ser elaborada uma sistematização constituída pelas devidas construções com gerúndio. Por fim, no quinto e último capítulo, serão apresentadas as *Considerações Finais* sobre o comportamento das construções com gerúndio no século XX e as contribuições que este trabalho pode trazer para o estudo do gerúndio no Português Brasileiro.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, pretende-se apresentar, brevemente, sobre a mudança linguística, objeto de estudo da Linguística Histórica, sobretudo como algumas teorias de estudo da linguagem veem a teoria da mudança, seja ela intralinguística e intrassistêmica, como a teoria neogramática, o estruturalismo e gerativismo, ou sócio-histórica ou extralinguística, tais como o funcionalismo e a teoria da variação e mudança laboviana.

2.1 CAMINHOS DA LINGUÍSTICA HISTÓRICA

As línguas mudam ao longo do tempo, caracterizando-se por um movimento constante que reflete sua natureza dinâmica e não estática. Ao contrário de serem entidades imutáveis e sem desenvolvimento, as estruturas linguísticas evoluem com o passar dos anos. No entanto, mesmo com essas mudanças, as línguas preservam sua organização sistêmica, fornecendo as ferramentas necessárias para a comunicação eficaz entre seus falantes. Portanto, a transformação contínua das línguas é essencial para sua vitalidade e sobrevivência. Compreender esse processo de mudança é fundamental, conforme destacam Gonçalves e Banza (2018, p.8):

a mudança é propriedade universal das línguas naturais, na origem, quer da diferenciação linguística ao longo do tempo, quer da variação, pelo que, no caso em apreço, a situação do português actual só pode ser adequadamente compreendida conhecendo a sua origem e evolução

Conforme postulado por Bybee (2020), as mudanças nas palavras são as alterações linguísticas mais evidentes para os falantes de uma língua. Processos linguísticos como prefixação, sufixação, composição, empréstimo de palavras de outras línguas e diversos métodos de formação lexical são mecanismos que promovem, de maneira eficaz, a aquisição de novos termos na maioria das línguas. No entanto, Faraco (2005) e Castro (2001) destacam que as mudanças linguísticas não se restringem apenas ao léxico. Todo o processo de operacionalização da morfologia e da sintaxe, incluindo as regras e estruturas gramaticais, especialmente os sons e o sistema fonológico dos elementos envolvidos, também sofre alterações. Essas mutações visam expressar as ideias e pensamentos dos falantes; assim, à medida que novas palavras surgem e são assimiladas, outras caem em desuso. De acordo com

esses autores, a maior parte das mudanças linguísticas ocorre de forma lenta e gradual, o que dificulta sua percepção explícita.

Não é necessário ter qualquer apreensão ou preocupação com isso. Faraco (2005) nos chama a atenção para o fato de que as línguas não deixam seus usuários desamparados, pois, embora estejam em constante processo de mudança, mantêm sua configuração sistêmica. Ou seja, ao mesmo tempo que oferecem aos falantes unidades específicas necessárias para a expressão do pensamento, permanecem organizadas em seu perfil sistêmico e são naturalmente submetidas ao processo de mudança. Em virtude desse fenômeno, o falante constrói uma imagem da língua (Faraco, 2005), na qual ela é vista como estática, e não ativa e dinâmica, justamente porque a mudança não é percebida enquanto a língua é usada.

Essa imagem atribuída à língua ocorre por diversas razões. O autor destaca que uma delas é a forma lenta com que a língua muda, ainda que essa mudança ocorra constantemente e gradualmente, permitindo, portanto, percepções da diacronia da língua muitas vezes durante o uso recorrente dela pelo falante. Faraco (2005) acrescenta que as mudanças linguísticas nunca afetam a totalidade da língua, mas apenas partes dela. Ou seja, toda a diacronia da língua resulta de uma composição complexa de surgimento de novas palavras, desuso de outras e permanência de algumas. Isso fortalece a ideia de que, para o falante, a língua parece mais estática do que dinâmica.

Essa concepção de imobilidade da língua é reforçada pelo princípio de que ela funciona como uma convenção, um conceito discutido por Bybee (2020), que ressalta a importância dos falantes e ouvintes utilizarem a língua de forma eficaz e produtiva para assegurar a eficiência na comunicação. A língua se adapta a cada comunidade, tornando-se específica e define-as. Essas comunidades são grupos que possuem características geográficas e/ou sociais distintas, o que permite que os falantes utilizem a língua de maneira semelhante entre si, até mesmo de forma idêntica à forma como é usada por cada indivíduo participante desse grupo social. Assim, há uma grande probabilidade de que um falante fale de maneira similar a outros indivíduos com os quais teve contato constante no passado ou ainda tem atualmente.

À luz das ideias de Bybee (2020), a lentidão e a gradualidade das mudanças linguísticas decorrem da convencionalidade, cujo papel é retardar e conter essas transformações. Diversos aspectos contribuem para a estabilidade ou retardamento das mudanças linguísticas, entre eles, o uso contínuo de palavras, construções, estruturas e sons que são padrões linguísticos para comunicação e compreensão, os quais são reforçados, consolidando essa estabilidade. Em muitas culturas, a escrita é utilizada como forma de

comunicação, baseada em símbolos gráficos que seguem padrões específicos e um conjunto de regras, geralmente encontradas em gramáticas descritivas da língua, aplicadas em contextos educacionais e empregadas por pessoas alfabetizadas. Esses elementos não apenas contribuem para refrear as mudanças linguísticas, mas também possibilitam a formação da imagem estática da língua pelos usuários. Tanto para Bybee (2020) quanto para Faraco (2005), todas as sincronias da língua, do passado ou do presente, fazem parte de um processo dinâmico de desenvolvimento linguístico ao longo da história, mesmo que essas mudanças não sejam perceptíveis a olho nu pelos falantes. Em última análise, é inegável que todas as línguas estão sujeitas a mudanças.

A mudança linguística representa o cerne empírico central da Linguística Histórica (Faraco, 2005). Dentro desse campo de estudo, a pesquisa concentra-se na investigação das transformações ocorridas nas línguas ao longo do tempo. Conforme afirmado por Castro (2001), “O objecto de estudo da Linguística Histórica é a **mudança linguística**, ou seja, o processo pelo qual uma língua viva não estagna, mas evolui, acompanhando o evoluir da sociedade que a utiliza como instrumento da comunicação” (Castro, 2001, p. 11, grifo do autor), demonstrando que a Linguística Histórica é a disciplina que se dedica a estudar essa evolução. Sua abordagem inclui a análise do desenvolvimento histórico da língua, considerando também as mudanças externas que ocorrem ao longo desse processo.

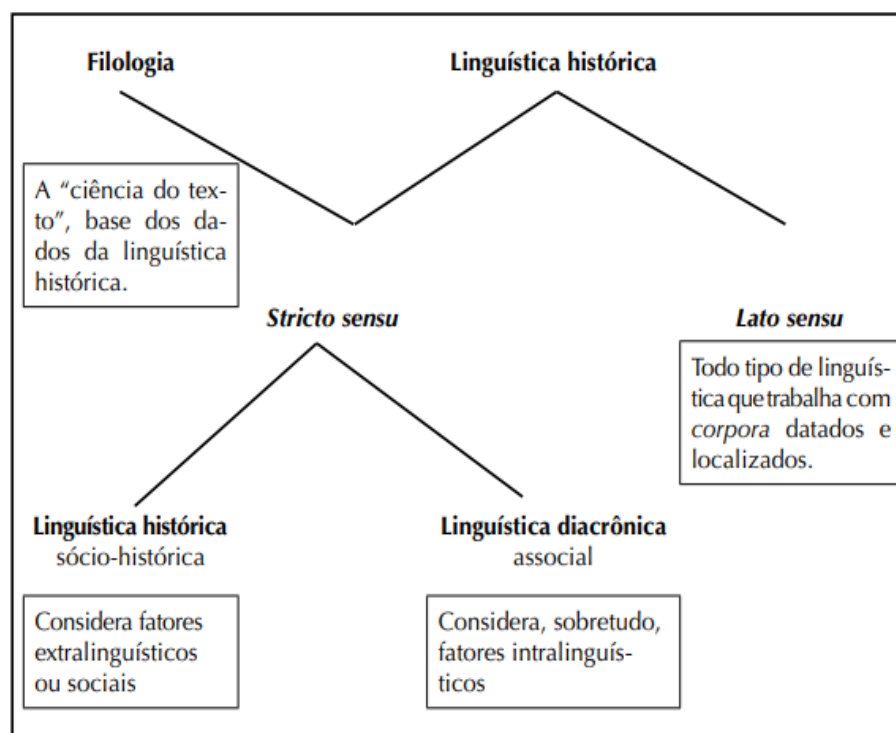
Mattos e Silva (2008, p.8) define a LH como,

o campo da linguística que trata de interpretar mudanças – fônicas, mórficas, sintáticas e semântico-lexicais – ao longo do tempo histórico, em que uma língua ou uma família de línguas é utilizada por seus utentes em determinável espaço geográfico e em determinável território, não necessariamente contínuo.

A autora explora dois tipos distintos de abordagens em Linguística Histórica: *stricto sensu* e *lato sensu*. A linguística *stricto sensu* direciona-se à análise das mudanças linguísticas ao longo do tempo, investigando tanto os aspectos do que mudou quanto os processos pelos quais essas mudanças ocorreram. Essa abordagem representa o paradigma clássico da Linguística Histórica, focalizando na reconstrução das transformações linguísticas ao longo do tempo e na compreensão de sua evolução diacrônica. “A linguística histórica *lato sensu* trabalha com dados datados e localizados, como ocorre em qualquer trabalho de linguística baseado em corpora, que, necessariamente são datados e localizados [...]” (Mattos e Silva, 2008, p. 9) e como exemplo tem-se os estudos estruturalistas americanos, possibilitando estudos e análises de sincronias da língua. Em decorrência disso, nos trabalhos de Linguística Histórica, não se

pode dispensar a Filologia, pois elas estão completamente ligadas, pois a última trabalha com textos antigos, recuperando e transmitindo para diversos fins, sobretudo de trabalhos linguísticos, constituindo *corpora* para esses estudos e análises. A Sociolinguística Variacionista e Dialectologia são exemplos de abordagens linguísticas que se situam na Linguística Histórica *lato sensu*, como afirma a autora. E assim podemos observar a partir da seguinte imagem como a LH é dividida:

Figura 1: Linguística Histórica



Fonte: Mattos e Silva (2008, p.10)

2.1.1 Mudança intralinguística e intrassistêmica

No livro *Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível*, Mattos e Silva (2008) aborda a mudança linguística em duas partes. Na parte I, discute três orientações ou perspectivas: a teoria neogramática, o estruturalismo diacrônico e o gerativismo diacrônico. Na segunda parte, a autora trata da mudança linguística sob uma perspectiva sócio-histórica ou extralinguística. Essas orientações (parte I) refletem as intenções dos linguistas desde a segunda metade do século XIX até o século XX, iniciando com os neogramáticos, seguidos pelo estruturalismo diacrônico e, por fim, o gerativismo. Esses três momentos são caracterizados

como “abstratos, centrados, sobretudo, no indivíduo e não na comunidade e que buscam uma “explicação” [...], nos seus respectivos quadros teóricos, para a mudança das línguas no tempo” (Mattos e Silva, 2008, p. 28).

2.1.1.1 Neogramáticos

Mattos e Silva (2008) assegura que, para que a porta fosse aberta para os neogramáticos, no século XIX, iniciou-se um longo caminho para os avanços da linguística. Os estudiosos da época desenvolveram trabalhos linguísticos baseados na comparação entre as línguas, com a finalidade de identificar graus de parentesco entre elas, posteriormente denominadas línguas indo-europeias (Mattos e Silva, 2008). Esses linguistas buscavam entender as relações entre as línguas e reconstruir suas origens comuns, com o objetivo de chegar a uma protolíngua, ou língua ancestral. Para tanto, os comparativistas analisavam a gramática, fonologia, vocabulário e outras estruturas da linguagem, tentando identificar padrões linguísticos comuns entre diferentes línguas. Além de contribuir para a Linguística Histórica, considerada uma subárea dedicada a investigar os processos de mudanças fonéticas, os trabalhos dos comparativistas resultaram em diversos documentos fundamentados em investigações detalhadas. Esses documentos não só enriqueceram a base de conhecimento da época, mas também abriram caminho para que os neogramáticos aprofundassem o estudo da língua, conforme destaca Mattos e Silva (2008).

Segundo a autora, o movimento dos neogramáticos teve início com a publicação do prefácio, também conhecido como *o manifesto neogramático*, escrito por H. Osthoff e K. Brugmann, em 1878, na revista *Morphologische Untersuchungen*, que em português significa *Investigações Morfológicas*. Ao final do século XIX, essa teoria neogramática “tornou-se uma corrente dominante em linguística. O manual dos neogramáticos é o do linguista alemão H. Paul, *Prinzipien der Sprachgeschichte* (*Princípios da história das línguas*), publicado em 1880” (Mattos e Silva, 2008, p. 30, grifos do autor).

Os neogramáticos, ao formularem uma teoria da mudança linguística, introduziram dois conceitos fundamentais: *as leis fonéticas* e *a analogia*. Embora esses conceitos não sejam originalmente de Hermann Paul, ele foi responsável por consolidá-los, dando especial atenção às mudanças fônicas. Paul considerava ‘os sons isoladamente, sem constituírem um sistema, mas condicionando-os à cadeia falada, na sequência sintagmática’ (Mattos e Silva, 2008, p. 32). No que tange às leis fonéticas, os neogramáticos defendiam que as mudanças fonéticas seguiam padrões regulares e sem exceções, em contraste com os comparativistas, que, apesar

de acreditarem na regularidade das mudanças, consideravam as irregularidades como exceções. Essas leis fonéticas são diretrizes que descrevem as alterações dos sons em uma língua.

Baseado no postulado de Câmara Junior (1990): “a mente humana, associando formas distintas por seus significados ou semelhança de sons, foi vista como capaz de interferir no desenvolvimento natural de sons, contrariando a esmagadora força de uma lei fonética” (Câmara Junior, 1990 [1975], p. 76 *apud* Mattos e Silva, 2008, p. 30), Mattos e Silva (2008) afirma que, apesar dos resultados previstos pela lei fonética, a analogia pode ser considerada a única exceção. Isso ocorre porque, no conceito de analogia, as irregularidades da língua podem ser ajustadas e sincronizadas de modo a se alinharem com os padrões gerais da língua. Portanto, conforme os postulados de Mattos e Silva (2008), essa teoria considera o indivíduo como um falante inconsciente das unidades fônicas organizadas em forma de sintagma e dos processos envolvidos na fala de cada indivíduo. Dessa forma, os falantes, de maneira inconsciente, promovem mudanças linguísticas que se manifestam entre grupos sociais.

2.1.1.2 Estruturalismo

Devido ao fato de os comparativistas estudarem e buscarem o grau de parentesco histórico entre as línguas, assim como os neogramáticos, que desejavam traçar as mudanças fonéticas ao longo do tempo, conforme Mattos e Silva (2008), esse período ainda era marcado por uma linguística diacrônica. Ou seja, os estudos eram realizados considerando diferentes períodos da história, buscando a evolução e mudança linguística. A autora observa que, no início do século XX, a perspectiva linguística muda, passando a trabalhar com a sincronia linguística. Isso significa focar na língua em um dado momento, sem considerar as mudanças ao longo do tempo, além de desvincular-se da Filologia. Essa mudança baseia-se nas teorias de Ferdinand de Saussure. Com essa mudança, os estudos da linguagem passaram a adotar esse novo enfoque, mas ao longo do tempo, as abordagens da linguagem não conseguiram se manter completamente desvinculadas da consideração das mudanças linguísticas.

O estruturalismo iniciou-se em 1916 com a publicação do livro *Cours de linguistique générale*, em português *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, que buscava interpretar a linguagem como um sistema constituído de elementos inter-relacionados. Saussure (2012) procura definir e distinguir alguns pontos-chave: (i) signo, significado e significante, (ii) sincronia e diacronia, (iii) *langue* e *parole*. Essa orientação considera o indivíduo como parte de um grupo de falantes que compartilham o mesmo sistema linguístico homogêneo e abstrato. Saussure denomina este sistema de *langue*. Segundo ele, a Linguística concentra-se

exclusivamente no exame da língua em sua forma pura e independente (Saussure, 2012). Para Saussure, a língua é um sistema autônomo e homogêneo. No entanto, ele atribui a mudança linguística à *parole*, ou seja, à manifestação concreta da linguagem na sequência sintagmática. Assim, o estruturalismo “atenta-se para o indivíduo enquanto parte de uma comunidade detentora de um mesmo sistema linguístico abstrato, uniforme ou homogêneo, depreendido pelo linguista” (Mattos e Silva, 2008, p. 28).

Conforme os postulados de Saussure (2012) e as necessidades linguísticas da época, houve uma divergência de abordagens entre os estruturalistas. Segundo Mattos e Silva (2008), enquanto alguns linguistas seguiram estritamente os fundamentos de Saussure, desconsiderando a mudança linguística e tratando a língua como um sistema homogêneo e abstrato, outros passaram a ver a língua também como um sistema dinâmico, intrinsecamente sujeito a mudanças. Esses linguistas, que continuaram a reconhecer a estrutura sistêmica da língua, começaram a considerar a mudança como um componente essencial do sistema. Mattos e Silva (2008) afirma que “esse sistema, modelado por Ferdinand de Saussure, é constituído por elementos inter-relacionados paradigmaticamente e traz em si um fator intrínseco de mudança, por suas assimetrias, e vai se refletir na fala, ou seja, na sequência sintagmática” (Mattos e Silva, 2008, p. 28). A partir dessa perspectiva, esses linguistas iniciaram estudos sobre fonologia diacrônica buscando entender como as mudanças fonológicas se manifestam ao longo do tempo.

2.1.1.3 Gerativismo

O gerativismo diacrônico teve início em 1957 com a publicação de *Syntactic Structures* (*Estruturas Sintáticas*, em português) por Noam Chomsky. De acordo com Mattos e Silva (2008), a preocupação dos linguistas continuou centrada na sincronia da língua, enquanto as mudanças linguísticas não receberam a devida urgência nos estudos. Essa abordagem da linguagem é marcada pelo refinamento na representação do processo de aquisição da linguagem pela criança (Mattos e Silva, 2008). Esse aspecto despertou o interesse dos gerativistas, como destacado por Castilho (2020, p. 87): “por que a gramática do falante adulto, um sistema tão complexo, é rapidamente adquirida, se durante a fase de aprendizado a criança recebe estímulos tão pequenos?” Contudo, com a socialização, as mudanças são introduzidas na gramática internalizada da criança (língua-I), que se manifesta nas realizações linguísticas (língua-E).

Mattos e Silva (2008) considera as duas teorias, estruturalismo e gerativismo, como formais e, sobretudo, abstratas, mas aponta alguns pontos que as diferenciam. O estruturalismo não leva em conta a mente do indivíduo, focando no sistema linguístico como algo autônomo, ou seja, que se mantém por si mesmo. Por outro lado, no gerativismo, Chomsky (1957) concebe a linguagem como uma representação mental e, portanto, investiga-se a gramática internalizada (língua-I) do usuário da língua. Mattos e Silva (2008) acrescenta que M. Halle fez algumas reflexões importantes sobre a mudança na perspectiva da teoria gerativa. Halle considerava que as mudanças linguísticas ocorrem através da transferência de geração para geração, ou seja, as mudanças podem surgir da variação na quantidade de regras entre uma geração e outra. Na abordagem gerativa, as mudanças linguísticas acontecem nas regras gramaticais.

Segundo os postulados de Mattos e Silva (2008), houve dois momentos no desenvolvimento do gerativismo diacrônico. No primeiro momento dessa teoria, o foco estava nas mudanças fônicas, onde as regras gramaticais que se alteravam eram transmitidas de uma geração para outra. Para os gerativistas, essas regras eram replicadas e manifestavam-se nas sincronias da língua, o que resultava em mudanças. No segundo momento, a partir do final da década de 1980, aproximadamente, o foco passou a ser a sintaxe diacrônica. Nessa segunda fase,

os gerativistas começaram a considerar que a mudança sintática pode fornecer argumentos para a construção da teoria de gramáticas possíveis, além de revelar impossíveis de uma gramática; assim se apresentam rumos para a busca de explicações da mudança sintática no âmbito de uma teoria não apenas linguística, mas no âmbito da gramática (Mattos e Silva, 2008, p. 48).

Em outras palavras, nesse momento, os gerativistas estavam focados na Gramática Universal. Segundo Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009), a Gramática Universal é vista como uma representação abstrata da linguagem humana, definindo o que pode variar e mudar entre diferentes línguas (parâmetros) e o que permanece constante (princípios). Conforme esses autores,

os princípios são representações abstratas dos mecanismos mentais usados pelos falantes quando processam uma sentença, ou seja, são hipóteses empíricas dos mecanismos inatos predeterminados, que podem ser falseadas ou analisadas como inadequadas a partir de descoberta de estruturas linguísticas que as violem sistematicamente. Os parâmetros definem o espaço das variações entre as línguas, variações tais determinadas por um conjunto de opções definido pela UG (Lucchesi, Baxter E Ribeiro, 2009, p. 132).

De acordo com a ideia central do gerativismo, fundamentada em Noam Chomsky (1957), o objeto de estudo da teoria gerativista é a aquisição da linguagem. Ao perceberem que a Língua-I é internalizada e se manifesta na Língua-E, os gerativistas passaram a se dedicar a essa realização, pois essas manifestações podem indicar mudanças que são relevantes para o estudo da aquisição da linguagem.

2.1.2 Mudança sócio-histórica ou extralinguística

Na parte 2 do livro, Mattos e Silva (2008) discute um rompimento com o conceito de “objeto homogêneo” saussuriano pelos precursores da Linguística Histórica sócio-histórica. Esse objeto refere-se à língua em seu uso pelos falantes, no processo de comunicação entre eles, dentro de seu contexto social.

2.1.2.1 Funcionalismo

Mattos e Silva (2008) afirma que os linguistas que iniciaram o funcionalismo faziam parte do Círculo Linguístico de Praga. Essa abordagem teórica contrasta com os pensamentos gerativistas e estruturalistas, que se concentram exclusivamente na gramática interna e nas estruturas formais da língua. O funcionalismo, por sua vez, investiga a gramática e os contextos de uso da linguagem pelos falantes, considerando aspectos sociais e cognitivos. Um dos destacados estudiosos da mudança linguística nesse contexto é R. Jakobson, conforme Mattos e Silva (2008). Ele publicou os *Princípios*, conhecidos como *Prinzipien* em alemão, em 1931 em Copenhague, e continuou suas contribuições subsequentes. Em seu artigo de 1960 intitulado *Linguística e poética*, Jakobson utilizou a teoria das funções da linguagem proposta por K. Bühler, baseada na teoria da comunicação, ampliando e reformulando as funções da linguagem. Todas essas funções estão relacionadas aos elementos que participam da comunicação verbal, e, partindo dos pressupostos de Jakobson, ele argumenta que a linguagem deve ser estudada em suas diversas funções. A definição do termo *função* é desafiadora, devido à variedade de significados associados a ele no estudo da linguagem, conforme Neves (1997). Segundo Martinet (1994 *apud* Neves, 1994), o termo funcionalista ganha sentido “em referência ao papel que a língua desempenha para os seres humanos na comunicação de sua experiência uns aos outros” (Martinet, 1994, p. 13, *apud* Neves, 1997, p. 6).

Em 1931, quando Jakobson publica *Princípios de fonologia histórica*, segundo Mattos e Silva (2008), ele é considerado como um funcionalista-estruturalista, porém com esse último

artigo mencionado, ele acaba deixando de lado as ideias estruturalistas, contemplando a comunicação daqueles que fazem parte de um momento de fala, isto é, “considera a língua no seu uso, no seu contexto comunicativo e não apenas a estrutura” (Mattos e Silva, 2008, p. 71). É este aspecto que faz a junção entre as teorias funcionalistas, tanto as de Jakobson, quanto as contemporâneas. Se a preocupação da teoria funcionalista se dá, principalmente, pelo processo comunicativo dos falantes, ou seja, o uso da língua, não é a prioridade de seus estudos a perspectiva histórica-diacrônica. Porém, segundo a autora, os processos de gramaticalização é um aspecto que tange a mudança linguística e que está baseado em uso, isso é, fruto da comunicação verbal, e que tantos funcionalistas brasileiros, quanto estrangeiros examinam.

Em um determinado modelo interação verbal apresentado por Neves (1997), a expressão linguística é função:

- a) da intenção do falante;
 - b) da informação pragmática do falante;
 - c) da antecipação que ele faz da interpretação do destinatário.
- E a interpretação do destinatário é função:
- a) da expressão linguística;
 - b) da informação pragmática do destinatário;
 - c) da sua conjectura sobre a intenção comunicativa que o falante tenha tido (Neves, 1997, p.20).

Segundo a autora, em qual momento dessa interação, tanto o falante, quanto o destinatário possuem informações pragmáticas. Quando o falante deseja transmitir uma mensagem ao seu destinatário, ele promove um propósito comunicativo e cognitivo para que promova uma informação pragmática ao destinatário. E a mudança linguística está sujeita a esse processo de interação verbal, isto é, o uso da língua no seu contexto social e interacional.

Podemos chegar à conclusão que, as mudanças linguísticas, a partir dos pressupostos funcionalistas, são consideradas como resultados de contextos comunicativos e sociais. Isto é, se analisarmos uma mudança na gramática, esta mudança pode ocorrer para facilitar a comunicação dos falantes em contextos específicos, atuando como resposta às necessidades dos usuários da língua, então se estabelece uma relação entre a forma, estrutura linguística e a função desta. Este é um aspecto comum entre os funcionalistas. Outro aspecto comum entre os funcionalistas de acordo com Neves (1997), é a não-autonomia da língua, uma vez que a gramática não pode ser compreendida sem algumas variáveis, tais como “cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução” (Neves, 1997, p. 3).

2.1.2.2 Teoria da variação e mudança laboviana

No contexto da mudança em perspectiva sócio-histórica, Mattos e Silva (2008) discute a teoria da variação e mudança laboviana, cuja obra que fundamenta essa teoria é *Empirical Foundations for a Theory of Language* (em português, *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*), escrita por Weinreich, Labov e Herzog. Em contraste com correntes linguísticas anteriores que separavam a língua do indivíduo e pressupunham sua homogeneidade, Weinreich e seus colegas sugerem

que um modelo de língua que acomode os fatos do uso variável e seus determinantes sociais e estilísticos não só levam a descrições mais adequadas da competência linguística, mas também suscita naturalmente uma teoria da mudança linguística que ultrapassa os estereis paradoxos contra os quais a linguística histórica vem lutando há mais de meio século (Weinrich, Labov e Herzog, 1968, p. 34).

Weinreich argumenta que existem duas abordagens para uma teoria da mudança linguística: a forma forte e a forma fraca. Na forma forte, a teoria prevê a evolução que uma língua poderia ter ao longo do tempo, iniciando a partir da descrição de uma língua em uma fase específica. Em contraste, na forma fraca, a teoria reconhece que as línguas mudam sem prever um curso específico para essa mudança, mas considera fatores condicionantes que influenciam a transição entre estados linguísticos e asseguraria também que as línguas não fujam daquilo que as definem como línguas universais (Weinrich, Labov e Herzog, 1968). Os autores afirmam que nem a abordagem forte nem a fraca oferece contribuições significativas para o estudo e investigação do desenvolvimento linguístico. Além disso, sustentam a visão de que a língua é um objeto “constituído de heterogeneidade ordenada” (Weinreich, Labov e Herzog, 1968, p. 35), tanto diacronicamente quanto sincronicamente. Nesse contexto, os autores criticam

[...] quanto mais os linguistas têm ficado impressionados com a existência da estrutura da língua, e quanto mais eles têm apoiado essa observação com argumentos dedutivos sobre as vantagens funcionais da estrutura, mais misteriosa tem se tornado a transição de uma língua de um estado para outro. Afinal, se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como é que as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda, isto é, enquanto passa por períodos de menor sistematicidade?

Dentro dessa perspectiva, conforme entendida pelos linguistas, a língua é coercivamente levada à mudança, o que pode afetar a eficiência da comunicação. No entanto, os autores não se detêm na análise dessas ineficiências, como observam. O que eles propõem é

desvincular a estruturalidade da homogeneidade (Weinreich, Labov e Herzog, 1968), reconhecendo a capacidade de uma língua representar variações e transições dentro de um grupo social e ao longo do tempo. Além disso, os autores têm como objetivo manter certos pressupostos descobertos e conclusões alcançadas sobre a teoria da mudança linguística. Para isso, enumeram alguns princípios essenciais para o estudo da mudança linguística. Esses princípios são:

1. a mudança linguística não deve ser identificada com deriva aleatória procedente da variação inerente na fala. A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada.
2. A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas.
3. Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.
4. A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea; ela envolve a covariação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico.
5. As gramáticas em que ocorre a mudança linguística são gramáticas da comunidade de fala. Como as estruturas variáveis contidas na língua são determinadas por funções sociais, os idioletos não oferecem a base para gramáticas autônomas ou internamente consistentes.
6. A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo; não está confinada a etapas discretas dentro da família. Quaisquer discontinuidades encontradas na mudança linguística são os produtos de discontinuidades específicas dentro da comunidade, mais do que os produtos inevitáveis do lapso geracional entre pais e filhos.
7. Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico (Weinreich, Labov e Herzog, 1968, p. 125-126).

Portanto, esse modelo de estudo da linguagem é uma teoria que propõe investigar a variação e mudança linguística através da interação entre o indivíduo e a sociedade. Seu objetivo é descrever a relação dos fenômenos linguísticos com os diversos grupos sociais que os utilizam, considerando a interação dinâmica entre sociedade e língua.

Diante de todas as teorias discutidas que abordam de alguma forma a mudança linguística, podemos concluir que a Linguística Histórica não permaneceu estática. Pelo contrário, ela alinhou-se às teorias mais modernas na área da Linguística, incorporando-as para uma compreensão mais abrangente da evolução da língua.

3 O FENÔMENO: A CONSTRUÇÃO COM GERÚNDIO NA LÍNGUA PORTUGUESA

Nesta seção, pretende-se contextualizar o fenômeno de estudo desta dissertação. Apresenta-se o sistema verbal do português, incluindo as formas nominais e dando destaque ao gerúndio, numa perspectiva histórica que vai desde os usos de tempos mais recuados até as construções atuais. Alguns estudos diacrônicos sobre as construções com gerúndio no Português Brasileiro apontam que, desde o latim, as construções com o gerúndio veiculam diferentes significados e assumem diferentes papéis. Por isso, o traçado diacrônico desta seção começará com o latim.

O gerúndio caracteriza-se aspectualmente como uma ação contínua, prolongada ou que ainda está em andamento. As expressões com gerúndio, na maioria das vezes, apresentam esse significado e, geralmente, têm a forma *S+Vaux+Vprinc-ndo+COMP/ADJ*. Porém, pode haver sentidos diferentes, a depender de como seja a sua estrutura ou o contexto em que a construção esteja sendo usada. Construções com gerúndio podem estar relacionadas a uma estrutura sintática aberta, como o mencionado *S+Vaux+Vprinc-ndo+COMP/ADJ*, uma expressão fixa usada como conectivo (*sendo que*), uma expressão idiomática (*comer rezando*), entre outras possibilidades.

3.1 O VERBO EM PORTUGUÊS: CATEGORIAS MORFOSSINTÁTICAS E SEMÂNTICAS

Para melhor abordar o gerúndio, é importante que se contextualize o conceito de verbo e como se configura o sistema verbal do português. Luft (1996, p.124) conceitua o verbo como sendo a

palavra que exprime um processo inserido no tempo: uma ação, um fenômeno, um estado ou mudança de estado. O verbo tem papel fundamental na frase: é o termo essencial do enunciado, o núcleo da frase sintaticamente construída, pois há orações sem sujeito, mas não sem verbo.

Rocha Lima (2022, p. 168), por sua vez, define que o “verbo expressa um fato, um acontecimento: o que se passa com os seres ou em torno dos seres. É a parte da oração mais rica em variações de forma ou acidentes gramaticais”. Ademais, complementa que esses

acidentes mudam a forma deste vocábulo expressando a ideia de número, pessoa, tempo, modo e voz. Para Bechara (2019), verbo é “a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual o falar organiza seu significado lexical” (Bechara, 2019, p. 231). Outrossim, o autor complementa com algumas categorias gerais do sistema verbal. São elas: número, pessoa, estado¹, aspecto, tempo, voz, modo táxis, que situa posição do falante no que se refere à relação entre a ação verbal e seu agente, e por fim, evidência, que “assinala que o falante se refere a outro ato de fala – a uma informação indireta – por meio do qual ele experimenta o acontecimento como não vivido por ele mesmo” (Bechara, 2019, p. 235).

Para Cunha e Cintra (2016, p.393), o “verbo é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo”. Dentro dessa perspectiva, apresentam-se também as flexões de número, pessoa, modo, tempo, aspecto e voz. Levando em consideração os tratamentos dados pelos gramáticos citados, podemos afirmar que o verbo apresenta algumas variações, também chamadas de categorias verbais. É pertinente acrescentar também que o verbo pode ser considerado elemento central, devido ao fato de esse ser o elemento em torno do qual a oração se organiza. Por exemplo: o verbo *comer* seleciona um sujeito agente e um objeto tema/paciente.

Os verbos apresentam morfemas flexionais específicos que não estão presentes em outras classes de palavras, o que pode tornar mais fácil a sua identificação na oração. Vejamos os exemplos a seguir:

- (7) Eu *comi* o bolo todo ontem.
- (8) Nós *comíamos* torradas e tomávamos chá, enquanto chovia lentamente naquele fim de tarde.
- (9) Embora *comessem* muito, conseguiam caminhar tranquilamente.

No exemplo (7), o verbo está conjugado na primeira pessoa do singular, no tempo pretérito perfeito do modo indicativo e tem aspecto perfectivo. No exemplo (8), o verbo flexiona em primeira pessoa do plural, no tempo pretérito imperfeito do modo indicativo e tem aspecto imperfectivo. Em (9), o verbo flexiona em terceira pessoa do plural, no tempo pretérito imperfeito do modo subjuntivo e tem também aspecto imperfectivo. É possível detectar que foi

¹ “Essa categoria afeta a qualidade lógica do sucesso comunicado, podendo ser afirmativo, negativo, interrogativo, negativo-interrogativo” (Bechara, 2019, p.235).

empregado o mesmo verbo em todos os exemplos, porém flexionados em diferentes variações de número, pessoa, modo, tempo e aspecto.

Diante desses exemplos e explicações, importa reafirmar, com base em Rocha Lima (2022), que o verbo é a classe de palavras mais rica da Língua Portuguesa, devido às suas características flexivas específicas. Somam-se aos aspectos morfológicos dos verbos as suas características semânticas e sintático-funcionais. Do ponto de vista semântico, podemos considerar que o verbo pode indicar ação, estado ou fenômeno da natureza. Do ponto de vista sintático-funcional, pode integrar o predicado, funcionando como núcleo do predicado verbal, verbo de ligação ou verbo auxiliar.

No âmbito dos estudos linguísticos, Câmara Junior (2000) aborda os verbos de uma maneira bastante aproximada ao que preconiza a tradição gramatical, ainda que haja algumas diferenças. Para o autor, existe uma oposição quanto à forma entre o verbo e o nome nas línguas românicas, incluindo o português. Tal oposição se dá pelo padrão de flexão. É importante salientar que, no latim, o verbo apresentava propriedades flexionais, e muitas dessas permaneceram no português e nas demais línguas neolatinas. Conforme Câmara Junior (1979), a flexão verbal tanto no latim, quanto no português, é direcionada em dois sentidos: Um para indicar o sujeito do verbo, que é o começo da comunicação e é a entidade a qual depende subordina o verbo. O outro lado indica as características que são propriamente verbais. O sujeito estabelece a desinência pessoal (número-pessoa). Segundo Câmara Junior (1979), o verbo sempre depende da atividade do sujeito, por isso, “pode-se dizer que em latim e português, como nas línguas indo-européias em geral, a visão linguística é a de um mundo de seres a que tudo que se passa é necessariamente reportado” (Câmara Junior, 1979, p. 125).

As categorias flexionais dos verbos, aquelas em que eles variam, materializam-se por meio de morfemas cumulativos, ou seja, um morfema reúne mais de uma categoria distintiva (morfema). Por exemplo, o morfema –mos, em *falamos*, *vendíamos* e *faríamos*, indica 1ª pessoa do plural: informações de número e de pessoa. Nos morfemas cumulativos, essas categorias morfêmicas são indivisíveis. Nos substantivos e adjetivos do português, por outro lado, há um morfema para o número e outro para o gênero.

Como já dito, os morfemas flexionais dos verbos são: (a) tempo (presente, passado, futuro), modo (indicativo; subjuntivo; imperativo) e aspecto (perfectivo; imperfectivo); (b) número (singular, plural) e pessoa (primeira, segunda e terceira). Segundo Câmara Junior (1970; 1975), essas flexões possuem dois sentidos. As flexões em (a) são características que fazem parte obrigatoriamente da própria composição da estrutura verbal, por outro lado, as flexões em (b) não são necessariamente verbais, porque estes indicam quem é o sujeito (falante,

ouvinte ou outro ser) do verbo. Daí tem-se P1, P2, P3 (pessoas do singular), P4, P5, P6 (pessoas do plural). Vale reafirmar que as informações dentro de (a) e de (b) são materializadas em morfemas cumulativos e indivisíveis.

Na categoria número, o verbo apresenta as possibilidades de singular e plural. Fala-se em singular, quando se refere apenas a uma pessoa do discurso, e plural, quando se refere a mais de uma. Quanto às pessoas, são admitidas três pessoas: (a) primeira: eu (singular) e nós (plural), que indicam quem fala; (b) segunda: tu (singular) e vós (plural), que indicam com quem se fala; (c) terceira: ele/ela (singular) e eles/elas (plural), que indicam de quem se fala. A categoria de modos caracteriza-se por diferentes formas que o verbo assume para indicar a atitude, a partir da pessoa que fala, no que diz respeito ao enunciado, como é descrito por Cunha e Cintra (2021). No português, os modos são divididos em três: (a) indicativo (exprime fatos e certezas); (b) subjuntivo (exprime desejos, dúvidas e possibilidades); (c) imperativo (exprime ordens, pedidos). Os tempos são divididos em passado (fato ocorrido antes do momento da fala), presente (fato ocorrido no momento da fala ou ações regulares) e futuro (fato que acontecerá após o momento da fala).

Por fim, o aspecto é uma categoria gramatical semântica que expressa a posição verbal no percurso, isto é, se refere à duração e o processo da ação verbal. Pode ser considerada como concluída ou completa, no caso do aspecto perfectivo, ou como não concluída, incompleta ou interrompida, em se tratando de aspecto imperfectivo. Sucintamente, pode-se afirmar que o modo indicativo dos verbos indica 6 tempos verbais (1 presente; 3 pretéritos: imperfeito, perfeito, mais-que-perfeito; e 2 futuros: do pretérito e do presente). No modo subjuntivo, indica 3 tempos: um presente, um pretérito e um futuro. O modo imperativo só se expressa no tempo presente e pode ser apresentado de forma afirmativa ou negativa.

Quanto à constituição interna, os verbos são formados por uma estrutura específica, formada por três partes: (a) o radical, que é a parte que porta o significado básico do verbo e é invariável, no caso de verbos regulares; (b) a vogal temática, morfema classificatório que vem depois do radical para indicar se o verbo é de 1ª (a), 2ª (e) ou 3ª (i) conjugação; (c) e as desinências, que são os sufixos flexionais (SF) cumulativos (modo-tempo-aspecto e número-pessoa). Assim, a estrutura é formada por um radical (R) que se reúne à vogal temática (VT) da conjugação correspondente, para compor o tema do verbo (T), agregado, ainda as desinências de modo-tempo-aspecto (DMTA) e número-pessoa (DNP). Pode-se assumir, então, uma fórmula geral da estrutura do vocábulo verbal português: $V = T (R + VT) + SF (DMTA + DNP)$.

Assim como os nomes, os verbos apresentam uma ordem fixa dos elementos básicos. Sobre esse aspecto, é possível fazermos uma analogia entre as posições da DMTA e da DNP,

nos verbos e as posições das desinências de gênero e de número, nos nomes. Tradicionalmente, apresenta-se como categoria morfossintática dos verbos, além dessas que já foram mencionadas, a voz, que pode ser ativa, passiva, reflexiva, média, entre outros tipos. Na língua latina, a voz passiva podia ser marcada morfológicamente, distinguindo-se da voz ativa. No português essa distinção é feita sintaticamente. Sobre a categoria, voz, Câmara Junior (1979, p.125) explica:

Pode-se dizer também que em latim e português, como nas línguas indoeuropeas em geral, a visão linguística é a de um mundo de seres a que tudo que se passa é necessariamente reportado. A expressão do verbo se faz essencialmente na voz ativa. A inversão dessa relação entre sujeito e verbo foi, desde o indoeuropeu primitivo, uma estrutura secundária, chamada "voz passiva", que o latim possuía mas desapareceu das línguas românicas como processo flexional.

Como se pode ver, no tocante à ideia de *voz*, a significação está relacionada com a atuação do sujeito no evento expresso pelo verbo. A voz é ativa, se a ação é praticada pelo sujeito. A voz é passiva, quando o sujeito é afetado pela ação. Pode ser também reflexiva, quando o evento indica ação e afetação pelo sujeito.

Embora esta dissertação não seja um trabalho sobre aspecto, essa categoria possui significância considerável para o estudo do gerúndio. Nesse contexto, se nos detivermos para analisar o gerúndio em diferentes estudos descritivos e gramáticas normativas, percebemos que ele pode ser empregado na companhia de um verbo auxiliar, sozinho em alguma oração, após a oração principal ou qualquer emprego que lhe encontre; e em todos esses casos, o aspecto estará presente, tendo em vista que este é uma categoria verbal. De forma objetiva: onde tem verbo, tem aspecto. Brandão (1963) pontua que “no verbo não basta considerar só os tempos. É necessário examinarem-se-lhe também os aspectos (...)” (Brandão, 1963, p. 496). Por isso, trataremos do aspecto, embora de maneira abrangente, sem um rigoroso aprofundamento conceitual.

Cunha e Cintra (2016, p. 396) definem o aspecto como:

uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo”. Pode ele considerá-la como concluída, isto é, observada no seu término, no seu resultado; ou pode considerá-la como não concluída, ou seja, observada na sua duração, na sua repetição.

Isso é, o aspecto expressa o processo verbal em seu caráter de duração. Se pensarmos no verbo *partir*, por exemplo, ele inicia uma ação, como um ponto de partida, já ao pensarmos no verbo *chegar*, este finaliza uma ação, como um ponto de chegada. Existem verbos também

que indicam repetição, como *saltitar* e verbos que não tem noção de começo ou fim, como *andar*, *viajar*, etc. Ao observar os diversos trabalhos e pesquisas sobre a questão do aspecto no Português Brasileiro, pode-se perceber que nenhum desses estudos é capaz de abarcar todas as noções que fazem parte do aspecto, por isso, quando buscam conceituar, essa definição varia muito. Porém, existem alguns pontos em comum que passeiam por esses diferentes conceitos:

- 1) aspecto seria "a maneira de ser da ação";
- 2) aspecto é a indicação da duração do processo, de sua estrutura temporal interna;
- 3) aspecto é a indicação dos graus de desenvolvimento, de realização do processo, o modo de conceber o desenvolvimento do processo em si;
- 4) aspecto envolve tempo;
- 5) aspecto é definido como marcador de oposições entre certas noções ou de noções simples: término/não-término, início, resultado, etc (Travaglia, 2006, p. 37,38).

Travaglia (2006) afirma que o primeiro ponto não tem tanta utilidade quanto à definição do aspecto, uma vez que pode causar uma distorção em relação aos elementos que são não-aspectuais que podem estar relacionados ao modo verbal e à modalidade “(tais como dúvida, necessidade, obrigação, possibilidade, volição, etc.)” (Travaglia, 2006, p. 38). O segundo, terceiro e quarto ponto revelam informações relevantes para uma possível possibilidade de conceituação do aspecto, porquanto os três pontos abordam sobre tempo, desenvolvimento e duração, que são algumas das noções aspectuais. O quinto ponto só ajuda no que se diz respeito à generalização que tratam das oposições e noções citadas, ou seja, auxiliam somente em marca as oposições, como: situações que indicam início/término, acabado/não-acabado, entre outras noções.

Para Brandão (1963), os seguintes aspectos podem apresentar o enunciado verbal: (i) pontual (momentâneo, perfectivo), (ii) durativo (cursivo, progressivo, imperfectivo), (iii) iterativo, (iv) perfeito (consumativo) e (v) terminativo (durativo-perfectivo). Para Travaglia (2006), essa lista aumenta um pouco. Uma vez que já se atentou do que se trata o aspecto, não de maneira completa, pois não há capacidade, tampouco necessidade de adentrar totalmente no que diz respeito às noções que compõem o aspecto (Travaglia, 2006), para melhor exemplificar esta categoria linguística, vejamos três exemplos posteriormente retirados de Travaglia (2006). Primeiramente serão destacados os aspectos perfectivo e imperfectivo, em razão de estarem presentes na maioria das orações:

(10) Antônio *ouviu* música o dia todo (Travaglia, 2006, p.77, grifo do autor).

(11) Pedro *pulara* o muro com facilidade (Travaglia, 2006, p. 77, grifo do autor).

Nos exemplos (10) e (11) têm-se o aspecto *perfectivo*, pois tanto o verbo do primeiro exemplo, quanto o verbo do segundo, apresenta uma situação completa, ou seja, em sua totalidade. Não há nenhuma chance de divisão do desenvolvimento em duas ou mais fases.

(12) Eu *trabalho* em uma loja de peças (Travaglia, 2006, p.79, grifo do autor).

Em (12), há um verbo no presente do indicativo e esta ação se caracteriza como uma situação que possui a duração contínua ilimitada, ou seja, indica que não há nenhuma interrupção em seu desenvolvimento e demonstra que o início e o término não são sugeridos na oração. O aspecto referido é o *indeterminado*. Travaglia (2006) explica que geralmente este aspecto está presente em frases que indicam situações “eternas” e que muitos autores consideram essas frases como atemporais, ou seja, não atualizam quanto ao tempo, como em: “A Terra gira em torno do Sol” (Travaglia, 2006, p. 43).

3.2 O GERÚNDIO E O PARTICÍPIO PRESENTE EM LATIM

O verbo no Latim Clássico era rico em formas nominais, as quais eram complexas, conforme afirma Câmara Júnior (1979). Entre elas, estavam: *o infinitivo, o particípio (passado, presente e futuro), o gerúndio, o gerundivo e o supino*. Na transição do Latim para as línguas românicas, essas formas foram severamente reduzidas e, no Português especificamente, ficaram apenas *infinitivo, particípio e gerúndio*. Interessam-nos particularmente, nesta subseção, o gerúndio e o particípio presente, uma vez que, no Português, o gerúndio assumiu funções anteriormente pertencentes ao particípio presente do Latim. Segundo Almeida (2000) e Faria (1958), o gerúndio do Latim é um substantivo verbal empregado na voz ativa e serve como uma variação do infinitivo. Almeida (2000) acrescenta que o gerúndio se flexiona pela 2ª declinação, abrangendo os casos *genitivo, dativo, ablativo e acusativo*. Portanto, faremos uma breve descrição desses casos, baseando-nos em Faria (1958).

O gerúndio genitivo é utilizado como complemento de substantivos ou de adjetivos. Conforme Camara Jr (1979), “no caso genitivo, sofreu o resultado da evolução que levou à substituição do genitivo, nos nomes, pelo acusativo com a preposição *de*” (Câmara Jr., 1979, p.137). Portanto, esse caso gramatical corresponde à combinação da preposição “de” com o infinitivo em português. Consideremos os exemplos a seguir:

(13) “(...) *virī boni sequuntur naturam, optimam **bene vivendi** ducem* (...)”

“os homens de bem seguem a natureza, o melhor guia **de bem viver**” (Faria, 1958, p. 459, tradução do autor, grifos nossos).

(14) “(...) *tacendi tempus est* (...)”

“é o tempo **de calar**” (Faria, 1958, p. 459, tradução do autor, grifos nossos).

Segundo Cardoso (2018), geralmente nos casos em que o genitivo do gerúndio complementa substantivos, estes podem ser abstratos, como é ilustrado no exemplo (14). Nesse exemplo, *tacendi* é regido pelo substantivo *tempus*.

O gerúndio dativo é utilizado como complemento de substantivos, adjetivos e verbos. De acordo com Faria (1958), a aplicação deste gerúndio como complemento de adjetivos era rara no período clássico, tornando-se mais frequente apenas em tempos posteriores. Quando empregado como complemento de verbos, o uso do dativo do gerúndio também apresenta baixa frequência, tanto no período clássico quanto no arcaico. A seguir, observemos o uso do gerúndio dativo:

(15) “(...) *Epidicum operam **quaerendo** dabo* (...)”

“(...) esforçar-me-ei para **procurar** Epídico (...)” (Faria, 1958, p. 460, tradução do autor, grifos nossos).

Neste caso (15), o dativo do gerúndio expressa a finalidade ou o propósito da ação principal.

O gerúndio acusativo é utilizado precedido pela preposição *ad* no período clássico e pode complementar verbos, substantivos ou adjetivos. Este caso também “fazia duplo papel com o infinitivo imperfeito e foi eliminado em proveito deste último” (Câmara Jr., 1979, p. 137). Vejamos alguns exemplos:

(16) “*non solum **ad dicendum** propensi sumus, verum etiam ad docendum*”

“não somos propensos unicamente **a falar**, mas ainda a ensinar” (Faria, 1958, p. 461, tradução do autor, grifos nossos).

(17) “(...) *inter aurum **accipiendum** (...)*”

“durante o **recebimento** do ouro” (Faria, 1958, p. 461, tradução do autor, grifos nossos).

Em alguns casos, como em (17), o acusativo pode ser precedido pela preposição *inter*, que equivale a *durante*.

O gerúndio ablativo funciona como complemento circunstancial de modo, instrumento ou meio, relacionando-se ao verbo principal. Além disso, pode ser empregado com algumas preposições, como *ab*, *ex*, *in* e *pro*, assumindo significados distintos. Vejamos o uso do caso ablativo no seguinte exemplo:

(18) “*hominis... mens **discendo** alitur et **cogitando** (...)*”

“a mente do homem se alimenta **aprendendo** e **meditando**” (Faria, 1958, p. 461, tradução do autor, grifos nossos).

No exemplo (18), *discendo* e *cogitando* complementa *alitur* e expressa a ideia de modo.

Dentre todas as formas nominais que são variação do infinitivo, apenas o gerúndio ablativo permaneceu nas línguas neolatinas. Especificamente, foi o gerúndio ablativo do latim que evoluiu para o gerúndio no português e nas demais línguas românicas. De acordo com Câmara Júnior (1980, p. 137), a persistência do gerúndio ablativo nas línguas românicas ocorreu devido ao desaparecimento do particípio presente como forma verbal. O gerúndio ablativo continua a exercer suas funções originais ligadas ao verbo, atuando como complemento de modo, meio e instrumento, e gradualmente assumiu também as funções que anteriormente pertenciam ao particípio presente do latim.

Segundo Campos (1980), o gerúndio ablativo foi o caso mais frequente desde o período arcaico. Isso se deve ao fato de que o ablativo do gerúndio expressa meio e instrumento, sendo esses os sentidos mais comuns atribuídos a ele. Campos (1980) observa que, no período arcaico e clássico, essa era sua principal função. De acordo com a autora, o gerúndio ablativo também era usado ocasionalmente para indicar circunstâncias de causa, tempo ou modo, mas a ideia de instrumento ainda predominava. Vejamos um exemplo ilustrado por Campos (1980):

(19) “... *atque//Illi fauillae plena, fumi ac pollinis// **Coquendo** sit faxo et **molendo***”

“... e farei com que ela, **cozinhando e moendo**, fique aos olhos dele, cheia de cinza, fumaça e farinha” (Campos, 1980, p. 12, tradução e grifos do autor).

Para a autora, os dois empregos de gerúndio, no exemplo (19), são complementos circunstanciais que indicam tanto causa, quanto instrumento.

Após apresentarmos o uso dos casos do gerúndio no latim, torna-se essencial abordar, ainda que brevemente, o particípio presente latino. Isso se justifica porque “em português, como em outros domínios românicos, o gerúndio do ablativo substituiu o emprego que fazia o latim clássico do particípio presente (...)” (Câmara Jr. 1979, p.137), deixando vestígios no português em alguns substantivos e adjetivos, como *o agente, uma estante, a amante*, entre outros (Câmara Jr., 1979). Enquanto o gerúndio ablativo expressava meio e instrumento, o particípio presente complementava o verbo da ação principal, indicando todas as outras circunstâncias existentes no período clássico. Vejamos:

(20) “*Quid enim? Censemus superiorem illum Dionysium... qui cultros **metuens** candente carbone sibi adurebat capillum?*”

“O que pensamos daquele antigo Dionísio... que, **tremendo** as navalhas, queimava o cabelo com brasa?” (Campos, 1980, p.12, tradução e grifos do autor).

Em (20), o particípio presente *metuens* funciona como complemento circunstancial de modo do verbo *adurebat*, indicando a maneira e a forma como Dionísio queimava o cabelo.

O particípio presente é apenas um dos casos do particípio no latim, que, por sua vez, constitui outra forma nominal do verbo. Conforme Almeida (2000), o significado e o emprego do particípio em latim diferem do significado e emprego em português, que se divide em três tipos: (i) particípio presente, (ii) particípio passado e (iii) particípio futuro. Algumas considerações a respeito:

(b) O **particípio passado** (*amatus, a, um*): 1º - declina-se como *bonus, a, um*, concordando em gênero, em número e em caso com o nome a que se refere:

2º - traduz-se por amado, amada, amado;

3º - pertence à voz passiva e nunca à ativa; não pode, portanto, referir-se a sujeito agente; jamais, pois, poderemos traduzir *amado* por *amatus* na frase: "Eu tenho amado", porque esta oração é ativa.

c) O **particípio futuro** tem duas formas, uma para a voz ativa, outra para a passiva.

1 - O **particípio ativo** termina em *urus, ura, urum* e se declina como *bonus, a, um*; concorda em gênero, em número e em caso com o nome a que se refere e se traduz, geralmente, por uma oração relativa: *tempōra ventura* = tempos que virão, que hão de vir.

2 - O **passivo**, geralmente chamado gerundivo, termina em *ndus, nda, ndum* e se declina como *bonus, a, um*; sempre denota ação futura e quase sempre indica obrigatoriedade, isto é, que a ação deve ser realizada: Cidades que vão ser destruídas, que devem ser destruídas = *urbes delendae* (...) (Almeida, 2000, p. 205, grifos do autor).

Reafirmando as observações de Almeida (2000) e apoiando-se em Faria (1958), o particípio latino atua como um adjetivo, desempenhando a função de qualificar ou caracterizar o substantivo a que se associa. Almeida (2000) menciona também que os particípios podem ser usados em graus comparativo e superlativo e, além disso, podem assumir a função de uma oração adjetiva relativa, considerando que adquirem valor adjetival. Retomando à questão do particípio presente, esta forma nominal do verbo, conforme Campos (1980), expressava durante o período clássico todas as outras circunstâncias atribuídas ao verbo da oração principal, como ilustrado no exemplo a seguir:

(21) “*Quid enim? Censemus superiorem illum Dionysium... qui cultros **mentuens** tonsorios candente carbone sibi adurebat capillum?*”

“O que pensamos daquele antigo Dionísio... que, **tremendo** as navalhas, queimava o cabelo com brasa?” (Campos, 1980, p. 12, tradução e grifos do autor).

No exemplo (21), o particípio *mentuens* está ligado ao verbo da oração principal *adurebat* e funciona como complemento circunstancial de modo. Portanto, esse particípio expressa a maneira ou a forma que Dionísio queimava o cabelo.

Serão apresentadas algumas possibilidades de empregos do particípio presente latino, a partir da descrição de Faria (1958). Eles podem empregar-se expressando ideia de: (a) tempo, correspondendo a uma oração subordinada adverbial temporal, onde os advérbios com valor temporal geralmente empregados juntamente com o particípio são *vixdum* (*apenas*), *statim* e *extemplo* (*imediatamente*), *non ante quam* (*não antes que*); (b) causa, correspondendo a uma oração subordinada adverbial causal, e as conjunções que geralmente são utilizadas com o particípio com valor de causa são *quippe* ou *utpote*, que equivalem a *porque*; (c) condição, correspondendo a uma oração subordinada adverbial condicional, onde as conjunções geralmente empregadas são *modo* (*contanto que*) e *nisi*, que só pode ser empregada quando a

oração principal é negativa; (d) concessão, correspondendo a uma oração subordinada adverbial concessiva, onde as conjunções adversativas geralmente empregadas com esse tipo de particípio presente são *etsi* e *quamquam*, que equivalem a *se bem que*, *conquanto*. Seguem os exemplos de cada valor circunstancial listado acima, identificadas pelas letras (a), (b), (c) e (d).

(a) “*quid dicam de Socrate cuius morti illacrimare soleo Platonem **legens***”

“que direi de Sócrates, por cuja morte costumo chorar quando **leio** Platão?” (Faria, 1958, p. 465-466, tradução do autor, grifos nossos).

(b) “*dis carus ipsis, quippe ter et quarter / anno **revisens** aequor Atlanticum / impune*”

“caro aos próprios deuses, pois que pode **rever** impunemente três ou quatro vezes por ano as ondas do Atlântico” (Faria, 1958, p. 465-466, tradução do autor, grifos nossos)..

(c) “*damnatum poenam sequi oportebat*”

“se fosse **condenado**, cumpria seguir-se a pena” (Faria, 1958, p. 465-466, tradução do autor, grifos nossos).

(d) “*at ur oculus, sic animus se non **videns** alia cernit*”

“mas como o olho, assim é a alma, embora não se **vendo**, distingue as outras coisas” (Faria, 1958, p. 465-466, tradução do autor, grifos nossos).

Conforme Almeida (1980) e Campos (1980), a diferença entre o gerúndio ablativo e o particípio presente era evidente. Posteriormente, no período imperial, as formas gerundiais passaram a ser traduzidas tanto em particípio presente quanto em gerúndio ablativo. Ou seja, “era comum encontrarem-se exemplos em que se usava um pelo outro, ou um ao lado do outro, exatamente com o mesmo valor sintático” (Campos, 1980, p. 13). Almeida (2000) apresenta dois exemplos baseados nesta afirmação: *Aprendeu lendo* e *respondeu lendo*. As formas *lendo* são empregadas com diferentes valores. No primeiro exemplo, o sujeito aprendeu por meio da leitura ou por causa da leitura. *Lendo* expressa o meio ou a causa de realizar a ação, caracterizando o uso do gerúndio ablativo. Já no segundo exemplo, atua o particípio presente, pois nesse caso, a ação de responder acontece simultaneamente à ação de ler, portanto, não exprime nenhuma ideia circunstancial. Considerando a afirmação de Almeida (2000), pode parecer equivocado afirmar que no segundo exemplo o verbo *lendo* não exprime nenhuma ideia

circunstancial. Na verdade, o uso do gerúndio pode expressar uma ideia circunstancial de modo ou de tempo simultâneo ao verbo da oração principal.

3.3 O GERÚNDIO DO PORTUGUÊS ARCAICO²

Campos (1980) buscou investigar o gerúndio em diversas fases, desde o Latim até o Português Contemporâneo, sobretudo o Português Arcaico (séculos XII ao XIV). Para ela, foi importante também estudar o particípio presente nesse período, visto que ainda era utilizado. Nesse contexto, o uso do particípio presente reduziu-se significativamente, tanto em orações subordinadas adverbiais reduzidas quanto nas adjetivas. Segundo a autora, as ocorrências dessa forma nominal são encontradas regularmente apenas em documentos religiosos, diretamente influenciados pelo latim eclesiástico. Vejamos o exemplo:

(22) “Eu rei Don Afonso, pela gracia de Deus rei de Portugal, *seendo* sano e saluo e *temete* o dia de mia morte, a saude de mia alma... fiz mia made...” (Campos, 1980, p. 25, grifos do autor).

Segundo Campos (1980), em (22) o emprego do particípio presente ocorre paralelamente ao do gerúndio com regência verbal. No português arcaico, o gerúndio latino já apresentava certa equivalência com o gerúndio do português contemporâneo, embora com algumas diferenças. Campos (1980) identificou tipos de gerúndio que são comuns atualmente, tais como o gerúndio adjetivo, coordenado, circunstancial e as perífrases. A autora destaca, no entanto, que não encontrou ocorrências de gerúndios em orações independentes. Embora o gerúndio de diferentes épocas apresente similaridades em certos aspectos, ainda existem diferenças notáveis, como algumas características e usos do gerúndio que, neste período, eram menos frequentes em comparação com o português contemporâneo.

Dentre todos os tipos de gerúndio identificados por Campos (1980), o gerúndio circunstancial foi o mais frequentemente utilizado desde o português arcaico, apresentando uma grande variedade de valores circunstanciais. No que diz respeito às características do gerúndio circunstancial, similares às do português contemporâneo, destaca-se a flexibilidade de sua

² Não foram encontradas outras fontes que apresentem o emprego do gerúndio no Português Arcaico, exceto Campos (1980).

colocação na oração. Ele pode ser associado tanto ao sujeito da própria oração quanto ao da oração principal, podendo aparecer antes ou depois deste último. Este tipo de gerúndio também pode reger complementos, como objetos direto e indireto, sendo estes os usos mais comuns. Além desses casos, que envolvem verbos transitivos, o gerúndio circunstancial também ocorre com verbos intransitivos e como verbo de ligação.

No Português Arcaico (PA), o gerúndio já não se restringia, como no Latim, aos valores semânticos de meio e instrumento. Ele passou a expressar uma ampla gama de valores, incluindo modo, tempo, causa, condição, concessão e finalidade. Segundo a análise da autora, as ocorrências do gerúndio circunstancial foram encontradas, em ordem decrescente de frequência, como: modais, temporais, causais, condicionais, finais e concessivas. Por exemplo:

1) modal

“E, tamto que o vio, dyse-lhe *chorando*...(...)”

2) temporal

“Dom Diego Lopez era muy boo monteyro e, *estado* huu dia em sa armada e atemdendo quando verria o porco, ouuyo cantar muyta alta voz huua molher... (...)”

3) causal

“...que tão somente hu homem que a toma en hu laço no se ousa chegar a ella, *temendo-sse* do golpe que d’ella entende de aver (...) (*temendo* = porque teme).”

4) condicional

“- Nom sejaes, disse o Meestre, mas rrogo-vos todavia que vos vades d’aqui e me aguardees pera o jamtar, ca eu, Deos *querendo*, tamto que isto for feito, logo hirei comer com vosco (...) (*Deos querendo* = se Deus quiser).

5) consessivo

“... e isto lhes era grave de fazer, tornarem por fôrça para tal lugar, onde, *chorando*, não esperavam ser recebidos” (...) (*chorando* = embora chorassem)

6) final

“Por cuja rrezam o dito Fernam Lopez despendeo muito tempo em mandar per os moesteiros e igrejas *buscando* os cartorios e os letreiros d’ellas pera auer sua enformaçam...” (*buscando* = para que buscassem) (Campos, 1980, p. 31-32, grifos do autor).

As perífrases verbais com gerúndio são frequentemente compostas com verbos que indicam movimento. Dentre os três verbos auxiliares de movimento — ir, andar e vir —, o mais empregado é o verbo *ir*. Essas perífrases (*ir* + *gerúndio*) podem expressar diversos valores semânticos, tais como progressivo, imperfectivo e durativo, como podemos observar em (23) em que o gerúndio possui valor progressivo:

(23) “... e pouco a pouco *fora amoletando* os corações das gentes...” (Campos, 1980, p. 33-34, grifos do autor).

Com relação à perífrase *andar* + *gerúndio*, Campos (1980) afirma que o verbo *andar* ainda não estava completamente gramaticalizado. Por isso, dependendo da sentença, seu grau de gramaticalização pode variar. Como podemos observar no exemplo (24), a gramaticalização do verbo *andar* é menos acentuada:

(24) “E elles, quando este nome ouuiron... e o ouuirõ-no *andar laurando* com os bois que eram taaes como aquelles que o papa dissera com que elle leuaria, quando fosse achado” (Campos, 1980, p. 34, grifo do autor).

Foi encontrado apenas um caso da perífrase *vir* + *gerúndio*. Assim como na perífrase *andar* + *gerúndio*, observa-se uma fase inicial de gramaticalização, conforme ilustrado no exemplo (25):

(25) “... e tornamdo-sse todos *viinham dizendo*...” (Campos, 1980, p. 34, grifo do autor).

Além das perífrases com verbos auxiliares que indicam movimento, existem outras formadas com os verbos auxiliares *estar* e *ser*. O verbo *estar* é empregado mais frequentemente do que o verbo *ser* nas perífrases que exprimem o estado do sujeito. Perífrases formadas tanto com o verbo *ser* quanto com *estar* tendem a ter a mesma significação semântica, geralmente expressando a continuidade da ação. Vejamos os exemplos em (26) e (27):

(26) “Alli foram dizer a elrrey que a rainha *sija choramdo*.” (Campos, 1980, p. 35, grifos do autor). (*ser* + *gerúndio*).

(27) “E pello muro e pello quampo *estauam-nos aguardando* aquela multidom de jente...” (Campos, 1980, p. 35, grifos do autor). (*estar* + *gerúndio*).

Quando um verbo é empregado com o gerúndio e mantém parte de sua significação original, ele é chamado de verbo semi-auxiliar. De acordo com a investigação da autora, foram

encontradas duas ocorrências do verbo *quedar* em (28) e uma ocorrência do verbo *ficar* em (29). Vejamos:

(28) “Mays, quando ela soubo, que en toda gisa lle conuerria leixar a villa e yr-sse para a oste, ouuo onde gran pesar e gran coyta eno coraçon... e tan gran deseio auya de Troylos que nunca *quedaua chorando* e *dando* grandes suspiros”. (Campos, 1980, p. 35, grifos do autor).

(29) “El-rey *ficou cuydamdo* quem poderya ser aquela dona que tam grande riqueza lhe mostrara...” (Campos, 1980, p. 35, grifos do autor).

Outro uso do gerúndio é como adjetivo, que era pouco empregado no Português Arcaico. Entre todas as formas de uso do gerúndio identificadas por Campos (1980), aquela que equivale a uma oração subordinada adjetiva foi a mais rara nesse período. Nessas construções, o gerúndio expressa uma ação transitória, atribuindo características ao sujeito da oração principal. Em contraste, o gerúndio coordenado teve uma presença significativa nesta fase do português. Esta forma nominal corresponde a uma oração coordenada aditiva ou adversativa, como demonstrado nos exemplos (30) e (31):

(30) “quando virom seu caudell, desejando sa vida sobre todallas cousas, faziam cada vez melhor, *crecedo-lhes* as forças, como aquelles que eram mazellados da perda de tall amigo...” (*crecedo-lhes* = e cresciam-lhes). (Campos, 1980, p. 33, grifos do autor).

(31) “...tal que nenhuma por estomçeera a ella semelhavel em bem parecer e dulçidom de falla, *sofrendo-nos pore*m de a prasmear d’alguumas cousas...” (*sofrendo-nos pore*m = sofria-nos, porém) (Campos, 1980, p. 33, grifos do autor).

O autor chegou às determinadas conclusões a partir de suas análises do gerúndio no Português Arcaico:

- 1- Emprego restrito do gerúndio equivalendo a orações adjetivas.
- 2- Uso frequente das preposições *em* e *sem* junto ao gerúndio circunstancial.
- 3- Maior frequência das perífrases formadas com verbos de movimento do que com verbos de estado.
- 4- Formação de perífrases com o verbo *ser* (Campos, 1980, p. 35, grifos do autor).

3.4 O GERÚNDIO NO PORTUGUÊS CLÁSSICO³

Campos (1980) realizou um estudo sobre o emprego do gerúndio desde o século XVI até o século XIX, um período que abrange o Português Clássico e antecede o Português Contemporâneo. Este intervalo de tempo é significativo para entender a evolução do gerúndio, que também foi amplamente utilizado no Português Arcaico. De acordo com Campos (1980), durante o Português Clássico, “o gerúndio deixa de ter algumas características próprias do período arcaico, como as perífrases com *ser* e o emprego das preposições *em* e *sem* junto ao gerúndio circunstancial” (Campos, 1980, p. 37). Ademais, nessa fase, diversos tipos de gerúndio começaram a se desenvolver e se tornaram mais comuns no século XX. A pesquisa identificou cinco categorias principais de gerúndio no Português Clássico: predominantemente circunstanciais, adjetivos, coordenados, um único caso exclamativo, e em perífrases.

De acordo com Campos (1980), o uso do gerúndio circunstancial mantém-se consistente entre o período arcaico e o contemporâneo da Língua Portuguesa. Os aspectos que configuram a utilização deste gerúndio circunstancial são similares em ambos os períodos. Estes incluem a conexão com o sujeito, o caráter verbal (incluindo o regime verbal), a expressão temporal (relacionada ao posicionamento do gerúndio em relação ao verbo principal) e os valores semânticos associados.

Quanto aos valores semânticos, o uso do gerúndio circunstancial pode também indicar diferentes relações temporais, como simultaneidade, anterioridade e posterioridade. Como podemos ver no caso a seguir:

(32) ““Vós, diz Cristo, Senhor nosso, *falando* com os pregadores, sois o sal da terra ...” (Vieira, Pe. A. – *Sermão de Sto. Antonio*, 1, vol. XI, 157)” (Campos, 1980, p. 38, grifos do autor).

Em (32), o verbo *falando* indica simultaneidade com relação ao verbo *sois* que integra a oração principal.

³ Não foram encontradas outras fontes que apresentem o emprego do gerúndio no Português Clássico, exceto Campos (1980).

Quanto aos valores semânticos do gerúndio circunstancial, tem-se os modais, temporais, causais, condicionais, concessivos, consecutivos e finais. Vejamos um exemplo a seguir:

(33) ““Sobre o capim aljofarado de fresco, os andorinhões, ... recomeçam a esvoaçar em círculo, ora quase *tocando* o chão, ora pelo ar além de envolta com viúvas ...” (Taunay, A. d’E. – *Céus e Terras do Brasil*, A Tarde, 62)” (Campos, 1980, p. 39, grifos do autor).

Em (33), *tocando* indica o modo da ação *recomeçar a esvoaçar*, atuando com uma oração subordinada adverbial reduzida de modo.

(34) “Porque, *subindo* ao pulpito um destes pregadores, começa logo a dourar auroras, derramar perolas, desperdiçar aljofres, fazendo vários elogios ao sol, lua e estrelas.” (Marques Pereira, N. – *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*, vol. II, XVI, 192)” (Campos, 1980, p. 40, grifos do autor).

Em (34), *subindo* indica o tempo das ações *começar logo a dourar*, *derramar pérolas*, *desperdiçar aljofres*, equivalendo a *quando sobe*. Sintaticamente, o gerúndio neste contexto funciona como oração subordinada adverbial reduzida de tempo.

Conforme identificado por Campos (1980), o gerúndio adjetivo funciona como um adjetivo, associando-se ao sujeito, ao objeto ou a outros termos conectados por preposições. Este tipo de gerúndio frequentemente atribui uma qualidade permanente aos elementos mencionados. No entanto, no corpus analisado pela autora, não foi identificado nenhum caso de qualidade permanente, apenas ações transitórias. Além disso, no Português Clássico, observou-se uma maior variedade no uso do gerúndio adjetivo em comparação ao Português Arcaico.

(35) ““A um só tempo viram-se fartas mangas de água *chicoteando* o fogo por todos os lados ...” (Azevedo, A. – *O Cortiço*, XVII, 205)” (Campos, 1980, p. 41, grifos do autor).

Em (35), o gerúndio *chicoteando* refere-se ao sujeito e expressa uma ação transitória. *Chicoteando* equivale a *que chicoteavam*.

De acordo com Campos (1980), não houve inovações no uso do gerúndio coordenado entre o Português Clássico (PC) e o Português Arcaico (PA). Além disso, não foram identificados gerúndios coordenados com função adversativa. Campos (1980) não considerou essa ausência significativa, atribuindo-a ao tamanho limitado do *corpus* analisado. Portanto, a maioria dos casos identificados de gerúndio coordenado apresentou função aditiva. Vejamos:

(36) “Êste acidente aumentou os respeitos a Diogo Álvares, de sorte que todos os gentios de maior suposição lhe deram as filhas por concubinas, e o Senhor principal a sua por esposa, *conferindo-lhe* o nome de Caramuru-açu, que no seu idioma é mesmo que Dragão...” (Rocha Pita, S. – *História da América Portuguesa*, livro I, 44-45)” (Campos, 1980, p. 41, grifos do autor).

Em (36), o verbo no gerúndio utilizado desempenha a função de gerúndio coordenado aditivo, isto é, adicionam outra ação. Portanto, *conferindo* equivale a *e conferiu*.

Outro tipo de gerúndio elencado por Campos (1980) é o gerúndio em orações independentes, que foi identificado apenas um caso, empregado em uma oração exclamativa. Segundo a autora, “começaram a surgir, neste período, ocorrências do gerúndio em orações independentes. São casos em que o gerúndio não se subordina a uma outra oração e tem sujeito próprio. Equivale, deste modo, a um tempo do Indicativo” (Campos, 1980, p. 42), conforme podemos observar no exemplo a seguir:

(37) ““Hoje em dia o sítio ia em bom andamento, e os filhos dos antigos senhorios *trabalhando* nêle a jornal!” (Paiva, M. O. – *Dona Guidinha do Poço*)” (Campos, 1980, p. 42, grifos do autor).

O último tipo de gerúndio abordado por Campos (1980) foram as perífrases com gerúndio. Com a chegada do período do Português Clássico, a autora observa que algumas formas de perífrases com gerúndio desaparecem, como a perífrase *ser* + *gerúndio*, enquanto novas formas surgem, como a perífrase *acabar* + *gerúndio*, que expressa um aspecto

terminativo. Entre todos os tipos estudados, as perífrases envolvendo verbos de movimento⁴ são as mais frequentes. Vejamos dois exemplos das perífrases:

(38) ““... chegou ao rio Paraguaçu, onde meteu a pique duas naus francesas que *estavam comerciando* com os Gentios.” (Rocha Pita, S. – *História da América Portuguesa*, livro I, 42)” (Campos, 1980, p. 42, grifos do autor).

Na perífrase *estar + gerúndio*, como em (38), a estrutura indica a continuidade ou progressão da ação na oração principal. Conforme Campos (1980), o significado desta construção permaneceu sem alterações desde o Português Arcaico.

(39) ““Brandonio – ... E porque o sol se *vai* já *transpondo*, me quero passar a tratar de pomar prometido, do qual o primeiro fruto quero que seja os figos...” (Fernandes Brandão, A. – *Diálogos das Grandezas do Brasil*, Diálogo Quatro, 215)” (Campos, 1980, p. 43, grifos do autor).

No exemplo (39), é utilizadas as construções *ir + gerúndio*. Este tipo de perífrase indica aspecto de progressão. Porém em outros casos podem indicar também aspectos, de duração, imperfectivo ou iminência de um fato ou ação.

A autora chega a algumas conclusões sobre o uso do gerúndio nos séculos XVI ao XIX. Uma das descobertas é que surgiram usos que não existiam no Período Arcaico, como o gerúndio em oração independente, o que representa um novo uso, mesmo que tenha sido registrado apenas uma vez. Outra novidade é a perífrase *acabar + gerúndio*, que apresenta um aspecto terminativo e não existia no período arcaico. Além desses acréscimos, observam-se algumas eliminações, como a perífrase *ser + gerúndio*. Portanto, há um significativo desenvolvimento nos empregos do gerúndio de uma época para outra, refletindo mudanças importantes.

⁴ Conforme Campos (1980), no século XIX especificamente, há uma mudança quanto às perífrases formadas com verbos de movimento. As perífrases com verbo *estar*, que indica estado, sobressai as demais perífrases, sobretudo as de movimento que tinha maior número nos outros séculos (XVI ao XVIII).

3.5 O GERÚNDIO NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

O gerúndio tem sido objeto de estudo e discussões por parte de linguistas e gramáticos ao longo dos anos, desde sua origem no Latim. Esta forma nominal do verbo, com suas diversas nuances, desempenha múltiplos papéis dentro do sistema verbal. Nesta subseção, exploraremos o gerúndio no Português Contemporâneo à luz das gramáticas e dos estudos descritivos, através das perspectivas de alguns gramáticos e linguistas, investigando seus usos, características e interpretações.

3.5.1 O gerúndio na língua portuguesa: à luz das gramáticas

3.5.1.1 Cunha e Cintra (2016)

Na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Cunha e Cintra (2016) dedicam um capítulo detalhado à discussão sobre verbos. Especificamente em relação ao gerúndio — que, junto ao infinitivo e ao particípio, constitui uma das formas nominais dos verbos — os autores incluem uma tabela concisa que ilustra a formação do gerúndio. Esta forma verbal é caracterizada pela remoção do sufixo *-r* do infinitivo, resultando na combinação do radical do verbo com o sufixo *-ndo* (por exemplo, *cantar* se transforma em *cantando*; *vender* em *vendendo*; *partir* em *partindo*).

No que se refere às locuções verbais, eles definem locuções como conjuntos formados por dois verbos: um auxiliar e um principal. Nessas estruturas, apenas o verbo auxiliar é conjugado, pois o verbo principal aparece sempre em uma das formas nominais (*infinitivo, particípio ou gerúndio*). O verbo auxiliar *estar* é frequentemente empregado com o gerúndio ou com o infinitivo precedido pela preposição *a*, a fim de expressar uma ação contínua e durativa. Vejamos os seguintes exemplos:

(40) *Estava ouvindo* música (Cunha e Cintra, 2016, p. 410, grifo do autor).

(41) *Estava a ouvir* música. (Cunha e Cintra, 2016, p. 410, grifo do autor).

No Português Brasileiro, a construção *estar* ou *andar* + *verbo no gerúndio* é frequentemente utilizada, e, conforme mencionado pelos autores, é uma das formas mais

antigas empregadas na língua. Essa estrutura também é comum nos países africanos de língua portuguesa e nos dialetos centro-meridionais de Portugal. Em contraste, nos dialetos setentrionais de Portugal e no português-padrão, predomina a construção *estar* ou *andar* + *preposição a* + *infinitivo*. Essa forma é amplamente utilizada pelos falantes e carrega a mesma significação semântica de ação durativa e contínua que a construção *estar* ou *andar* + *verbo no gerúndio*.

Cunha e Cintra (2016) destacam um aspecto relevante: além dos verbos auxiliares tradicionalmente mencionados em sua gramática (*ter*, *haver*, *ser*, *estar*), outros verbos também podem exercer essa função, tais como *ir*, *vir*, *andar*, *ficar* e *acabar*, além de alguns que são empregados com o infinitivo. Especificamente, a construção *ir* + *gerúndio* indica que a ação ocorre de forma progressiva e/ou em etapas sequenciais. Essa dinâmica é ilustrada nos exemplos fornecidos pelos autores:

(42) O navio *ia encostando* no cais (Cunha e Cintra, 2016, p. 411, grifo do autor).

(43) Os convidados *iam chegando* de automóvel (Cunha e Cintra, 2016, p. 411, grifo do autor).

No primeiro caso, (42), a construção *ir* + *gerúndio* expressa uma ação que ocorre pouco a pouco, enquanto a segunda, (43), expressa uma ação sucessiva.

Quando a ação se desenvolve de forma gradual, o verbo auxiliar *vir* é empregado com o verbo no gerúndio. Esta construção é similar àquela que utiliza o verbo auxiliar *ir*, como pode ser observado no exemplo a seguir:

(44) *Vinha rompendo* a madrugada (Cunha e Cintra, 2016, p. 411, grifo do autor).

No caso do verbo auxiliar *andar*, quando utilizado com o gerúndio ou com o infinitivo precedido pela preposição *a*, assim como ocorre com o verbo auxiliar *estar*, ele indica uma ação contínua e durativa. Exemplos dessa utilização são apresentados a seguir:

(45) *Ando lendo* os clássicos (Cunha e Cintra, 2016, p. 412, grifo do autor).

(46) *Ando a ler* os clássicos (Cunha e Cintra, 2016, p. 412, grifo do autor).

O verbo auxiliar *ficar* pode ser empregado tanto com o gerúndio quanto com o infinitivo precedido pela preposição *a*:

(47) *Fiquei cantando* (Cunha e Cintra, 2016, p. 412, grifo do autor).

(48) *Ficava a cantar* (Cunha e Cintra, 2016, p. 412, grifo do autor).

Nos exemplos (47) e (48), as construções com o verbo auxiliar *ficar* indicam uma ação mais prolongada do que aquela expressa pela construção *estar + gerúndio*. Além disso, essas construções sugerem uma ação durativa e realizada de maneira habitual.

Embora os autores não forneçam exemplos ou informações sobre as construções com o verbo auxiliar *acabar* e o verbo no gerúndio na gramática, vale a pena explorar essa construção. A expressão *acabar + gerúndio* sugere muitas vezes uma ação com um caráter inesperado ou imprevisto, como nos exemplos: *Eu acabei comprando um novo notebook ontem* ou *Nós acabamos vindo para a festa*. Além disso, pode indicar uma ação feita a contragosto ou sem o desejo inicial de realizá-la, exemplificado em *Eu acabei fazendo o bolo*. Esta construção também pode expressar um processo gradual, como em *Você acaba se acostumando com isso*, e denotar uma ação habitual, que ocorre regularmente, ilustrada por: *Eu sempre acabo me atrasando nas sextas-feiras*.

Cunha e Cintra (2016) dedicam atenção especial à formação dos tempos compostos, particularmente aqueles formados com os verbos *ter* ou *haver* e o *particípio*. Nos tempos compostos, o gerúndio no pretérito é estruturado com o verbo *ter* ou *haver* no gerúndio, seguido do verbo principal no *particípio* (por exemplo, *tendo cantado*; *havendo cantado*). Na voz ativa, e na voz passiva, temos exemplos como *sendo louvado* (no presente) e *tendo sido louvado* (no pretérito). Os autores também detalham a conjugação de verbos reflexivos em diversos modos e tempos, destacando a forma nominal de gerúndio. Exemplos incluem tanto o presente, como em *lavando-se* (com o pronome enclítico) e *se lavando* (com o pronome proclítico), quanto o pretérito, como em *tendo-se lavado* (com o pronome enclítico) e *se tendo lavado* (com o pronome proclítico).

No que diz respeito às orações subordinadas, existem as desenvolvidas e as reduzidas. As orações subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais são classificadas como reduzidas quando não requerem a presença de pronomes relativos ou conjunções subordinativas e

apresentam o verbo em uma das formas nominais: infinitivo, particípio ou gerúndio. Elas podem aparecer de forma simples (49) ou em uma locução verbal (50), conforme se observa nos exemplos a seguir:

(49) *Chegando à rua, / arrependi-me de ter saído.* (Cunha e Cintra, 2016, p. 625, grifo do autor).

(50) O que me lembrou esta data foi, / *estando a beber café*, / o pregão de um vendedor de vassouras e espanadores. (Cunha e Cintra, 2016, p. 625, grifo do autor).

Cunha e Cintra (2016) classificam as orações reduzidas de gerúndio em adjetivas e adverbiais. Conforme o nome indica, nas orações reduzidas adjetivas, o gerúndio assume valor de adjetivo, como se pode observar nas sentenças apresentadas pelos autores:

(51) Virou-se e viu a mulher / *dando com a mão / fazendo sinal* / para que ele voltasse. (Cunha e Cintra, 2016, p. 628, grifo do autor) [= que dava com a mão; = que fazia o sinal].

(52) Vi um grupo de homens / *conversando*. / (Cunha e Cintra, 2016, p. 628, grifo do autor) [= que conversavam].

Nos casos das orações reduzidas adjetivas de gerúndio, ((51) e (52)), os autores chamam a atenção para a observação de que alguns gramáticos consideram esse uso como um galicismo, atribuindo ao gerúndio o valor de uma oração adjetiva.

Conforme Cunha e Cintra (2016), as orações reduzidas adverbiais de gerúndio têm predominantemente o valor de orações subordinadas adverbiais de tempo, uma vez que sua significação tende a enfatizar um aspecto temporal. Vejamos o exemplo a seguir:

(53) *Passando hoje pela porta do meu compadre José Amaro, /* ele me convidou para tomar conta de sua causa. (Cunha e Cintra, 2016, p. 629, grifo do autor) [= quando passei].

As orações reduzidas adverbiais de gerúndio podem também ter outros valores, como as causais, que expressam a causa ou o motivo da oração principal. Vejamos:

(54) *Pressentindo* / que as suas intenções haviam sido adivinhadas, Macedo tentou minorar a situação. (Cunha e Cintra, 2016, p. 629, grifo do autor). [= porque pressentiu]

As concessivas expressam uma concessão, ou seja, uma ideia de contraste ou oposição à oração principal. Podemos observar, por exemplo:

(55) Aqui mesmo, / *ainda não sendo padre*, / se quiser florear com outros rapazes, e não souber, há de queixar-se de você, Mana Glória. (Cunha e Cintra, 2016, p. 630, grifo do autor). [= mesmo que não seja padre].

Por fim, as orações reduzidas de gerúndio adverbiais condicionais expressam uma condição que, quando satisfeita, influencia a ação na oração principal, como apresenta-se no exemplo a seguir:

(56) *Pensando bem*, / tudo aquilo era muito estranho. (Cunha e Cintra, 2016, p. 630, grifo do autor). [= se pensar bem]

3.5.1.2 Bechara (2019)

No que se refere às formas nominais, o autor explica que elas são assim denominadas porque, além de possuírem valor verbal, também desempenham funções típicas de nomes, ou seja, podem exercer funções tanto nominais quanto verbais. Para esclarecer essa explicação, Bechara (2019) discute o gerúndio, assegurando que esta forma nominal pode desempenhar dois papéis: de adjetivo e de advérbio. Quando atua como adjetivo, o gerúndio frequentemente é considerado um galicismo; no entanto, ele afirma que o uso do gerúndio com valor adjetivo é muito antigo na língua portuguesa, exemplificado quando o gerúndio substitui o particípio presente (por exemplo, *água fervendo* em lugar de *água fervente*). Em relação ao gerúndio como advérbio, ele não apresenta considerações detalhadas do ponto de vista semântico ou sintático. Ele oferece um exemplo: *amanhecendo*, *sairemos*, que interpreta como *logo pela manhã sairemos*, denotando valor temporal. Ademais, o gerúndio, juntamente com o particípio e o infinitivo impessoal, pode também ser classificado entre as *formas infinitas*, uma vez que não especificam as pessoas do discurso.

No que tange às locuções verbais, Bechara (2019) sustenta que o verbo auxiliar frequentemente confere ao verbo principal (que pode estar nas formas de infinitivo, particípio

e gerúndio) uma significação semântica específica, influenciando os aspectos verbais, enquanto apenas os verbos auxiliares flexionam em número, pessoa, tempo e modo. O autor destaca que os verbos auxiliares *acurativos* são usados tanto com o infinitivo quanto com o gerúndio do verbo principal para indicar com precisão o aspecto temporal da ação, como o início de uma ação, a iminência de uma ação, a continuidade da ação (por exemplo, *continua escrevendo*), o desenvolvimento gradual da ação, ou a duração (exemplos sugerem *andar escrevendo*, *vir escrevendo*, *ir escrevendo*).

Bechara (2019) também faz observações importantes e nota que no Brasil é mais comum a construção *estar + verbo -ndo* (por exemplo, *estar escrevendo*), enquanto em Portugal predomina a construção *estar + a + verbo no infinitivo* (por exemplo, *estar a escrever*), embora esta não seja a única forma usada. Além disso, é mais comum o emprego do verbo auxiliar *estar* com o gerúndio ou o infinitivo precedido de *a* para expressar ações que ocorrem de forma gradual ou progressiva. Outro ponto levantado pelo autor é o uso indevido do gerundismo, que, apesar de não fazer parte da gramática normativa, como em *vou estar transferindo sua ligação* ao invés de *vou transferir sua ligação*, já se incorporou à oralidade da linguagem moderna, conforme afirmado por Bechara (2019).

O autor também discute o uso do gerúndio em orações subordinadas reduzidas. Diante das diversas concepções sobre orações reduzidas na gramática portuguesa, o autor atribui um status distinto a essas orações, destacando sua autonomia sintática dentro do enunciado. Essas orações podem ter estruturas análogas às orações com verbos em forma finita, possibilitando que orações reduzidas se convertam em desenvolvidas. Por exemplo, a oração reduzida *chovendo, não sairei* pode ser expandida para a forma desenvolvida *se chover, não sairei*.

As orações reduzidas podem ser classificadas como adjetivas ou adverbiais. As orações adjetivas têm a função de modificar um substantivo ou pronome, frequentemente indicando uma característica ou uma ação transitória, conforme ilustrado no exemplo abaixo, retirado de Bechara (2019):

(57) ““cujos brados selvagens de guerra começavam a soar ao longe como um trovão *ribombando* no vale” [AH.3, 218, ed. De 1878]” (Bechara, 2019, pág. 541, grifo do autor).

No exemplo (57), o gerúndio é empregado para transmitir a ideia de uma duração breve ou temporária em uma determinada situação, atribuindo ao pronome ou ao substantivo uma qualidade, atividade ou modo de ser.

As adjetivas também podem indicar uma atividade permanente como em Bechara (2019):

(58) “O livro V, *compreendendo* as leis penais, aquele que, após os progressos efetuados na legislação e na humanidade, mais carecia de pronta reformação” [LCo.1, I, 288] (Bechara, 2019, pág. 541, grifo do autor).

As orações reduzidas adverbiais são apresentadas por Bechara (2019) e equivalem a:

(a) Uma oração causal:

(59) “*Vendo* este os seus maltratados, mandou disparar algumas bombardas contra os espingardeiros” [A.H 2, 97] (Bechara, 2019, pág. 547, grifo do autor). *Vendo* equivale a *porque visse*.

(b) Uma oração consecutiva:

(60) “Isto acendeu por tal modo os ânimos dos soldados, que sem mandado, nem ordem de peleja, deram no arraial do infante, *rompendo-o* por muitas partes” [A.H 2, 97] (Bechara, 2019, pág. 547, grifo do autor). *Rompendo-o* equivale a *e como consequência o romperam*.

(c) Uma oração concessiva:

(61) *Tendo* mais do que imaginavam não socorreu os irmãos (Bechara, 2019, pág. 548, grifo do autor). *Tendo* equivale a *embora tivesse*.

(d) Uma oração condicional:

(62) *Tendo livres as mãos*, poderia fugir do cativoiro (Bechara, 2019, pág. 548, grifo do autor). *Tendo livres as mãos* equivale a *tivesse livres as mãos*.

(e) Uma oração que denota modo/meio/instrumento:

(63) “Um homem agigantado e de fera catadura saiu da choupana *murmurando sons mal-articulados*” [AH. 1 *apud* ED. 2, §316, b, 1] (Bechara, 2019, pág. 548, grifo do autor). *Murmurando sons* equivale a ... Apenas estas não podem ser desenvolvidas.

(f) Uma oração temporal:

(64) “El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela última vez, sorriu-se e disse *voltando-se*: Por que virá o conde quase de luto à festa?” [RS *apud* FB. 5, 205] (Bechara, 2019, pág. 548, grifo do autor). *Voltando-se* equivale a *enquanto se voltava*.

Bechara (2019) não fornece mais informações sobre os usos das construções circunstanciais do gerúndio, limitando-se a mostrar algumas equivalências que o uso do gerúndio pode ter em cada oração. Em outra seção, o autor discute algumas características do gerúndio do ponto de vista sintático, embora essas características não estejam relacionadas às circunstâncias das orações reduzidas adverbiais. Essas observações referem-se principalmente à posição do sujeito nas orações reduzidas. Vejamos o exemplo abaixo, retirado de Bechara (2019):

(65) “A guerra diplomática andava acesa em Roma, *lindando o enviado português* por contrariar com energia os meneios e dilações do Cardeal Torregiani” [LCo.1, 180] (Bechara, 2019, pág. 558, grifo do autor).

Segundo Bechara (2019), nas orações reduzidas de gerúndio, o sujeito geralmente aparece após o verbo da oração principal, como ilustrado no exemplo (65). No entanto, em construções perifrásticas, o sujeito pode posicionar-se após o verbo auxiliar.

3.5.1.3 Rocha Lima (2022)

Na sua definição de verbo, Rocha Lima (2022) propõe que existem diversas variações ou acidentes gramaticais que compõem o sistema verbal. Esses acidentes refletem algumas ideias, incluindo: (a) modo, (b) tempo, (c) número, (d) pessoa e (e) voz. Em particular, o autor dá uma atenção especial à compreensão do modo do verbo, o qual ele caracteriza como as diferentes formas sob as quais o falante compreende o significado contido no verbo, e o divide em três: indicativo, subjuntivo e imperativo. Rocha Lima (2022) não apenas define modo, como

critica a abordagem tradicional dos gramáticos por considerarem as formas nominais (infinitivo, particípio e gerúndio) como modo, afirmando que têm “vacilado” nesse aspecto. Ele ressalta que, na gramática clássica, as formas nominais eram chamadas de formas *infinitas*, em contraste com as formas do indicativo, subjuntivo e imperativo, denominadas *formas finitas*. Alguns autores modernos as designaram como *formas nominais*, ou até *verboides*⁵, conforme observado pelo autor (2022).

No que diz respeito ao uso do gerúndio, o autor destaca sua natureza adverbial, devido às diversas circunstâncias de lugar, tempo, modo e condição que elas podem expressar. No entanto, a análise de Rocha Lima (2022) não fornece explicação detalhada sobre as condições específicas para o uso do gerúndio em relação a essas circunstâncias. Essa lacuna desta explicação, nos leva a considerar a importância das sentenças reduzidas como parte das orações subordinadas que, majoritariamente, incluem o verbo em uma das formas nominais (por exemplo: ***Chegando*** o verão, iremos à praia), oferecendo uma oportunidade para melhor compreender o emprego do gerúndio. Rocha Lima (2022) postula que há dois critérios em relação às orações: (a) função e (b) forma. A função refere-se à natureza substantiva, adjetiva ou adverbial da oração subordinada em relação à oração principal. Já a forma, trata-se das orações que fazem uso do gerúndio, isto é, as orações reduzidas.

Além disso, o autor postula que nem sempre as equivalências entre as orações reduzidas e as orações desenvolvidas são possíveis na língua portuguesa. Ele afirma que existe a possibilidade de converter uma oração reduzida em desenvolvida, salvo as orações modais reduzidas tanto de gerúndio, quanto de infinitivo. Segundo Rocha Lima (2022), as orações com gerúndio podem ser adjetivas e adverbiais. A primeira, respectivamente, acontece quando o gerúndio da oração principal, que está preso a um substantivo ou pronome, exprime uma ação em desenvolvimento. Esses casos são pontuais. Em relação às adverbiais de gerúndio, estas podem equivaler às circunstâncias já mencionadas por Rocha Lima (2022): lugar, tempo, modo e condição, etc. Apenas as orações modais são empregadas em orações reduzidas, por razão de não existirem conjunções modais. É possível notar, através das discussões trazidas por Rocha Lima (2022) que as orações reduzidas são correspondentes às desenvolvidas.

⁵ apud Rodolfo Lenz, *La oración y sus partes*, 3ª ed., Madri: *Revista de filologia española*, 5(1935), p.396.

3.5.2 O gerúndio na língua portuguesa: à luz dos estudos descritivos

3.5.2.1 Dias (1918)

Em *Syntaxe Histórica Portuguesa*, não existe um capítulo com o nome *gerúndio*, como é comum em muitas gramáticas contemporâneas. Dias (1918) discute o gerúndio na seção intitulada *Particípios*, pois muitas das funções modernamente atribuídas ao gerúndio eram originalmente desempenhadas pelo particípio presente do latim, refletindo a abordagem do autor ao português em seu aspecto histórico. Dias (1918) se refere a esse tipo de particípio como *particípio (activo) em -ndo*. Portanto, ao tratarmos do gerúndio nesta subseção, adotaremos essa nomenclatura proposta pelo autor. Segundo Dias (1918), essa forma verbal terminada em *-ndo* origina-se do gerúndio ablativo latino e, como mencionado, não só assumiu a função desse gerúndio ablativo, mas também as funções sintáticas do particípio presente latino.

Conforme Dias (1918), o particípio em *-ndo* passa também a empregar-se em construções perifrásticas. Essa forma nominal do verbo também pode equivaler-se ao ablativo absoluto latino, visto que este pode conectar-se ao sujeito próprio ou pode conectar-se também a algum substantivo da oração ou ao sujeito. Conforme o autor, ele considera que o particípio em *-ndo* pode equivaler a:

(a) Uma oração causal, precedida por *como*:

(66) *Vendo* Egas que ficava fementido, / O que d'elle Castella não cuidava, / Deterina de dar a doce vida / A troco da palavra mal comprida [...] (Dias, 1918, 248, grifo nosso).

(b) Uma oração condicional:

(67) Nunca homem he louvado, nem doestado por obra que faça nom *teendo* entençom de a fazer (Dias, 1918, 248, grifo nosso).

(c) Uma oração concessiva, precedida por *conquanto*:

(68) não quizerão, *sendo* letrados, resolver o seu escrúpulo por si mesmos [...] (Dias, 1918, 248, grifo nosso).

(d) Uma oração temporal, precedido por *quando* ou por *como* (quando se supõe sucessão dos acontecimentos), ou a uma oração, precedido por *quando* na expressão de *em contraste*:

(69) ... quem me manda ser triste / *podendo* viver contente? (Dias, 1918, p. 248, grifo nosso).

Outrossim, segundo Dias (1918), o particípio em *-ndo* pode exprimir também:

(a) Modo ou um fato acessório da ação principal:

(70) rrogou-lhe aficadamente que lhe tirasse o dicto osso, *prometendo-lhe* que, sse ho dêsse ssaão, que lhe faria muyto algo [...] (Dias, 1918, p. 248, grifo nosso).

(b) Meio:

(71) o carneyro.. defendia-sse o melhor que podia, dizendo que lhe nom prestára cousa (Dias, 1918, p. 249, grifo nosso).

Dias (1918) faz algumas considerações relevantes sobre o particípio em *-ndo* que merecem destaque: no português arcaico médio, algumas construções combinavam o sujeito com um adjetivo, implicando o uso dos particípios em *-ndo*, como em *estando* ou *sendo*; de acordo com Dias (1918), quando o particípio em *-ndo* corresponde a uma oração relativa, isso é considerado um galicismo. Um exemplo disso pode ser visto na frase: *Requereu para ser anulada a lei promovendo-o ao posto immediato* (Dias, 1918, p.249, grifo do autor); nas construções com o particípio em *-ndo*, quando indicam uma condição, hipótese ou tempo podem vir acompanhados pela preposição *em*, “se com o verbo subordinante se exprime o que costuma acontecer, ou uma acção futura (sem esta restrição no port. arch. medio, no moderno só por affectação de archaismo” (Dias, 1918, p. 250), como em (72):

(72) os Turcos, *em se fazendo* senhores de hum Reyno, esbulhão toda a nobreza de suas fazendas (Dias, 1918, p.250, grifo nosso).

Outra consideração importante é que no português arcaico, pode-se também encontrar construções com o particípio em *-ndo*, em que estas são precedidas pela preposição *sem*, negatizando a oração, como em: “*sem tendo* elle dito (Dias, 1918, p.250, grifo nosso) (*sem tendo* = não tendo); um particípio absoluto simples pode ser substituído por uma oração em que inicia com *que*, que se conecta o sujeito ao particípio em *-ndo sendo*, como em (73); um particípio absoluto pode não ter um sujeito explícito por alguns motivos: pertencer a um verbo impessoal, o sujeito ser indeterminado ou o sujeito ser facilmente deduzido com base na oração principal, a qual o particípio está ligado, como podemos ver no exemplo (74); alguns particípios em *-ndo*, tais como *tirando*, *exceptuando* começam a atuar de modo um tanto distinto de sua significação, isto é, passam a atuar como partículas exclusivas, podemos observar em (75); outra observação que Dias (1921) apresenta é que o presente do particípio em *-ndo* “designa o que é contemporâneo da acção do verbo subordinante. Todavia, não resultando ambigüidade, também se emprega *fallando* do que antecede a acção do verbo subordinante” (Dias, 1918, p. 252, grifo nosso), em (100):

(73) Estava no mundo, e *sendo que* o mundo foy feito por elle, nam o conheceo o mundo (Dias, 1918, p. 250, grifo nosso).

No exemplo (73), considerando a estrutura e o significado da oração, a construção “sendo que” pode não representar uma ação diretamente ligada ao sujeito, mas sim um conectivo, especificamente uma conjunção explicativa que une duas orações.

(74) a provisão de 2 de Março não podia ter as consequencias que, absolutamente *fallando*, deviam derivar da sua doutrina (Dias, 1918, p. 251, grifo nosso).

(75) elle deve ser feyto com aquellas condições que em o postumeyro capitullo do livro primeyro foram scriptas, *tirando* que o agradecimento nom será feyto rraramente (Dias, 1918, p. 251, grifo nosso).

(76) Musa, o amir d'África, *desembarcando* nas costas da Hespanha com um novo exercito, rendia Hispalis e, *atravessando* o Ana, suhmettia ao jugo do Khalifa todo o occidente da peninsula ibérica (Dias, 1918, p. 252, grifo nosso).

Dias (1918) também discute as perífrases verbais, que ele denomina “conjugação perifrástica”. Ele lista alguns verbos que ocorrem com o particípio em *-ndo* e explora as significações das ações indicadas por essas construções. Vejamos:

(a) Verbo *andar* e o particípio em *-ndo*: representa-se a ação como objeto de ocupação prolongada:

(77) E também as memórias gloriosas | D'aquelles Reis que forão dilatando | A Fé, O Império, e as terras viciosas \ De África e de Asia *andárão devastando* (Dias, 1918, p. 255, grifo nosso).

(b) Verbo *ir* e o particípio em *-ndo*: exprime a realização gradual da ação:

(78) Então se *forão retirando* huns apoz outros (Dias, 1918, p. 256, grifo nosso).

(c) Verbo *ir* no pretérito imperfeito do indicativo e o particípio em *-ndo*,: a ação esteve quase a realizar-se:

(79) *ia caindo*.. estatelado no chão (Dias, 1918, p. 256, grifo nosso).

(d) Verbo *vir* e o particípio em *-ndo*: exprime a realização gradual da ação:

(80) Quando Tobias ouviu que *vinha chegando* seo filho (Dias, 1918, p. 256, grifo nosso).

Conforme a observação feita pelo autor, a única diferença entre as perífrases com o verbo *vir* e as perífrases com o verbo *ir* é a significação de cada um desses verbos, mas os valores das ações são os mesmos, que nos exemplos (79) e (80) são de realização gradual da ação.

(e) Verbo *estar* e o particípio em *-ndo*: representa a ação como estando começada:

(81) Eu *estou costurando* os vestidos de Dona Maria.

3.5.2.2 Said Ali (1921)

Na *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, o autor desenvolveu uma seção na área da sintaxe do português histórico, focando especialmente nas formas nominais dos verbos, em particular o gerúndio, que é o objeto de estudo desta pesquisa. Antes de explorar os diferentes usos do gerúndio, já na primeira parte do livro, na seção dedicada aos verbos, o autor apresenta uma consideração geral sobre essa forma nominal:

como as demais línguas românicas, o idioma português não herdou do gerúndio latino senão a forma ablativa. Termina o nosso gerúndio em *-ando*, *-endo* ou *-indo*, conforme a conjugação a que pertence o verbo. Tem aplicação muito mais ampla que em latim, fazendo as vezes do particípio do presente, o qual perdeu a função verbal, passando a servir de adjetivo e substantivo (Said Ali, 1921, p. 160, grifos do autor).

Em relação aos usos do gerúndio, o autor ressalta a conexão entre o gerúndio e o particípio presente em Latim, destacando que o gerúndio só se tornou predominante sobre o particípio presente devido às funções verbais específicas que assumiu, originalmente pertencentes ao particípio presente. Embora o particípio presente tenha sido frequentemente utilizado no Latim, perdeu progressivamente sua função verbal, enquanto o gerúndio ganhou destaque. No entanto, o gerúndio também pode adquirir uma função adjetiva na sua forma infinitiva com as terminações *-ando*, *-endo*, *-indo*. Said Ali (1921) menciona um exemplo de uma Vulgata com o particípio *ludens* (que significa *jogador* ou *aquele que brinca*), que pode ser parafraseado como:

(82) Deos menino *jugando* as cartas com outra Rosa do Carmelo, e *dando* barato; *perdendo* e *pagando* consigo mesmo (Said Ali, 1921, p. 151, grifos do autor).

Segundo Said Ali (1921) este emprego poderia ser viável também na função de oração subordinada adjetiva, ou seja, atribuindo características ou qualidades ao sujeito (*jugando* = que joga; *dando* barato = que dá barato).

Said Ali (1921) pontua que se o autor, de quem são apresentados os exemplos de enunciados em sua gramática, não tivesse a preferência pela concisão, isto é, expressar-se de modo breve, ele exploraria uma descoberta de maneira mais detalhada nos passos subsequentes do texto, como podemos observar no exemplo seguinte:

(83) Santo Quintino, senador romano, que foy banhado em azeite e pez *fervendo*... que foy atanazado com faxas *ardendo* (Said Ali, 1921, p. 151, grifos do autor).

Said Ali (1921) sugere que comparemos o exemplo em que consta o emprego do gerúndio em (83): *azeite e pez fervendo* com o enunciado *trouxerom os vasos cheos de olio e de vinagre fervente*. Ambos os termos destacados equivalem a função de adjetivo, uma vez que atribuem características ao substantivo. Portanto, o emprego do gerúndio no primeiro enunciado equivale a uma oração subordinada adjetiva.

O autor apresenta outros exemplos em que o gerúndio atua como oração adjetiva. Observemos:

(84) Se os fidalgos de Braga querem ver passeys de ginetes formosos, e mulas gordas e anafadas e nuvens de pagens enfeitados e *rugindo* sedas, desenganam-se (Said Ali, 1921, p. 152, grifo do autor).

(85) Prelados santos e religiosos, convertidos oje em Platões e Tullios *formando* republicas gentílicas com razões e preceitos em todo humanos (Said Ali, 1921, p. 152, grifo do autor).

No exemplo (84) a entidade *rugindo* equivale a *que rugem* e está relacionado ao termo *nuvens de pagens*. Em (85), o termo *formando* equivale a *que forma* e refere-se a expressão *prelados santos e religiosos*. Ambas entidades concedem aos nomes atributos, assim como um adjetivo exerce a sua função.

Conforme as análises de Said Ali (1921), quando o gerúndio é utilizado em função de adjetivo, ele não se limita apenas em traços e características temporárias, não obstante pode atribuir aos seres qualidades essenciais. Observemos:

(86) Algumas [comedias] havia com este nome [Tabernaria] *contendo* argumentos mais sólidos, como bem prova João Savio (Said Ali, 1921, p. 152, grifo do autor).

Em (86), *contendo* se refere a *Algumas [comedias]* e equivale a *que continham*, além de, como postulado pelo autor, ofertar ao nome características intrínseca e essencial ao nome, e não características transitórias.

Segundo Said Ali (1921), na oração *vides puerum currentem, Tibicinam cantantem audis* (= Você vê o menino correndo, ouve o flautista cantando), o particípio presente do Latim, que pode ser substituído por infinitivo, no português corresponde ao gerúndio acompanhando o objeto direto dos verbos transitivos dos verbos *ouvir* e *ver*, como podemos observar nos exemplos (87) e (88), apresentados por Said Ali (1921):

(87) *Vereis o mar fervendo* aceso cos incendios dos vossos pelejando (Said Ali, 1921, p. 153, grifos do autor).

(88) Só por *ouvir o amante* da donzella Euridice *tocando* a lyra (Said Ali, 1921, p. 153, grifos do autor).

De acordo com Said Ali (1921), além de funcionar como adjetivo ou oração subordinada adjetiva, o gerúndio frequentemente também representa uma ação que ocorre paralelamente a outra, ou seja, uma ação que se desenrola simultaneamente com outra. Esse uso corresponde a orações iniciadas por conjunções como *ao mesmo tempo que* ou *enquanto*. Segundo o autor, tal emprego do gerúndio é típico na linguagem narrativa. Considerar os exemplos expostos por Said Ali (1921):

(89) Os animais cavalgam de Neptuno, *brandindo* e *volteando* arremessões (Said Ali, 1921, p. 153, grifos do autor).

(90) Os Pereiras também arrenegados morrem, *arrenegando* o céu e os fados (Said Ali, 1921, p. 153, grifo do autor).

(91) Levam *gritando* as ancoras acima (Said Ali, 1921, p. 153, grifo do autor).

Pode-se observar em todos os casos acima (89), (90) e (91), uma vez que equivalem a orações que são iniciadas com conjunções, tais como *enquanto* e *ao mesmo tempo que*, que esses empregos equivalem a orações subordinadas adverbiais temporais. Como pontua Campos (1980) a respeito deste tipo de gerúndio, eles podem estar situados antes ou depois do verbo a que se relacionam. Quando são situados após o verbo, sempre indicam a simultaneidade, isto é, as ações acontecem no mesmo intervalo de tempo podendo utilizar as duas conjunções, como podemos observar em todos os três exemplos. Em (89) *brandindo* e *volteando* podem equivaler

a *enquanto/ao mesmo tempo que brandem e volteiam*. Em (90) *arrenegando* corresponde a *enquanto/ao mesmo tempo que arrenegam* e em (91) *gritando* pode equivaler a *enquanto/ao mesmo tempo que gritam*.

Outro emprego que o autor menciona é o gerúndio na narração de um fato. Neste caso, a ação que o gerúndio indica, não ocorre ao mesmo tempo que outra ação, de modo pontual. A ação apontada pelo gerúndio precede imediatamente ou ocorre pouco tempo antes de outra ação e equivalem às orações que são iniciadas com uma determinada conjunção, tal como *depois que*, como mostram os exemplos do autor:

(92) O qual o gallego *sahindo* com outros em terra, quando veio ao recolher, se leixou ficar como homem que queria saber o que lá passava (Said Ali, 1921, p. 154, grifo do autor).

(93) Isto *dizendo*, o Mouro se tornou a seus bateis com toda a companhia, do capitão e gente se apartou, com mostras devida de cortesia (Said Ali, 1921, p. 154, grifo do autor).

(94) Assi *passando* aquellas regiões, por onde duas vezes passa Apollo... vimos as Ursas, apesar de Juno, banharem-se nas águas de Neptuno (Said Ali, 1921, p. 154, grifo do autor).

Nos exemplos (92), (93) e (94), Said Ali (1921) observa que a ação expressa pelo gerúndio ocorre antes da outra ação. Essa ideia de anterioridade associada ao gerúndio é corroborada por Campos (1980), que afirma que o verbo no gerúndio sempre indica anterioridade quando é empregado antes do verbo da oração principal.

Em outros contextos, o gerúndio pode ser usado para indicar uma ação que precede outra, ou seja, uma ação seguida por outra que ocorre posteriormente no tempo. Esse uso corresponde a uma oração coordenativa iniciada pela conjunção *e*. Analisemos:

(95) Elrei dom Fernando lhe tomou a molher, *recebendo-a* depois de praça (Said Ali, 1921, p. 154, grifo do autor).

(96) Achámos ter de todo já passado do Semicapro peixe a grande meta, *estando* [e que estávamos] entre ele e o circulo gelado austral (Said Ali, 1921, p. 154, grifo do autor).

De acordo com as descrições do uso específico do gerúndio nas gramáticas da língua portuguesa, Said Ali é um dos poucos autores que o abordam. Por exemplo, em (95), *recebendo-a* pode ser entendido como *e recebeu-a*. Em (96), *estando* corresponde a *e que estávamos*. Esses exemplos apresentados pelo autor são equivalentes a orações coordenadas sindéticas aditivas. Contudo, Campos (1980) também identifica usos do gerúndio que correspondem a orações coordenadas sindéticas adversativas e conclusivas.

Para indicar ações que ocorrem simultaneamente ou com ênfase na precedência de uma ação em relação a outra, o gerúndio é frequentemente precedido pela preposição *em*. Esse uso corresponde a orações iniciadas por locuções conjuntivas, como *logo que* ou *no momento em que*. Vejamos os exemplos (97) e (98):

(97) E como Fernão Eanes era muyto esforçado, *em* os immigos *chegando* sobre ho pagode, sayo-lhes ao encontro (Said Ali, 1921, P. 155, grifos do autor). (*em* os immigos *chegando* = logo que os inimigos chegaram).

(98) *Em desembarcando* [os Portugueses] começam os Mouros de desparar os berços que estavam na estancia (Said Ali, 1921, P. 155, grifos do autor). (*Em desembarcando* = no momento em que desembarcaram).

Conforme as ideias de Said Ali (1921), esse tipo de gerúndio que é precedido pela preposição *em*, pode também indicar uma ação durativa e é iniciada pela conjunção *enquanto*. Observemos:

(99) Por servir a Deus *em vivendo* tinha renunciado a seu filho legitimo do dicto ducado com a pompa do mundo, e estava em religião com certos nobres homens apartado (Said Ali, 1921, P. 155, grifos do autor).

Em ambos empregos do gerúndio precedidos pela preposição *em*, exemplos (97), (98) e (99), o gerúndio exerce a função circunstancial de tempo.

Segundo o autor, as ações que ocorrem uma após a outra ou simultaneamente podem ser independentes, ou seja, não necessariamente influenciam uma à outra. No entanto, em muitos casos, essas ações podem ter uma relação de causa e efeito. Vejamos o exemplo a seguir:

(100) Os ventos brandamente respiravam, das naos as velas concavas *inchando* (Said Ali, 1921, p. 155, grifo do autor).

Said Ali (1921) destaca que o gerúndio também pode ser empregado para expressar a função de causa em relação à oração principal, equivalendo assim a uma oração subordinada adverbial causal. Esse uso é tipicamente introduzido por conjunções como *porque*, *como*, *visto que*, entre outras. Vejamos os exemplos:

(101) O caçamorim, *vendo* que per nenhum modo de quantos commetteo o podia mover, assentou publicamente de ir contra elle com a mão armada (Said Ali, 1921, p. 156, grifo do autor).

Neste caso, (101), o gerúndio empregado atua com função de oração circunstancial de causa, expressando o motivo ou a razão pela qual a ação da oração principal aconteceu. *Vendo* equivale a *porque viu*.

O gerúndio também pode indicar o modo, correspondendo a uma oração subordinada adverbial modal, como em (102) em que *fugir* indica a maneira como os *muitos dos naturais de Cochi* realizam a ação de *passar do reino*. Pode também indicar instrumento ou meio da ação da oração principal. Vejamos o exemplo seguinte:

(102) Muitos dos naturales de Cochij se passavam do reyno a outras partes, *fugindo* de noite em barcos (Said Ali, 1921, p. 156, grifo do autor).

Podem também expressar condição, equivalendo a uma oração subordinada adverbial condicional:

(103) Pague o dobro do que paguaria *sendo* em rixa (Said Ali, 1921, p. 156, grifo do autor).

Em (103), *sendo* indica a condição pela qual é realizada a ação do verbo da oração principal (*pagar*). *Sendo* corresponde a *se fosse*. É possível observar neste caso que o gerúndio está empregado após o verbo da oração principal. Segundo Campos (1980), o gerúndio pode situar-se separado ou não por uma vírgula.

Conforme Said Ali (1921), ainda nesse contexto do emprego do gerúndio exprimindo valores circunstanciais, o gerúndio pode indicar concessão, correspondendo a uma oração subordinada adverbial concessiva que são iniciadas por conjunções como *ainda que*, *apesar de que*, *posto que*, como podemos observar:

(104) Com esta confiança até Susana, *sendo* mulher, e não só desmparada, mas até condenada de todos, só com levantar os olhos ao Ceo... prevaleceo contra os injustos e iníames juízes (Said Ali, 1921, p. 157, grifo do autor). (*sendo* = ainda que seja mulher).

Said Ali (1921) também discute o uso do gerúndio em conjunção com outros verbos, formando o que é conhecido como perífrases verbais. Ele destaca a construção *estar + gerúndio*, onde o verbo *estar*, apesar de originalmente ter significados como *estar em pé* ou *permanecer*, perde esses sentidos e assume predominantemente a função de verbo auxiliar, com o verbo principal aparecendo na forma de gerúndio. Segundo Said Ali, essa construção é frequentemente utilizada pelos falantes no cotidiano. Vejamos o exemplo a seguir:

(105) Desta maneira emfim lhe *está dizendo* (Said Ali, 1921, p. 158, grifo do autor).

Quando o gerúndio é usado em construções com os verbos *andar*, *ir* e *vir*, esses verbos mantêm seu significado original de locomoção, com o gerúndio funcionando como uma expressão de ação contínua que ocorre simultaneamente à ação da oração principal. No entanto, se a construção indicar simplesmente uma ação durativa, os verbos *andar*, *ir* e *vir* atuam como verbos auxiliares. Analisemos os exemplos apresentados pelo autor:

(106) E faz correr vermelho o rio que Sevilha *vai regando*, co sangue mauro, bárbaro e nefando (Said Ali, 1921, p. 158, grifo do autor).

(107) E se *buscando vás* mercadoria (Said Ali, 1921, p. 158, grifo do autor).

Tanto em (106), quanto em (107), a perífrase *vai regando* e *buscando vás*, o verbo *ir* não perde sua significação, portanto não são considerados verbos auxiliares, conforme a ideia de Said Ali (1921). Além disso, essa construção expressa o sentido de progressão.

Conforme Said Ali (1921), o gerúndio não era apenas usado com a preposição *em*, mas podia também vir acompanhado de um advérbio de negação, como em: *sem + gerúndio*, no Português Antigo. No Português Moderno, esta construção foi substituída por *não + gerúndio* ou *sem + infinitivo*, como poder ver nos exemplos apontados pelo autor:

(108) *Sem o dando* a entender (Said Ali, 1921, p. 159, grifo do autor). (= *Não dando* a entender; *sem dar* a entender).

(109) *Sem havendo* nenhuma contrariedade (Said Ali, 1921, p. 158, grifo do autor). (= *Não havendo* nenhuma contrariedade; *sem haver* nenhuma contrariedade).

3.5.2.3 Brandão (1963)

Conforme já apresentado por linguistas e estudiosos da Língua Portuguesa, o gerúndio, geralmente terminado em *-ndo*, deriva do gerúndio ablativo do Latim. Brandão (1963) explica que, originalmente, o gerúndio servia principalmente como um instrumental, atuando como um complemento circunstancial de meio com função adverbial, por exemplo: em expressões como *DOCENDO discimus* que significa *ENSINANDO aprendemos*. Com o tempo, o gerúndio evoluiu além de seu uso original, passando a expressar outros sentidos como estados e modos de ser, que são geralmente transitórios e atribuídos ao sujeito ou ao complemento de um verbo principal. Observemos alguns exemplos citados por Brandão (1963):

(110) Os sacerdotes sális iam *cantando* e *saltando* pelas ruas (Brandão, 1963, p. 479, grifo do autor).

(111) Quirino achou os guardas *vigiando* (Brandão, 1963, p. 479, grifo do autor).

Para Brandão (1963), o gerúndio nos exemplos citados assume claramente um caráter participial, atuando como predicativo do sujeito em (110) e do objeto em (111). Torres (2014), entretanto, oferece uma análise pertinente a respeito desses exemplos, concordando em parte com Brandão. Ele concorda que, no exemplo (111), o gerúndio tem um caráter participial e é usado como predicativo, mas discorda dessa interpretação para o exemplo (110). De acordo com Torres (2014), no exemplo (110), a construção *iam cantando* mantém um valor circunstancial, indicando o modo de ser da ação, ou seja, o significado aspectual emerge da

combinação do gerúndio com o verbo auxiliar *ir*. Torres (2014) complementa que, ao substituir o gerúndio por um adjetivo equivalente, o caráter participial atribuído ao sujeito fica evidente, mas essa substituição não proporciona o mesmo entendimento que o uso do próprio gerúndio na oração.

Brandão (1963), reconhecendo o valor de particípio presente do gerúndio, classifica-o em três tipos: (i) gerúndio apositivo, (ii) gerúndio predicativo e (iii) gerúndio atributivo. Ele define o gerúndio apositivo como aquele que “refere-se ao sujeito de um verbo regente, faz às vezes de uma oração relativa-explicativa, de uma oração adverbial, de um adjetivo apôsto, de um advérbio ou locução adverbial” (Brandão, 1963, p. 480). Dentro da categoria do gerúndio apositivo, Brandão distingue dois tipos de aposição: a aposição relativa, na qual o gerúndio tem valor de adjunto adnominal, e a aposição adverbial, onde o gerúndio atua como adjunto adverbial.

(112) “Deu-lhe de beber outra água mais pura e salutífera, *manando* (= que mana) da fonte de sua sabedoria.” (Brandão, 1963, p. 480. grifo do autor).

No caso (112), cujo tem-se a aposição relativa, o gerúndio pode ser empregado como uma oração adjetiva.

No que diz respeito à aposição adverbial, o gerúndio pode assumir diferentes valores circunstanciais, como temporal (simultaneidade, anterioridade e posterioridade), meio, modo, finalidade, causa, condição, consequência, concessão e extensão. Segundo o autor, o emprego de cada um desses valores corresponde a uma oração subordinada adverbial específica. Observemos os exemplos de cada valor circunstancial:

- (a) Tempo simultâneo: “*Comendo alegremente perguntavam*.” (= enquanto comiam)
- (b) Tempo anterior: “... *Perlongando* (= depois que perlongou, depois de perlongar) ao longo da costa, foi surgir diante de Caliscute.”
- (c) Tempo posterior: “O Mestre... mandou logo chamar Nuno Álvares, *agradecendo-lhe* (= e lhe agradeceu) muito o que com Rui Pereira falara.” (BRANDÃO, 1963, p.481, grifo do autor).
- (d) Meio: “... êstes duram pouco, porque a inveja os derriba, *armando-lhes* (= com armar-lhes) precipícios.”
- (e) Modo. Nesta circunstância, o apositivo frequentemente se confunde com o gerúndio predicativo e atributivo: “... o céu se abria, *fuzilando* sobre a terra de uma parte e outra”.

(f) Fim: "... vim para êstes ermos, *fugindo* (= para fugir) das gentes para quem só anoiteceu e amanheceu."

(g) Causa: "Mas o leal vassalo, *conhecendo* / (= porque conhece) Que seu senhor não tinha resistência, / Se vai ao Castelhana."

(h) Condição: "Da pouca gente o fraco peito humano / Não teve resistência e, se a tivera, / Mais dano, *resistindo* (= se resistisse), recebera."

(i) Consequência. Nesta circunstância, corresponde o gerúndio a orações introduzidas por *de modo que*, *de sorte que*, *de maneira que*, etc.: "... os afetos da alma, se são extremamente intensos, atam-se pela vizinhança ao corpo, *chegando* o corpo (= de modo que chega) a padecer por enfermidade o que a alma padece por sentimento."

(j) Concessão, equivalendo a orações iniciadas por *ainda que*, *conquanto*, *se bem que*, etc.: "... um lince não vê tanto, *passando* (= ainda que passe) sete paredes com a vista"

(k) Extensão: "Quanta cegueira e perversidade do coração humano, que assim se deixa enredar e seduzir pelo demônio, *entrando* (= a ponto de entrar) de parceria com seu inimigo declarado." (Brandão, 1963, p. 480-483, grifos do autor).

Em (k) "é mais raro o emprego do gerúndio como complemento de extensão com o valor da expressão *a ponto de*, *em termos de* unida ao infinitivo" (Brandão, 1963, p. 483). No caso da circunstância de extensão, surgem algumas dúvidas, como aponta Torres (2014). Ele destaca que, se substituirmos as conjunções *a ponto de* ou *em termos de*, ligadas ao verbo no infinitivo, por outras conjunções como *para entrar*, resultaria numa circunstância final, ou se substituídas por uma oração desenvolvida como *quando entra*, resultaria numa circunstância temporal. Portanto, esse valor circunstancial não é tão claramente definido como circunstância de extensão.

Sobre o gerúndio predicativo, Brandão (1963) afirma que "o gerúndio com valor de particípio presente pode referir-se ao sujeito ou complemento objetivo, servindo-lhes de predicativo" (Brandão, 1963, p. 483). O autor acrescenta que o gerúndio, quando empregado como predicativo do sujeito, pode ser confundido com um complemento circunstancial de modo ou com uma oração relativa, assemelhando-se, assim, ao gerúndio apositivo. Quando usado como predicativo do objeto, o gerúndio pode ser convertido tanto em um infinitivo precedido pela preposição *a* (como em *vi uma mulher a dançar*) quanto em uma cláusula adjetiva (como em *vi uma mulher que dançava*).

O gerúndio como predicativo do sujeito pode ocorrer com: (i) muitos verbos intransitivos (como em "*virei de dentro bailando*"), (ii) alguns verbos transitivos (como em "*ele a acompanhou chorando até o lugar onde se havia de entregar*"), (iii) verbos na passiva perifrástica ("*foi ouvida em no ar na voz ... dizendo ...*"), (iv) com verbos na passiva pronominal ("*Viram-se seiscentos prisioneiros arrastando cadeias*"), (v) verbos reflexivos ("*... sobre aquele ramo ... se veio por um rouxinol, docemente cantando*"). Como predicativo do objeto

pode ocorrer com alguns verbos: (i) ver, (ii) ouvir, (iii) pintar, representar, figurar, introduzir, (iv) pôr, supor, imaginar, (v) trazer, deixar, (vi) achar e sinônimos, (vii) considerar, dar, (viii) ter, (ix) lembrar, (x) e também quando inicia com *eis*.

Como já mencionado, o gerúndio, quando empregado como particípio presente, pode assumir a função de predicativo do sujeito e do objeto. No entanto, Torres (2014) observa que isso não ocorre em todas as sentenças. Ele sugere que muitos casos em que o gerúndio é considerado predicativo do sujeito podem, na verdade, estar funcionando como circunstâncias de modo, expressas por meio de orações reduzidas de gerúndio. Um exemplo disso pode ser observado na seguinte situação apresentada por Brandão (1963):

(113) Virei de dentro *bailando* (Brandão, 1963, p. 483, grifo do autor).

Torres (2014) afirma que o gerúndio nesta oração, (113), expressa de forma mais evidente o modo como a ação é realizada, e não que ser atribuído ao sujeito em si.

Em relação ao gerúndio empregado como predicativo do objeto, Torres (2014) afirma não ter tantas dúvidas quanto ao emprego como predicativo do sujeito, mas ainda existem algumas considerações. A classificação desse tipo de emprego não tem a ver somente com o verbo da oração principal, mas a relação do gerúndio com o objeto ou com a oração principal. Observemos o exemplo a seguir:

(114) Ouvi, no poema de Job, a voz do Senhor *perguntando* a seu servo onde estava (Brandão, 1963, p. 485, grifo do autor).

Segundo Torres (2014), o gerúndio no exemplo (114) não se relaciona com o verbo *ouvir*, mas com o objeto *a voz do Senhor* e devido a isso é caracterizado como predicativo do sujeito, e não por motivo de relacionar-se com o verbo *ouvir*. Ademais, ele exerce a função de uma oração adjetiva desenvolvida (*perguntando* = *que perguntava*).

Considerando o gerúndio atributivo, para Brandão (1963), em diversos casos, é muito difícil distinguir a diferença entre gerúndio predicativo e gerúndio atributivo, como pode-se observar no exemplo exposto pelo autor:

(115) Vieram ter a um vale, polo qual atravessava a cavalo um donzel pequeno *chorando* (= que chorava) em altas vozes (Brandão, 1963, p. 487, grifo do autor).

Acrescenta também que em outros casos, “porém, o gerúndio assume, clara e insofismável, a função atributiva, a princípio com a idéia de tempo transitório, indicando um modo de ser, uma qualidade, uma atividade existente em algo ou em alguém somente dentro de certo período e em determinada situação” (Brandão, 1963, p. 487). O autor também considera que o gerúndio passa a modificar um nome ou pronome, não mais conferindo-lhes características transitórias, mas sim duradouras e permanentes. Podemos observar no exemplo a seguir:

(116) Os homens parecem-se com meninos *brigando* (= que brigam) sobre a metade de uma maçã (Brandão, 1963, p. 487, grifo do autor).

O emprego do gerúndio atributivo são justificados em tais casos

- (a) quando modificar nome ou pronome que sejam complementos preposicionados "... essa casa, ainda que fôsse de ouro *enlaçando* pedraria, era um caminho escuro";
- (b) quando se referir aos nomes ou pronomes predicativos de ser e parecer: "... seus lábios eram um favo *distilando*";
- (c) quando pertencer ao complemento objetivo do impessoal *haver* ou ao sujeito de *existir*, *faltar*, *restar* e seus sinônimos: "... não *havendo* lar aceso, como haveria fumo subindo?";
- (d) quando, em comparações, se ligar a nomes precedidos de *como*, *qual*, *que* e *do que*: "... o demônio... como leão *bramindo*, cerca e anda buscando a quem tragar."
- (e) quando modificar nomes tomados em sentido indefinido ou geral: "... trazia um rodízio com esta letra... e no outro trazia um pelicano *ferindo* o peito".
- (f) quando indicar qualidade, propriedade, atividade transitória ou permanentes atribuídas a certo ser: "Dos requerimentos que se fizeram... *pedindo* o corpo do defunto".
- (g) depois de alguns pronomes indefinidos, mormente os distributivos *um...*, *outro*: "... havia juntas mais de cem mulheres tôdas ocupadas em ofícios mais próprios a sua natureza, uas *lavrando* em suas almofadas, outras *cosendo*, outras *tecendo* panos, fitas, passamanes, outras *fazendo* botões e cousas a êste modo.

Além destes três tipos de gerúndio mencionados (apositivo, predicativo e atributivo), o autor abarca também sobre outros: gerúndio absoluto, gerúndio impessoal e outros empregos de gerúndio. Conforme apresentado na obra, à propósito do gerúndio absoluto, embora tenha sujeito próprio, não prende-se a ele ou a qualquer entidade da oração principal, e emprega-se na função de complemento circunstancial, com valores temporais, causais, condicionais, consequenciais e concessivas, e em alguns casos pode ser precedido pela preposição em:

- (a) Tempo simultâneo (= ao mesmo tempo que, no momento em que): "*Estando* Duarte Pacheco nesta fadiga, chegou Candagorá".
- (b) Tempo anterior (= depois que, logo que): "*Voltando* para suas terras e reinos, o que fêz o rei de Cranhanor foi edificar logo um templo"
- (c) Tempo posterior: "E a terra, abrindo a sua bôca, devorou a Coré, *morrendo* (= e morreram) muitíssimos".
- (d) Causa: "Na cidade de Nápoles, estava sentenciado à morte um pobre homem a que não valeram arrazoados, nem embargos, nem a própria inocência, *prevalecendo* (= porque prevalecia) contra tudo a prova de testemunhas".
- (e) Condição: "Em qualquer terra, *em havendo* um par de testemunhas / fidedígnas (= se houver), prova-se tudo".
- (f) Concessão: "Tal foi a caridade de S. Roque, *não chegando* (= ainda que não chegasse) a ser tal a caridade de S. Paulo".
- (g) Consequência: "A ilha de Egina ardeu antigamente em tal peste que a varreu de tôda a espécie humana, *escapando* (= de modo que escapou) unicamente el rei Caco" (Brandão, 1963, p. 492, grifos do autor).

O gerúndio impessoal é “frequente, nas construções absolutas, o gerúndio com o sujeito indeterminado, adquirindo às vezes sentido passivo, sobretudo se o verbo da oração principal está na voz passiva” (Brandão, 1963, p. 493), como pode-se observar no seguinte exemplo:

(117) Pelo sertão dentro deste reino, *indo* para o poente, está situada a província de Conche" (Brandão, 1963, p 493, grifo do autor).

No exemplo (117), Torres (2014) considera que o gerúndio atribui característica a *deste reino*, atuando como gerúndio predicativo, proposto por Brandão (1963) ou como gerúndio adjetivo, proposto por Campos (1980) (*indo* = *que vai*).

Por fim, Brandão (1963) elenca *outros empregos com gerúndio*, dos quais ele divide em gerúndio que se emprega em frases nominais narrativas ou descritivas (118) e o gerúndio exclamativo e interrogativo (119). Observemos os exemplos:

(118) Começaram o ofício da agonia, e as abelhas sempre *crescendo* e *engrossando* em número".

(119) Cristo e o Vigário de Cristo ambos *dormindo*? (Brandão, 1963, p. 494, grifos do autor).

3.5.2.4 Campos (1980)

Em Campos (1980), a proposta de trabalho era descrever os diversos empregos do gerúndio no Português Contemporâneo. Porém a autora faz um apanhado histórico desde o latim até as línguas românicas, sobretudo o português, passando por cada fase da LP. Conforme aqui estamos a tratar dos estudos descritivos do gerúndio na LP, centraremos apenas na descrição que Campos (1980) fez do gerúndio no português contemporâneo. Segundo o estudo de Campos (1980), os empregos do gerúndio no português são estes: (i) circunstancial, (ii) adjetivo, (iii) coordenado, (iv) narrativo, (v) exclamativo, (vi) interrogativo e (vii) perífrases. Segundo a autora, os gerúndios circunstancial, adjetivo, coordenado e perífrases já eram conhecidos desde as primeiras obras, mesmo que apresentem algumas limitações, em tempos mais recuados. Foram 435 ocorrências analisadas e o resultado encontrado dos tipos de gerúndio elencados acima, foi 184/435 circunstancial, 61/435 adjetivos, 53/435 coordenados, 23/435 narrativos, 2/435 exclamativos e 112/435 perífrases. Não foi encontrado nenhum caso de interrogativo.

Com relação ao gerúndio circunstancial, seu valor semântico transmite a ideia de modo, causa e tempo, condição e concessão, não só no português, como também nas línguas românicas. Em relação ao verbo no gerúndio, ele poderia ser empregado com o mesmo sujeito da oração principal, sem sujeito ou com sujeito autônomo. No português arcaico, ele frequentemente acompanhava a preposição *em*. Essa construção caiu em desuso e somente acontece em alguns verbos.

É possível examinar os empregos do gerúndio circunstancial no português contemporâneo em alguns valores: modal, temporal, causal, condicional, concessivo, consecutivo e final, trazidos por Campos (1980) nos exemplos a seguir:

(120) “Cordulina entrava, *puxando* por um dos meninos, e respondeu ...” (Campos, 1980, p.59, grifo do autor).

No exemplo (120), o verbo destacado refere-se ao modo ou a maneira como a ação é realizada, por isso, esse valor é considerado como *modal*. O gerúndio com esse valor é uma das

construções mais comuns do Português Brasileiro. Segundo Campos (1980), a oração com esse valor é uma construção reduzida fixa, uma vez que não há oração desenvolvida equivalente em que se possa transformar.

(121) “*Olhando* para trás, ele viu os tubarões em torno do saveiro” (*olhando* = quando olhou) (Campos, 1980, p.61, grifo do autor).

No exemplo (121), o verbo *olhando* exprime a ideia de tempo ou período a que o verbo se refere. O emprego do gerúndio circunstancial destacado nesta oração caracteriza-se por valor *temporal*. Este tipo de construção é menos frequente do que a de modal. Campos (1980) considera que o gerúndio temporal pode vir antes ou depois do verbo, e até mesmo entre o sujeito e o verbo. Quando emprega-se antes do verbo, pode exprimir anterioridade ou simultaneidade. Quando emprega-se depois do verbo, exprime sempre simultaneidade.

(122) “Então, *não podendo* usufruir as coisas boas da vida, os trabalhadores contentam-se em obter algo que o represente” (*não podendo* = porque não podiam) (Campos, 1980, p.62, grifo do autor).

Em (122), este valor expresso pelo gerúndio caracteriza-se como valor *causal* e indica o motivo ou a causa que antecede ou acompanha a oração principal. Este pode vir antes ou depois do verbo, ou até mesmo entre o sujeito e o verbo.

(123) “E depois... *casando* com brasileiro não precisam trabalhar na roça.” (*casando* = se casam) (Campos, 1980, p.63, grifo do autor).

No exemplo (123), o verbo *casando* revela a condição ou a hipótese da oração principal, portanto, possui o valor *condicional*. Segundo Campos (1980), o gerúndio pode empregar-se antes ou depois do verbo principal e pode se separar deste por meio de uma pausa.

(124) “Não era uma boa atriz, *mesmo se considerando* maravilhosa, mas Eliana sabia que ela tinha um grande prestígio na classe teatral...” (*mesmo se considerando* = embora se considerasse) (Campos, 1980, p.64, grifo do autor).

No exemplo em (124), há o valor de concessão em oposição à oração principal, portanto, caracteriza-se como valor *concessivo*. A autora postula que o gerúndio pode estar antes ou depois do verbo principal, e ainda entre o sujeito e o verbo. Pode também vir precedido de advérbios ou conjunções, reforçando o sentido de concessão, segundo os resultados que Campos (1980) obteve em sua pesquisa.

(125) “Chegavam os moradores com as calças arregaçadas, *pedindo* semente de algodão para o roçado” (*pedindo* = para pedir) (Campos, 1980, p.65, grifo do autor).

Em (125), o verbo no gerúndio estabelece a ideia de objetivo ou finalidade da oração principal, descrito como valor *final*. Campos (1980) afirma que a ideia de finalidade geralmente é apresentada por verbos que têm a ideia de fim, como alertar, visar, pedir, procura. A autora acrescenta que o gerúndio geralmente se coloca depois do verbo a que se refere e separa-se através de uma pausa.

(126) “... se o seminário do meu tempo foi *tão querido, deixando-me uma nostalgia* que até hoje me sangra e maltrata, como seriam os seminários de hoje?” (*tão querido, deixando-me uma nostalgia* = tão querido que me deixou uma nostalgia) (Campos, 1980, p.66, grifo do autor).

Por fim, no exemplo em (126), pode-se notar que a expressão destacada exprime o sentido de resultado ou consequência da oração principal. Nesse caso, esse valor é considerado como *consecutivo*. O valor consecutivo não é inserido como valor do gerúndio circunstancial em muitas gramáticas do português e das línguas românicas, como afirma Campos (1980). Além dessa consideração, os gerúndios com valor consecutivo podem ser interpretados como modais. Sobre sua posição, sempre coloca-se depois do verbo, separado por uma pausa.

Quando o gerúndio se refere ao nome que o antecede, atribuindo-lhe qualidade, tem-se o gerúndio adjetivo, geralmente em oração adjetiva reduzida. Segundo a autora, muitos gramáticos portugueses e espanhóis entraram em oposição a esse tipo de emprego de gerúndio. Só o aceitavam quando expressavam ações transitórias. Campos (1980) alerta-nos que os gerúndios podem equivaler a orações adjetivas de forma recorrente, mas nem sempre podemos substituir uma oração adjetiva por um gerúndio, pois eles não equivalem totalmente a essas orações. Observemos este tipo de gerúndio:

(127) “Vê-se uma chaminé *aflorando* de um barracão e madeira e grandes toros empilhados à margem da corrente” (*aflorando* = *que aflora*) (Campos, 1980, p.47, grifo do autor).

O gerúndio coordenado equivale a uma oração coordenada, podendo o sujeito estar explícito ou subentendido. Segundo Campos (1980). Essas coordenadas são posicionadas após a oração à qual coordena. Não há muitas informações sobre tal construção nas línguas românicas. Pode-se exemplificar em Campos (1980):

(128) “... Marie-France resolveu posar para algumas fotos, *distribuindo-as* aos produtores e caçadores de talento” (*distribuindo-as* = e distribuiu-as) (Campos, 1980, p.76, grifo do autor).

Elas podem ser *aditivas*, como podemos ver em (128), devido ao fato de expressar uma ideia de soma ou acréscimo de orações, sem que haja algum tipo de oposição ou contraste entre elas.

O gerúndio pode ter também o valor coordenado *adversativo*, indicando uma ideia de oposição ou concessão entre as orações. Percebamos:

(129) “Uma das vítimas informou que um dos menores atirou duas vezes em sua direção, *errando contudo* o alvo durante o assalto...” (EM, 1º, 16) (*errando contudo* = contudo errou). (Campos, 1980, p.77, grifo do autor).

Pode ter valor conclusivo também, expressando uma conclusão ou resultado em relação à oração principal:

(130) “... submetidos à Assembléia, receberam aprovação unânime, *sendo, portanto*, eleitos ...” (EM, 1º, 2) (*sendo, portanto* = portanto foram). (Campos, 1980, p.77, grifo do autor).

O gerúndio narrativo pode ter maior independência sintática, nas línguas românicas, “equivalendo a um verbo no modo finito” (Campos, 1980, p.77). Esta construção só se desenvolveu no português contemporâneo e poucos estudiosos fazem referência a este gerúndio:

(131) “O sol *entrando* pela porta aberta que dava para o terraço. Batiam pratos na copa. O cachorro *latindo* para o Doutor Zózimo” (*entrando* = *entrava* ... *latindo* = *latia*) (Campos, 1980, p.48, grifo do autor).

A respeito dos gerúndios exclamativo e interrogativo, não há referências nas gramáticas de línguas românicas, nem nas gramáticas de língua portuguesa. Poucos estudiosos fazem menção a esses tipos de gerúndio. Seguem uns exemplos apresentados por Campos (1980):

(132) “– Ô diacho! E a gente *precisando* tanto de cobre, hein, Marcolino!” (Campos, 1980, p.48, grifo do autor).

(133) “Severino, (severo) - ... *Fazendo* jogo sujo, hem, padre?” (Campos, 1980, p.48, grifo do autor).

Sobre as perífrases formadas com o gerúndio, trata-se da junção de um verbo auxiliar e um verbo no gerúndio que exprime uma noção aspectual e expressa um único conteúdo semântico, o do verbo principal, em virtude do esvaziamento do verbo auxiliar. Para Campos (1980), as perífrases são usadas quando o sistema da língua não possui elementos morfológicos sozinhos para exprimir uma ideia ou conceito. Essas perífrases indicam as características de tempo, modo e aspecto, uma vez que o verbo auxiliar é conjugado de acordo com essas categorias (Campos, 1980):

(134) “Não *estou pedindo* que o povo pegue em armas, incendeie os celeiros...”. (Campos, 1980, p.48, grifo do autor). (Verbo *estar* + gerúndio).

Este tipo de perífrase (134) tem a significação semântica de ação contínua que acontece simultaneamente à fala, ou seja, se desenrola no momento atual, no agora.

(135) “- Pois eu acho uma falta de vergonha! E o Vicente, todo santinho, é pior do que os outros! A gente *é morrendo e aprendendo*!” (RQ, Q, XI, 47). (progressivo, *é morrendo e aprendendo* = vai morrendo e aprendendo) (Campos, 1980, p.90, grifo do autor). (Verbo *ser* + gerúndio).

Na perífrase do verbo *ser* + gerúndio, o valor era determinado pela ação do verbo principal, no caso o gerúndio, no português arcaico. Já no português moderno e contemporâneo, essas construções perdem o valor próprio. Ou seja, esta perífrase pode ter diferentes valores: valor progressivo, como pode-se visualizar em (135), ou uma ação habitual (*Minha vida é pensando em você*).

(136) “E o desejo *vai se apossando* dêle, aos poucos”. (JA, MM, 176) (Campos, 1980, p. 91, grifo do autor). (Verbo *ir* + gerúndio).

A perífrase do verbo *ir* + gerúndio, como em (136), configura diferentes aspectos, como aspecto progressivo, imperfectivo-cursivo, continuativo, incoativo, iterativo, durativo e a proximidade da ação ocorrer. Na maior parte dos casos, expressa uma ação progressiva e não pontual.

(137) “O velho Francisco *vinha contando* a Rufino a história do seu próprio casamento e o negro, já meio embriagado, ouvia com apartes escabrosos.” (JMA, MM, 144) (Campos, 1980, p. 98, grifo do autor). (Verbo *vir* + gerúndio).

Campos (1980) considera que tanto as perífrases com o verbo auxiliar *ir*, quanto com o verbo auxiliar *vir*, são perífrases formadas com verbos de movimento, como observado em (137). Segundo a autora, quando se utiliza o verbo *ir*, tem-se a ideia de uma ação em que o sujeito está saindo do seu lugar pontual e avançando para outro, enquanto *vir* indica uma ação de sair de onde está e vir para cá. Então Campos (1980) elucida isso de modo sugestivo: as perífrases *ir* + gerúndio podem ser representadas por uma seta que se afasta de quem está falando, ou seja, uma seta para a direita e as perífrases *vir* + gerúndio, são simbolizadas por uma seta que aproxima de quem está falando, portando uma seta para esquerda. Logo, as perífrases *vir* + gerúndio podem empregar-se em diversos aspectos, tal como imperfectivo-continutivo, progressivo, iterativo.

(138) “O Neca *anda dizendo* a todo mundo que vai entrar na Vila montado no Chico ...” (MP, VC, XXIII, 211) (Campos, 1980, p. 101, grifo do autor) (Verbo *andar* + gerúndio).

Conforme as afirmativas de Campos (1980), os verbos *ir* e *vir* indicam movimento, mas com a ideia de direção, enquanto o verbo *andar* indica movimento, locomoção, mas sem

expressar para qual direção ir. Por isso, o significado semântico das perífrases *andar* + gerúndio é uma ação que costuma se repetir, como observa-se em (138).

(139) “A cachorra Baleia *saiu correndo* entre os alastrados e quipás, farejando a novilha rapôsa”. (GR, VS, 23) (Campos, 1980, p. 102, grifo do autor) (Verbo *sair* + gerúndio).

Na maioria dos casos, a junção do verbo *sair* com gerúndio, como em (139), tem valor circunstancial. Em virtude do gerúndio, muitas vezes, atua com a função de advérbio. Isso acontece quando as duas entidades gramaticais atuam sozinhos, independentes um do outro, contudo quando eles se juntam, formando uma única estrutura com significação única, surge a perífrase.

(140) “Otávio - Eu às vezes *fico pensando* na situação do Tião”. (GG, BT, ato I, cena I, 18) (Campos, 1980, p. 104, grifo do autor) (Verbo *ficar* + gerúndio).

Os aspectos que as perífrases *ficar* + gerúndio apontam é o permansivo e o incoativo, observa-se em (140). Segundo Campos, para que sejam tais aspectos, eles precisam estar relacionados com o significado primitivo do verbo auxiliar, que significa “conservar-se num lugar, permanecer, sobreviver” (Caldas Aulete *apud* Campos, 1980, p. 104), além de “tornar-se” (Prado e Silva *apud* Campos, 1980, p. 104, grifo do autor).

(141) “Não querem estudar, *vivem repetindo* o ano e é um dinheirão de colégio!” (MR, A in CR, 190) (Campos, 1980, p. 107, grifo do autor) (Verbo *viver* + gerúndio).

Por fim, as perífrases *viver* + gerúndio, conforme a autora, podem formar, em decorrência do significado primitivo do verbo auxiliar, que é *existir*, construções perifrásticas que possuem aspecto iterativo, conforme o exemplo (141).

3.5.2.5 Braga e Coriolano (2009)

Ao investigarem diversos usos do gerúndio, Braga e Coriolano (2009), identificaram no Português Brasileiro, os tipos de gerúndio a seguir:

(a) Orações “desgarradas” de gerúndio:

(142) Passarinho *cantando*, cachorro *latindo*, criança *chorando*. O ambiente era de aparente normalidade no morro do chapéu Mangueira, no Leme, terça-feira passada. Mas era só prestar atenção para perceber que os olheiros do tráfico acompanhavam de perto a movimentação (*O Globo* – “Só a chuva atrapalhou” – 11 set. 2005) (Braga e Coriolano, 2009, pág. 177).

Essas orações, como em (142), chamadas “desgarradas” de gerúndio, caracterizam-se pela ausência de outra oração que articulem entre si e podem ser parafraseadas por orações adjetivas ou independentes.

(b) Orações complexas integradas:

(143) Ao sair do veículo, um bandido rendeu a mulher dele, Nilda Ferreira, *roubando* o cordão de ouro e a aliança que ela usava. Knoller, que não estava armado, reagiu e levou um tiro no ouvido. (*O Globo* – “Dois PMs mortos a tiros em São Gonçalo” – 2 maio 2005) (Braga e Coriolano, 2009, pág. 177).

Essas orações integradas por uma oração com predicado verbal no gerúndio podem ser divididas em coordenadas, adverbiais e adjetivas, como em (143). Esse tipo de oração apresenta diversas interpretações e diversidade das suas relações semânticas.

(b) V2 de perífrase verbal:

(144) F: Carro, todos eles são perigosos. Isso depende muito da pessoa que *está dirigindo*, entendeu? (Amostra Censo 80 – Falante 04) (Braga e Coriolano, 2009, pág.178).

Além dos demais casos, o gerúndio pode atuar como o V2 de uma perífrase verbal, como em (144). Segundo Braga e Coriolano (2009), V1 pode ser representado por verbos funcionais, como por exemplo: ficar, andar, viver, ir; verbos aspectualizadores, como continuar, acabar, começar; e o verbo auxiliar estar.

(c) Elemento conector:

(145) É preciso que todos cheguem a um mesmo patamar para o Fluminense alcançar objetivos a médio prazo. Isso não quer dizer que não se tenha de trabalhar *visando* a Taça Rio. (Jornal do Brasil – “Flu em regime de concentração” – 9 mar. 2004) (Braga e Coriolano, 2009, pág.179).

No exemplo (145), as autoras afirmam que em alguns contextos, o verbo no gerúndio pode atuar como elemento conector. Esse emprego está no início do processo de gramaticalização.

(d) Marcador discursivo:

(146) Daqui a pouco, a gente está atuando em cima disso. Normalmente, tudo que eu gosto está... está sempre em cima de comunicação, *está sabendo?* uma... uma filmagem, uma entrevista, um... sabe? (Amostra Censo 80 – Falante 37) (Braga e Coriolano, 2009, pág.179).

As construções com gerúndio também podem funcionar como marcador discursivo, agindo “como um artifício para a obtenção da atenção do interlocutor” (Braga e Coriolano, 2009, p. 179). Além disso, possui a forma de perífrase com gerúndio. É possível observar isso no exemplo (146).

De acordo com os diferentes empregos apresentados pelas autoras, Braga e Coriolano (2009) pontuam que as diferentes construções com gerúndio possuem diferentes graus de gramaticalidade. Através da pesquisa das autoras, fica evidente que elas apresentam novas construções com gerúndio que ainda não foram identificadas por gramáticos.

3.5.2.6 Perini (2016)

Perini (2016) aborda sobre algumas estruturas oracionais especializadas, e dentro dela, ele postula sobre orações de gerúndio. Ele analisa algumas orações subordinadas que são idênticas às orações principais. Segundo o autor, elas são precedidas por algumas conjunções que não são parte integrante da oração efetivamente, como por exemplo:

(147) A tia Rosa disse que o Rafael é médico (Perini, 2016, p.254).

No período acima, (147), a oração subordinada é *o Rafael é médico*. Essa é uma oração completa e é capaz de ocorrer em um período sozinha, pois possui todos os elementos necessários, como no exemplo a seguir:

(148) O Rafael é médico (Perini, 2016, p.254).

Perini (2016) afirma que nem sempre as orações subordinadas se comportam desta maneira. Algumas orações subordinadas agem com uma forma especializada. Elas só podem assumir a função de oração subordinada, tal qual é evidenciada em orações com verbo no gerúndio, sobretudo no infinitivo e no subjuntivo, conforme pode-se observar no exemplo a seguir:

(149) *Os professores chegando*, podemos começar a sessão (Perini, 2016, p. 255, grifo do autor).

O enunciado *os professores chegando* em (149) é considerado uma oração, pela presença do verbo *chegando*, porém não pode acontecer sozinha em um período, apenas como integrante da oração maior, que no caso é *Os professores chegando, podemos começar a sessão*. Para Perini (2016), a marca da subordinação é a forma ou o modo do verbo que não está no indicativo, todavia está no gerúndio, neste caso, mas que pode estar também no infinitivo. Por isso, tanto o gerúndio, quanto o infinitivo podem indicar uma oração como oração subordinada e não são precedidas por conjunção.

As orações subordinadas de gerúndio podem equivaler a sintagmas adverbiais sintaticamente e Perini (2016) exemplifica em algumas orações e faz a equivalência entre elas:

(150) *Os diretores chegando*, podemos começar a sessão (Perini, 2016, p. 257, grifo do autor).

(151) *Depois do cafezinho*, podemos começar a sessão (Perini, 2016, p. 257, grifo do autor).

(152) O cavalo passou *correndo* (Perini, 2016, p. 257, grifo do autor).

(153) O cavalo passou *rapidamente* (Perini, 2016, p. 257, grifo do autor).

Perini (2016) menciona que alguns problemas surgem através do mecanismo que possibilita à Língua Portuguesa abarcar orações dentro de orações desta maneira. Um dos problemas é diferenciar quais orações são subordinadas e quais não são, quando estas apresentam mais de um verbo. Outro problema são as orações subordinadas, mesmo que sua construção semântica seja íntegra, demonstrarem uma construção sintática incompleta.

O autor trata também das formas progressivas. De acordo com Perini (2016), as formas progressivas são constituídas pelo verbo *estar* e um verbo no gerúndio, como em *estou fazendo*. Estas formas podem também ter o verbo *estar* no passado como em *estava fazendo* e *estive fazendo*, sobretudo no futuro como em *vou estar fazendo*. Conforme afirma o autor, o verbo *estar* pode ser o suporte ou a base para as construções na forma progressiva. Estas formas progressivas destacam eventos que acontecem no momento da fala e que estão em andamento, independentemente do tempo verbal.

3.5.2.7 Castilho (2020)

Segundo Castilho (2020), as formas nominais ficariam entre dois extremos. Em uma extremidade estariam os verbos plenos, na outra estariam os nomes (substantivo, adjetivo e advérbio), e no meio estariam o infinitivo, particípio e gerúndio. O autor ainda postula que as formas nominais não são prototipicamente verbais, tampouco prototipicamente substantivo, adjetivo ou advérbio. Destarte, as formas nominais do verbo passeiam entre a classe dos verbos e a classe dos nomes, como podemos observar na ilustração:

Quadro 1. Formas nominais do verbo

Verbo pleno	Infinitivo	Substantivo
	Particípio	Adjetivo
	Gerúndio	Advérbio
/+ verbo/	/± verbo/	/- verbo/

Fonte: Castilho (2020, p. 408) (adaptado).

Como Castilho (2020) explica que as formas nominais podem tomar parte tanto na categoria nominal, quanto na categoria verbal, o gerúndio, tema desta pesquisa, pode assumir

alguns papéis, como núcleo de sentença simples, núcleo de sentença subordinada, adjunto adnominal restritivo, adjunto adnominal explicativo e adjunto adverbial:

(a) (+verbo):

(154) Você sempre *ameaçando*! (Castilho, 2020, p.409, grifo do autor).

Em (154), o verbo destacado funciona como núcleo de sentença simples.

(b) (+verbo):

(155) *Dizendo*/Tendo dito aquelas palavras, despediu-se (Castilho, 2020, p.409, grifo do autor).

No exemplo (155), o verbo no gerúndio funciona como núcleo de sentença subordinada.

(c) (-verbo):

(156) Queimou-se com água *fervendo*. (Castilho, 2020, p.409, grifo do autor).

O gerúndio atua como adjunto adnominal restritivo em (156).

(d) (-verbo):

(157) Lá vai o pelotão dos recrutas *marchando* sob as ordens do sargento (Castilho, 2020, p.409, grifo do autor).

No exemplo (157), o gerúndio atua como adjunto adnominal explicativo.

(e) (-verbo):

(158) Saiu *gritando* (Castilho, 2020, p.409, grifo do autor).

No caso (158), o gerúndio atua como adjunto adverbial.

Segundo Castilho (2020), as gerundiais adverbiais assumem os valores do caso ablativo, pois assumia a função de complemento de meio, de instrumento e de modo, que se manteve nas línguas neolatinas. O autor acrescenta que o gerúndio, no português brasileiro, passa a atuar como núcleo de sentenças adjetivas e adverbiais. Com base em Braga (2005), Castilho (2020) pontua que a autora discute o estatuto das orações reduzidas, expondo que nem todas essas orações são orações subordinadas. A partir dos dados de Braga (2005), encontram-se tanto orações com propriedades de subordinadas, quanto de coordenadas. Em *ouvimos os vizinhos **reclamando** do barulho*, o autor afirma que a sentença gerundial se encaixa em *os vizinhos*, que é o sintagma nominal, gerando uma sentença que atua como complementador desse sintagma e corresponde a *ouvimos os vizinhos que reclamavam do barulho*.

Baseado em Campos, Castilho (2020) considera que é possível que haja algumas possibilidades das funções do sintagma nominal em que o gerúndio se encaixa. Estes podem ser: (a) sujeito (*A água fria, **batendo** no estômago limpo, deu-lhe pancada dolorosa*); (b) objeto direto (*Ouvimos os vizinhos **reclamando** do barulho*); (c) Complemento oblíquo (*Havia uma tradução portuguesa naquela coleção romântica com uma moça na capa, **lendo** um livro*).

Sobre as sentenças gerundiais adverbiais, Castilho (2020) não dá muitas informações, mas sinaliza que essas sentenças podem ser parafraseadas por sentenças desenvolvidas (***Reclamando** do barulho, acabou arranjando encrenca com o vizinho = Porque reclamou do barulho, acabou arranjando encrenca com o vizinho*). O autor também aborda sobre as sentenças ambíguas. São sentenças que podem ser interpretadas tanto como adjetivas, quanto adverbiais:

(159) Encontrou a garota *lavando a roupa* (Castilho, 2020, p.382, grifo do autor).

Ou seja,

(160) Encontrou a garota *que lavava a roupa* (Castilho, 2020, p.382, grifo do autor).

(161) Encontrou a garota *quando lavava a roupa* (Castilho, 2020, p.382, grifo do autor).

No exemplo (159), o emprego do gerúndio pode ser interpretado tanto como sentença adjetiva, como em (160), quanto sentença adverbial temporal, como em (161).

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa consiste em uma análise de cunho descritivo-interpretativo das construções com gerúndio em textos escritos por inábeis do século XX, pois pretende detalhar e categorizar o uso do gerúndio na língua portuguesa nesse período. Além de descrever as ocorrências, será quantificada a frequência de uso do gerúndio, o que permitirá uma análise estatística que evidencie os padrões. Também serão exploradas qualitativamente suas funções e variações, com o objetivo de compreender como o gerúndio se adapta a diferentes estruturas frasais e contextos comunicativos. Com essa abordagem mista, esperamos contribuir para um entendimento mais profundo do comportamento e da importância do gerúndio na formação de enunciados e na construção de significados na língua portuguesa do século XX.

Trata-se de um trabalho que aborda conhecimentos da Linguística Histórica, sendo uma teoria baseada no uso. Essa investigação ressalta a importância dos documentos escritos, devido ao fato de esses registros representarem uma possibilidade de aproximação à oralidade, principalmente quando se trabalha com sincronias passadas da língua. Como os documentos escritos são materiais empíricos necessários para os estudos da língua, sua disponibilização deve contemplar informações que extrapolam a dimensão interna da escrita.

O gerúndio é uma forma verbal que expressa uma ação contínua ou simultânea à oração principal, desempenhando um papel essencial na construção de significados em diferentes contextos. Esse estudo visa descrever o uso e o comportamento do gerúndio na língua portuguesa, analisando sua frequência, variações e funções em textos escritos. Atualmente, o gerúndio é majoritariamente utilizado em perífrases verbais, como em *estou fazendo* ou *vou continuando*, o que enfatiza a continuidade ou progressão de uma ação. No entanto, desde o Português Arcaico, o gerúndio tem sido empregado de várias outras formas, como em expressões adverbiais e modificadores verbais. Devido às diferentes estruturas em que o gerúndio pode ser inserido, sua construção pode ter diversos significados, adaptando-se de maneira flexível para expressar variações de tempo, modo e aspecto dentro de uma frase. A análise abrangente do uso do gerúndio permitirá uma compreensão mais profunda das suas funções sintáticas e semânticas na língua portuguesa contemporânea.

Para a recolha dos dados de análise, usa-se como fonte um conjunto constituído por 131 cartas de sertanejos baianos, do acervo Cartas em Sisal, que faz parte do projeto *Documentos produzidos por mãos inábeis: estudos linguísticos e filológicos*, que integra um projeto maior chamado CE-DOHS, coordenado pela Profa. Dra. Zenaide de Oliveira Novais

Carneiro e pela Profa. Dra. Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda. Essas cartas, fontes representativas da escrita cotidiana, estão editadas nas versões fac-similar, semidiplomática e modernizada, com o uso do programa de edição eletrônica *e-Dictor* (Paixão de Sousa, Kepler, Faria, 2009), e estão disponíveis no site *Mãos Inábeis* (www5.uefs.br/cedohs/maosinabeis/), vinculado ao site do CE-DOHS (<http://www5.uefs.br/cedohs/>) e no volume II da tese de Santiago (2019).

Para ser feita a análise das construções com expressões em gerúndio nas cartas do *corpus* já mencionado, foram separadas as etapas a seguir:

1) Os dados desta pesquisa serão coletados por meio da identificação e extração das ocorrências do gerúndio diretamente nas 131 cartas dos redatores. Para facilitar esse processo, utilizaremos a ferramenta de busca E-corp, desenvolvida por Igor Leal, disponível no site *Mãos Inábeis*. Essa ferramenta permitirá uma busca eficiente e precisa, garantindo que todas as formas verbais no gerúndio sejam devidamente registradas e analisadas. A aplicação do E-corp otimiza a coleta de dados e também possibilita uma análise mais abrangente das construções linguísticas presentes nas cartas, contribuindo para a compreensão do uso do gerúndio no contexto da escrita dos inábeis.

2) O procedimento de coleta de dados consistirá na extração das ocorrências de formas verbais no gerúndio das cartas que já estão digitalizadas no site *Mãos Inábeis*. Cada ocorrência será registrada em uma tabela organizada, que identificará e catalogará todas as construções encontradas. Essa tabela será dividida em diferentes seções de informação: a referência da carta, que indica a origem do texto; o enunciado em que a construção aparece, permitindo contextualizar sua utilização; a caracterização formal, que detalha a forma específica da construção do gerúndio; e a caracterização funcional, que analisa a função e o significado da construção no contexto da frase. Esse procedimento visa proporcionar uma análise sistemática e abrangente do uso do gerúndio com a finalidade de facilitar a identificação de padrões e variações em suas aplicações nas cartas dos redatores. Apresentaremos um exemplo da tabela para que se possa visualizar como fica a organização das informações coletadas:

Quadro 2. Exemplo da tabela das construções com padrões de gerúndio

Carta	Enunciado	Caracterização formal	Caracterização funcional

CS-AFS-06	nim mandi min Dirzer q eu <i>firgo salbemno</i>	[Ficar + V-ndo]	[Tomar conhecimento de algo]
CS-AFS-11	eu <i>estou gananno</i> 305 mil por meis mas o menno	[Estar + V-ndo]	[ação contínua de ganhar que está em andamento]
CS-JCO-31	envio li estas duas Linhas <i>dando</i> as minhas nutisia	[Or. Sub-V-ndo]	[finalidade da ação]
CS-NIN-38	compadi eu <i>tou mi achado</i> doente não poso sair	[Estar + V-ndo]	[estado de uma pessoa no atual momento]

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

3) O método de análise consistirá na avaliação das ocorrências de gerúndio para determinar a quantidade e a distribuição dessa forma verbal nos diferentes tipos de construções. As construções serão divididas em três categorias, a partir das que forem encontradas: construções perifrásticas, que incluem formas como [Ir + Vndo], [Estar + Vndo], [Ser + Vndo], entre outras; construções fixas, que se referem a expressões que se tornaram fixas na língua; e construções subordinadas, nas quais o gerúndio assume essa função, mas de forma reduzida, expressando uma relação de dependência em relação a outra oração. Essa categorização permitirá uma análise mais detalhada das variações no uso do gerúndio e contribuirá para a compreensão de como ele se insere nas diferentes estruturas da língua portuguesa.

Os casos de orações subordinadas serão desconsiderados neste trabalho e não serão analisados, pois a inclusão dessas construções exigiria um tratamento muito complexo relacionado à conexão de orações. As orações subordinadas, por sua natureza, são dependentes de outras orações, o que tornaria a análise mais detalhada e desafiadora. Dado o foco desta pesquisa na análise do gerúndio em construções que não apresentam essa dependência, optamos por não incluir essas ocorrências, com a intenção de manter a clareza e a objetividade da investigação sobre as outras formas de uso do gerúndio na língua portuguesa.

4) Para finalizar a análise das construções, como último resultado, será constituída uma sistematização das construções com gerúndio, que será formada por unidades de gerúndio que interligam diferentes construções. Essa sistematização funcionará como um grande nó ou

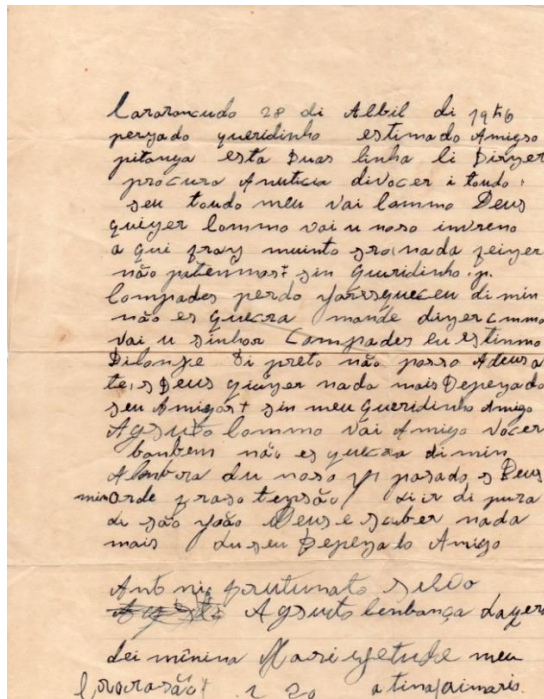
teia, conectando uma construção à outra por meio de diversas relações entre elas. Essa representação permitirá visualizar as interações e conexões entre as construções com gerúndio, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada de sua utilização e das dinâmicas linguísticas que permeiam a língua portuguesa.

4.1 SOBRE AS FONTES

As fontes a serem consideradas integram um conjunto de cartas escritas, durante o século XX, por 53 remetentes, sendo 22 homens e 31 mulheres dos municípios de Ichu, Conceição do Coité e Riachão do Jacuípe (semiárido baiano). Estes escreventes são caracterizados como *mãos inábeis* por Santiago (2019), isto é, estagnados em fase inicial da aquisição da escrita. Essas cartas, fontes representativas da escrita cotidiana, estão editadas no programa de edição eletrônica e-Dictor (Paixão de Sousa, Kepler e Faria, 2009).

O e-Dictor é um programa de edição eletrônica e registro morfológico criado por Paixão de Sousa, Kepler e Faria (2009) e feito para *corpora* apoiados em textos antigos em XML, possibilitando fazer edições modernizadas para facilitar a leitura e ao mesmo tempo possibilita a forma original do texto, e outros tipos de edição como a edição diplomática que é a apresentação fiel do texto; a semidiplomática que se trata de uma transcrição da mesma forma que se apresenta no texto, mas com algumas alterações, como o desenvolvimento das abreviaturas; e a fac-símile que é a reprodução exata do documento; e se encontra também no volume II da tese de Santiago (2019).

Segue uma das cartas dos remetentes:

Figura 2. Fac-símile da Carta 1 - AFS**Carta 1**

AJCO. Documento contendo um fôlio. Escrito com tinta preta, em papel de carta com pautas, medindo 262mm x 205mm. Apresenta marcas de dobras.

Cararancudo 28 di Albil di 1956 |

perzado queridinho estimado Amigo | pitanga esta Duas linha li
 Dirzer | procura A nuticia divocer i toudo | seu toudo meu vai commo
 Deus | quizer commo vai u noso invreno | a qui frais muinto sro. nada
 feizer | não patenmos³ sin queridinho . p. | compades perdo jasesqueceu
 di min | não es queca mande dizer cmmo | vai u sinhor compader eu
 estinmo | Dilonje Di preto não posso Adeus a | te, se Deus quizer nada
 mais Depezado | seu Amigo⁶ sin meu queridinho Amigo | Agsuto
 commo vai Amigo vocer | banbem não es quec[.]⁷ a di min | Alenbra du
 noso [?] pasado se Deus | min orde fraso tensão di ir di pura | di são
 João Deus e saber nada | mais du seu Depezado Amigo |

Antonio frutunato Silva |

Agsto Agsuto lenbança daqera |

dei mênina Mari Jetude meu |

Crorasão [?] a tina aimario |

Fonte: CE-DOHS

Foram feitas 12 entrevistas-narrativas com 12 dos remetentes sertanejos do semiárido baiano. Esses encontros aconteceram em suas próprias casas. Os diálogos foram realizados a partir de alguns temas levantados através de perguntas e alguns assuntos que eles mesmos lembraram. Antes das entrevistas, eles leram e assinaram um Termo de Consentimento para que essas entrevistas pudessem ser publicadas. Essas entrevistas foram feitas em formato de vídeo que duram em torno de 15 a 30 minutos e estão disponíveis no YouTube. Alguns trechos das entrevistas foram transcritos e estão presentes na tese de Santiago (2019). Em algumas dessas entrevistas, em suas falas, são encontradas algumas construções com gerúndio também.

4.2 SOBRE O CONTEXTO SOCIOCULTURAL DOS REDATORES

No século XX, especificamente na primeira metade, a inserção e a atuação das escolas eram processos lentos e ocorriam com pouca frequência mesmo que, naquela época, segundo Santiago (2019), acontecesse um crescimento da preocupação com a escolarização da população. Essa é a época em que a maioria dos remetentes estava na fase da infância ou adolescência. Muitos professores, daquela época, naquela região, eram passageiros, como pontua Santiago (2019, p. 79),

não há muitas informações sobre o processo de escolarização formal, nesse espaço,

durante o século XIX. Nos Atos do Governo da Província, disponíveis no Arquivo Público do Estado da Bahia, há algumas nomeações de professores de primeiras letras para a região; porém, não foram identificados estudos que comprovem a atuação efetiva de todos esses professores em Riachão do Jacuípe e em Conceição do Coité. As poucas aulas, provavelmente, eram ministradas nas residências, por professores leigos, assim como ocorreu em boa parte do século XX [...].

A maioria dos remetentes e destinatários são lavradores, tinham poucas ou quase nenhuma condição financeira, trabalhavam na área da agricultura, cuidando da terra, criação de animais, e viviam nas áreas rurais. Mesmo aqueles que saíram da área rural e foram para áreas urbanas, como em São Paulo, não se desvincularam dos trabalhos nas terras. Segundo Santiago (2019), eles continuaram envolvidos com a vida na roça. Em relação à habilidade que eles tinham com a escrita, não havia diferença entre aqueles que frequentaram a escola alguma vez na vida (séries iniciais) ou aqueles que nunca foram a alguma instituição de ensino, já que todos eles possuem aspectos próprios de adultos em fase de aquisição da escrita, como afirma Santiago (2019).

Muitos dos remetentes tiveram contato com textos e com a leitura através de pessoas como os parentes, os próprios pais ou com professoras que estavam de passagem pela região e tiveram contato com poucos materiais de leitura, como a Bíblia, cartilhas etc. que contribuíram para a noção que eles possuem. A migração, êxodo rural, contribuiu muito também para a aquisição da escrita, uma vez que alguns foram para as grandes cidades em busca de emprego e precisavam manter a comunicação com seus familiares e amigos que ficaram no semiárido baiano. Mesmo que eles não dominassem a escrita, eles escreveram cartas do próprio punho, contribuindo dessa forma para a documentação histórica do PB.

Tanto para a Linguística Histórica quanto para a Gramática de Construções, levar em consideração o contexto sócio-histórico dos redatores é fundamental, pois isso ajuda a explicar quais eram seus contextos sociais e qual era seu relacionamento com a escrita, uma vez que um trabalho como este é realizado com dados escritos, e não com dados de fala, o que torna essencial entender as condições em que essas cartas foram produzidas. Com a necessidade de se comunicar por meio da escrita em certas circunstâncias, as cartas refletem uma proximidade significativa com a fala dos redatores, ou seja, com o uso da língua em sua forma mais natural e cotidiana. Essa conexão entre escrita e oralidade é vital para compreender as particularidades linguísticas presentes nas produções desses indivíduos, que contribuem, por exemplo, para compreender o comportamento de uma construção cristalizada, uma vez que elas são formadas a partir de um determinado contexto entre falantes.

5 CONSTRUÇÕES COM GERÚNDIO NO PORTUGUÊS DO SÉCULO XX: ANÁLISE

Nesta seção, busca-se apresentar e descrever as construções com gerúndio do século XX, presentes no acervo *Cartas em Sisal*. Será realizada uma análise morfossintática e morfossemântica dessas construções, fundamentada nos conhecimentos da Linguística Histórica. Além disso, as construções com gerúndio serão quantificadas e apresentadas por meio de gráficos. Posteriormente, será exposta uma sistematização elaborada a partir das diferentes construções formadas pelo gerúndio.

As construções com gerúndio, em geral, compatibilizam um verbo auxiliar e um verbo principal no gerúndio [Vaux + Vprinc-ndo]. Embora o morfema *-ndo* tenda a acrescentar ao verbo a ideia de processo, os estudos sobre construções com gerúndio indicam que os usos não são tão simplórios assim. Há diferenças morfossintáticas e semântico-pragmáticas significativas, sobretudo no que diz respeito ao seu significado. Por exemplo, *Eu estou fazendo o bolo* transmite a ideia de um processo inacabado e em curso no momento da fala, enquanto *Eu acabei fazendo o bolo* sugere um processo concluído, além de indicar uma atitude de contragosto ou contraexpectativa. Além disso, existem expressões mais ou menos fixas na língua, como *Esse feijão, eu comi rezando*, em que *comer rezando* é uma expressão idiomática fixa na língua.

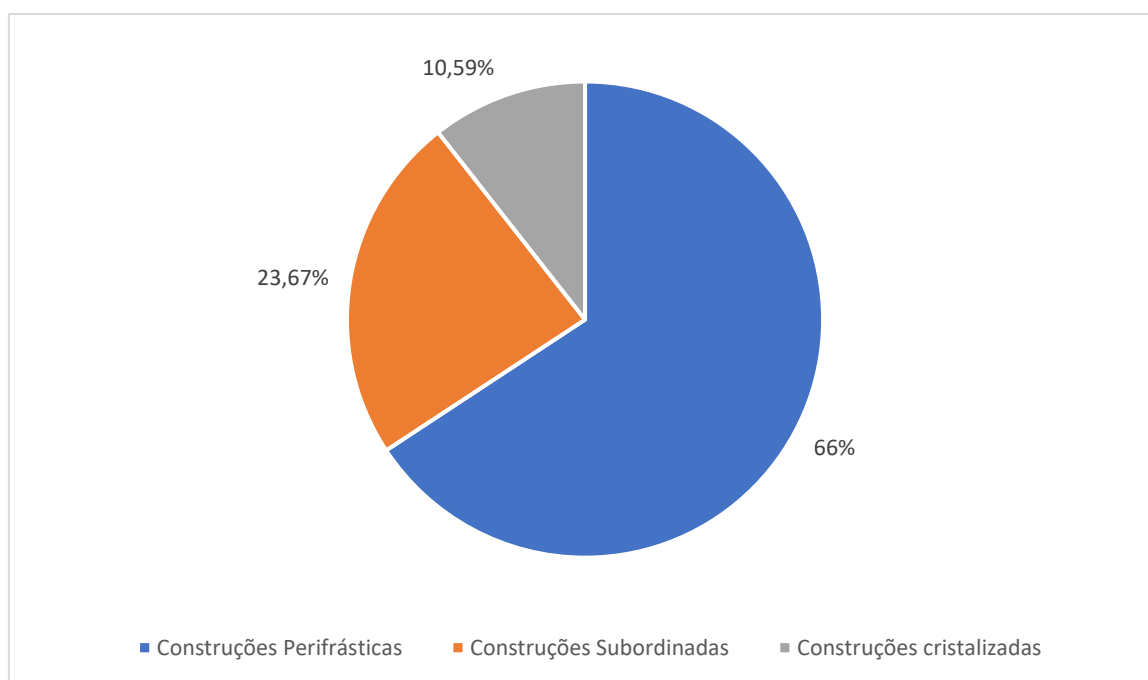
Embora nesta pesquisa tenha-se encontrado uma quantidade majoritária de construções perifrásticas, as quais são muito utilizadas atualmente no uso cotidiano, diversos estudos de linguistas e gramáticos (Dias, 1918; Said Ali, 1921; Cunha & Cintra, 1978; Bechara, 1999), especialmente a pesquisa de Campos (1980) sobre o comportamento do gerúndio desde o Latim até o Português Contemporâneo, mostram que os tipos de gerúndio mais encontrados e utilizados são os circunstanciais. Esses foram elencados nesta dissertação como construções subordinadas reduzidas de gerúndio. Pensa-se que isso se deve ao fato de que, no Latim, o gerúndio assumia valores circunstanciais de instrumento, modo ou meio e, mais tarde, assumiu os demais valores circunstanciais do particípio presente.

É possível observar no estudo de Campos (1980) que, na fase do Português Arcaico, foram encontradas 913 ocorrências do gerúndio circunstancial, de um total de 1047 ocorrências, revelando um grande desenvolvimento do gerúndio e um uso muito flexível, uma vez que, no Português Arcaico, ainda existiam casos do particípio presente, embora em menor quantidade. Da mesma forma, no Português Clássico, o número de gerúndios circunstanciais continua a ser

predominante (391 de 508 ocorrências). Já no Português Contemporâneo, foram encontrados 184 casos do gerúndio circunstancial, de um total de 435, revelando uma diminuição da proporção deste tipo de gerúndio ao longo das fases. Em contrapartida, o número de perífrases, que era relativamente menor, aumentou significativamente, passando de 5,8% dos verbos no Português Arcaico, para 19,6% no Português Clássico e 25,7% na fase do Português Contemporâneo.

Nas cartas dos redatores sertanejos do acervo *Cartas em Sisal*, as construções com gerúndio ocorrem majoritariamente em forma de perífrases, como em *estou ganhando*, *estou trabalhando*, *fico sabendo*, *vou passando*, etc. Após o levantamento das construções nas cartas, como pode-se perceber no gráfico a seguir, foram encontradas 169 construções com gerúndio, das quais 111 são construções perifrásticas, equivalendo a 65,74%, um valor significativo. Na sequência, constatou-se 40 construções subordinadas (23,67%), as quais não há pretensões que sejam desenvolvidas análises mais profundas e detalhadas nessa etapa do trabalho, e 18 construções cristalizadas (10,59%), como podemos observar no gráfico a seguir:

Gráfico 1. Construções com gerúndio nas Cartas em Sisal



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

No decorrer dessa subseção, serão analisadas as ocorrências de cada tipo de construção gerundiva, tais como as construções perifrásticas e as construções cristalizadas. Como já mencionado, as construções subordinadas não serão analisadas. Nessa subseção, será apenas

feita uma breve descrição sobre este tipo de construção, exemplificando-a com algumas ocorrências do corpus aqui estudado.

5.1 REALIZAÇÕES DE SUBORDINADAS

Ratificando o que foi mencionado na seção metodológica, embora exista uma quantidade significativa de construções subordinadas de gerúndio, esse não é o foco desta pesquisa. No entanto, é importante reconhecer que seu emprego nas construções das orações pode influenciar a interpretação destas. Ao considerar as construções encontradas, é possível notar como as orações subordinadas desempenham funções significativas em diversos aspectos e nas relações do contexto de cada construção obtida, mesmo que as ocorrências encontradas não sejam objeto de análise. Portanto, apresentaremos de forma superficial alguns casos de construções subordinadas que foram identificados no *corpus* aqui estudado, sem a intenção de analisá-las. Dos 169 empregos do gerúndio, 40 foram classificados como construções subordinadas, pois o gerúndio é empregado como uma oração subordinada reduzida de gerúndio, expressando valores circunstanciais.

Como já mencionado na seção sobre o fenômeno, na passagem do Latim para as Línguas Românicas, especificamente para a Língua Portuguesa, o gerúndio, além de manter suas funções, assume todas as outras funções originalmente ligadas ao verbo do particípio presente, desenvolvendo-se para o gerúndio que conhecemos hoje. O gerúndio pode ser empregado como oração subordinada adjetiva reduzida de gerúndio e também como oração subordinada adverbial reduzida de gerúndio; no entanto, apenas um caso referente ao primeiro tipo foi encontrado. Segundo as exposições dos gramáticos Cunha e Cintra (1978), Bechara (1999) e outros, as orações subordinadas desenvolvidas são dependentes da oração principal e são regidas por conjunções subordinativas ou pronomes relativos, enquanto as orações reduzidas não são precedidas por esses tipos de pronomes ou conjunções. Observemos uma construção presente no *corpus*:

(162) “Faço-lhi esta carta *pidindo-lhi* a Vossa Exma Senhorita sua irmão Ana em casamento” (CS-RCO-39).

Em (162), o verbo *pedindo* exprime o valor final, referindo-se a finalidade pela qual a oração principal é realizada. Sobretudo não lhe precede qualquer que seja pronome ou conjunção.

Desde o período arcaico da língua até o contemporâneo, não há mudanças quanto a esse tipo de gerúndio. Ele apenas se desenvolve em valores e frequência de uso. Por isso, Campos (1980) destaca que essa construção mantém as mesmas características entre nos tempos do Português Arcaico e do Português Clássico. No Português contemporâneo, existem alguns desenvolvimentos, como ser empregado com sujeito da oração principal ou com sujeito próprio, entre outros aspectos. Como o gerúndio funciona como orações adverbiais subordinadas reduzidas, exprimem alguns valores circunstanciais, portanto apresentaremos apenas alguns casos. Em algumas ocorrências, a construção com gerúndio assume valor modal, expressando o modo como se realiza a ação da oração principal:

(163) “Vou terminal com u meu coração *cintindo* di s saudadi” (CS-AFS-13).

(164) “*vo termina em viando* Lembra- nça e um abraco a senhora” (CS-MDC-84).

(165) “A *finalizo Abarsando* todos da Amiguinha Sinsera” (CS-FPS-47).

Alguns casos também, as construções tem valor final, indicando a finalidade da ação principal:

(166) “envio li estas duas Linhas *dando* as minhas nutisia” (CS-JCO-31).

Algumas construções expressam o valor temporal:

(167) “foi quando *veio* p passarinho *cantano* teu lindo nome somenti par fazer eu chorar” (CS-VO-113).

Em (167), pode-se considerar que a construção utilizada é [*Vir + Vndo*], com o sujeito posicionado entre o verbo auxiliar e o verbo principal. No entanto, o verbo *cantando* indica um valor temporal, equivalendo a *enquanto cantava*.

Foi encontrada apenas uma construção subordinada com o gerúndio, que atua como uma oração subordinada adjetiva reduzida, referindo-se ao sujeito *Safra*.

(168) “Encontrei a Safra de ferreiro uma de 360 cruzeiros e outra por 200,00 cruzeiro uma *sendo* Nova e outra já uzada” (CS-JOM-30).

Embora existam outras significações semânticas de construções subordinadas, esse tipo de construção não foi analisado, pois não é o foco desta pesquisa, conforme já mencionado.

5.2 CONSTRUÇÕES PERIFRÁSTICAS

As construções perifrásticas foram o tipo de construção com o maior número de casos encontrados nas 131 cartas do acervo *Cartas em Sisal*. As construções perifrásticas gerundivas estão presentes na Língua Portuguesa desde os primeiros escritos, embora apresentem limitações em alguns períodos mais antigos (Campos, 1980). No período arcaico da Língua Portuguesa, esse tipo de construção correspondia a apenas 5,83%, mas, conforme os estudos de Campos (1980), sua frequência aumentou ao longo do tempo entre os falantes. Nos estudos de Campos (1980), observa-se que, no Português Contemporâneo, o gerúndio perifrástico teve um aumento significativo, alcançando 25,75%. Contudo, é possível notar que os casos mais frequentes referem-se ao gerúndio circunstancial, que expressa circunstâncias da oração principal, funcionando como advérbio. Isso se deve ao fato de que, no Latim, o gerúndio assumia valores circunstanciais, assim como o particípio presente, enquanto as perífrases (Vaux + Vndo) se formaram apenas nas línguas românicas.

As conjugações perifrásticas, assim denominadas por Dias (1918), são construções que combinam dois verbos: um verbo auxiliar, que é o único conjugado em número, pessoa, tempo e modo, enquanto o verbo principal aparece em uma das formas nominais, sendo o gerúndio o foco desta pesquisa, como [Vaux + Vndo]. A formação desse conjunto permite que o verbo auxiliar contribua para que o verbo principal expresse uma significação semântica específica, conforme destaca o gramático Bechara (2019), uma vez que isso não seria claramente evidente com o verbo principal isoladamente. Alguns estudiosos afirmam que, para que as locuções verbais sejam caracterizadas dessa forma, os verbos auxiliares perdem seu significado primitivo, resultando em perífrases que expressam um conceito único (Campos, 1980). Vejamos os exemplos abaixo:

(169) “eu *estou gananno* 305 mil por meis mas o menno” (CS-AFS-11).

(170) “Comadre eu *vou terminando*” (CS-DCO-100).

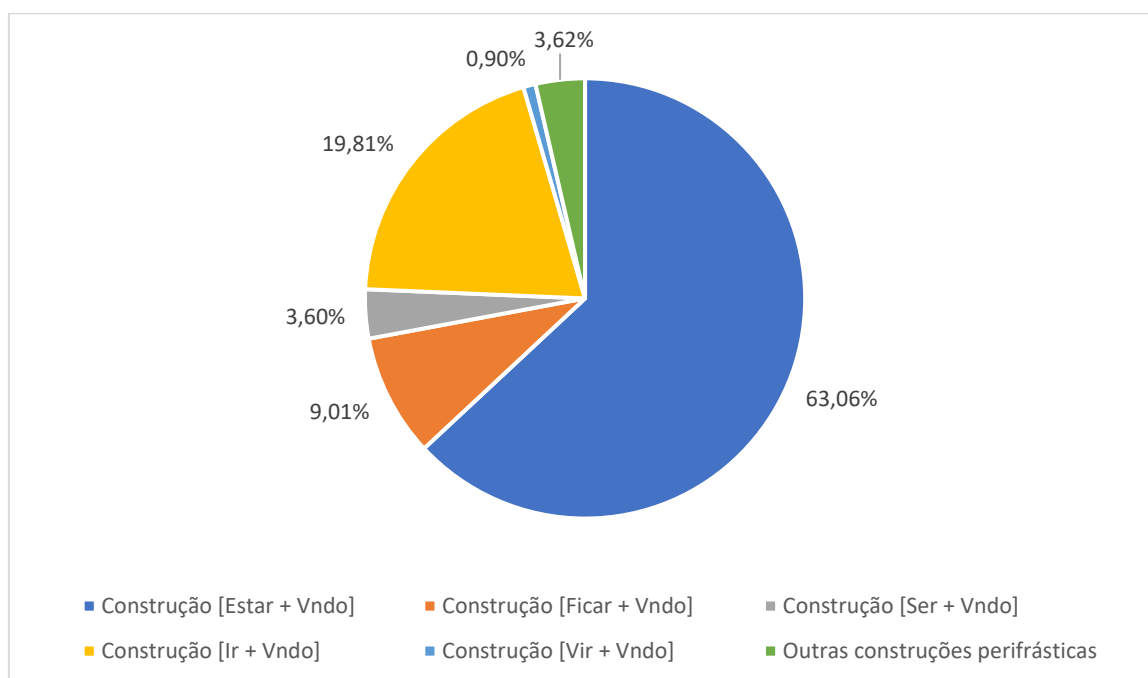
Em ambos os casos (169) e (170), os verbos auxiliares das construções com gerúndio perdem seus significados primitivos. Por exemplo, o verbo *estar*, que originalmente significa estar em pé ou permanecer, conforme explica Said Ali (1921), perde esse sentido na perífrase gerundiva. Da mesma forma, o verbo *ir*, nesta ocorrência, também perde seu sentido inicial de deslocar-se de um lugar para outro, assumindo o papel de verbo auxiliar e contribuindo para a formação de uma perífrase verbal gerundiva. Por isso, Campos (1980, p.82) sustenta que

é muito difícil saber-se a partir de quando e até que ponto se dá o esvaziamento de sentido do verbo auxiliar. Em alguns casos, não há o esvaziamento total de significado do auxiliar e é difícil sabermos se estamos realmente diante de uma unidade ou se temos dois elementos apenas gramaticalmente ligados.

Referindo-se ao emprego das perífrases com gerúndio na Língua Portuguesa, embora houvesse essa diferença de número de casos das construções perifrásticas em determinadas épocas, segundo Campos (1980, p.83),

[...] não há diferenças fundamentais entre várias fases da nossa língua. Desde os primeiros textos há perífrases com verbos de estado e movimento. Somente a distribuição entre esses tipos diverge, de acordo com a época de que se trata – no período arcaico e mesmo nos séculos seguintes, há o predomínio das perífrases formadas com verbos de movimento, a partir do século XIX, as perífrases com *estar* ultrapassam numericamente as com os verbos de movimento.

Então, nas 131 cartas do acervo *Cartas em Sisal*, escritas por sertanejos baianos do século XX, foram encontrados 111 casos de construções perifrásticas, equivalendo a 66,7%. Destas 111 ocorrências foram encontrados algumas construções [V-aux + V-ndo] específicas, como [Estar + Vndo], [Ser + Vndo], [Ficar + Vndo], [Ir + Vndo], [Vir + Vndo]. Estas construções são as mais utilizadas no Português, no entanto, outros tipos também foram encontrados, embora em números tão reduzidos que ficaram em uma única subseção. Por isso, temos a seguinte distribuição deste tipo de construção: com relação aos verbos de estado, 70/111 [Estar + Vndo]; 10/111 [Ficar + Vndo]; 4/111 [Ser + Vndo]; com relação aos verbos de movimento, 22/111 [Ir + Vndo]; 1/111 [Vir + Vndo]; com relação aos outros tipos de construção perifrástica, 4/111, assim como exposto no gráfico a seguir:

Gráfico 2. Construções Perifrásticas

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Estas construções serão divididas em esquemas, assim como mostra o gráfico (ex: [Estar + Vndo], [Ir + Vndo]) e serão descritas e analisadas de acordo com suas estruturas morfológicamente e semanticamente, considerando seus contextos empregados.

5.2.1 [Estar + Xndo]

No que diz respeito ao gerúndio perifrástico, a construção [Estar + Vndo] é a mais utilizada pelos usuários da língua atualmente, portanto, tornou-se uma perífrase comum nos dias de hoje. Com base nos estudos de Campos (1980), observa-se que, nas fases do Português Arcaico e Clássico, sua ocorrência era mais reduzida. Nessas duas fases, era mais frequente o uso de perífrases com verbos auxiliares de movimento (como *ir*, *vir* e *andar*) do que com verbos de estado (como *estar* e *ser*). Na fase contemporânea da língua, essa construção passou a ser amplamente empregada na fala, correspondendo a 50% das perífrases encontradas por Campos (1980). É muito provável que, em quase todos os trabalhos que abordam o gerúndio e têm como objetivo descrever ou analisar essas estruturas, esse tipo de perífrase seja encontrado.

Tanto gramáticos (Cunha & Cintra, 2016; Bechara, 2019) quanto linguistas (Dias, 1918; Said Ali, 1921; Campos, 1980) que estudaram o gerúndio e apresentaram suas definições e configurações mencionaram a perífrase *estar + gerúndio*. Campos (1980) sugere que o verbo *estar* pode se combinar com advérbios para formar novas estruturas, como *estar bem* e *estar mal*. No entanto, ele também pode se juntar a verbos, formando perífrases. Said Ali (1921) ressalta que, quando ocorre essa junção (*estar + gerúndio*), o verbo *estar* perde sua significação original de estar em pé, permanecer ou indicar um estado, como exemplificado por Campos (1980).

Em sua gramática, Cunha e Cintra (2016) apresentam a perífrase *estar + gerúndio*, indicando que esse tipo de construção expressa uma ação durativa e continuada. Ou seja, refere-se a uma ação que se estende ao longo de um determinado momento, que estava, que está ou que estará em andamento. Campos (1980) também corrobora essa ideia, fundamentando-se nas discussões de outros autores da área, ao afirmar que essa perífrase atualiza a ação do verbo principal. Isso significa que a ação pode ser identificada através do tempo em que está empregada e do espaço em que se situa. Para tornar essa ideia mais compreensível, a autora diferencia a perífrase da forma simples. Por exemplo: “*estou fazendo* = faço no momento atual, agora; *faço* = estou disposto a fazer, faço habitualmente, sem nenhuma conotação de tempo” (CAMPOS, 1980, p. 84, grifos da autora).

Podemos observar isso também através de uma ocorrência encontrada no *corpus*:

(171) “mais eu *estou vendo* a convesa que ela vem” (CS-AHC-55).

Em (171), a construção *estou vendo* expressa uma ação contínua e que está em andamento no momento em que é enunciado.

Das 111 ocorrências identificadas como perifrásticas, 70 foram classificadas como [Estar + Vndo], correspondendo a 63,06%. Essa construção tornou-se muito comum na língua falada e reflete-se na escrita das cartas do século XX, pois a escrita dos redatores do acervo *Cartas em Sisal* aproxima-se bastante da fala. Descreveremos algumas das construções identificadas nas 131 cartas, com base em Campos (1980). A autora classifica as perífrases quanto ao tempo verbal, que podem estar no presente ou no imperfeito do indicativo, no futuro do presente, no futuro do pretérito perfeito, no pretérito mais-que-perfeito, no presente ou no imperfeito do subjuntivo, e no gerúndio, quando o verbo *estar* está nessa forma nominal.

Quanto ao aspecto, as perífrases podem indicar a atualização da ação, aspectos incoativo, terminativo, progressivo ou frequentativo.

Com base nas construções [Estar + Vndo] identificadas neste *corpus*, a maior parte delas está no tempo presente ou no imperfeito do indicativo. Quanto ao aspecto, quase todos os casos encontrados (praticamente 100%) expressam a atualização da ação, ou seja, indicam que a ação está acontecendo no momento atual. Vejamos alguns exemplos:

(172) “eu *estou gananno* 305 mil por meis mas o menno” (CS-AFS-11).

(173) “Juão mande mi dizer si ideblando *Esta caminnhdo*” (CS-GOR-28).

(174) “Zezete nois *estamos pensando* em ir embora em junho se deus quiser” (CS-ZLS-71).

(175) “na asiora sera que Terezinha *estava namorando* com ele” (CO-JO-128).

(176) “ele mi fiou com us que [...] *estava namorando* com ela [?]” (CO-JO-128).

Nos casos (172), (173) e (174), as construções [Estar + Vndo] estão no presente do indicativo. Em (172), *estou ganhando* expressa a ação de ganhar de forma contínua, destacando a continuidade da ação de receber o salário mencionado, que ocorre no momento atual. Em (173), *está caminhando* indica a ação de caminhar de forma contínua e que está em curso agora. Da mesma forma, em (174), *estamos pensando* expressa uma ação de pensar de forma contínua e que está em andamento no momento presente. Nos casos (175) e (176), as construções [Estar + Vndo] estão empregadas no pretérito imperfeito do indicativo. Em ambas, *estava namorando* indica a ação de namorar de forma contínua e que estava em andamento em um determinado período passado. Assim, todos esses casos indicam a atualização da ação.

Também foram identificados alguns casos em que a perífrase está no tempo presente do indicativo e denotam a atualização da ação, mas exprimem uma significação consideravelmente diferente. Estas construções significam o estado em que as pessoas presentes no enunciado se encontram. Observemos:

(177) “compadi eu *tou mi achado* doente não poso sair” (CS-NIN-38).

(178) “Aqui *estou passando* bem” (CS-AHC-57).

A significação da construção *tou mi achado* em (177) é o estado atual de uma pessoa, ou seja, expressa o estado que a pessoa se encontra no atual momento. Em (178), embora na estrutura da perífrase use o verbo *passar* no gerúndio, que é caracterizado como um verbo de movimento, *estou passando* significa o estado atual da pessoa. Nesse caso, a construção com gerúndio expressa o estado ou a condição de alguém.

Algumas expressões metafóricas e idiomáticas também foram identificadas, estando também no presente, sobretudo indicando a atualização da ação:

(179) “e cor par li dizeri q*i* *estou morendo* de saudade de vociei meu bezinho” (CS-JMA-65).

(180) “Sól que a Saldade di você *está mir matando*” (CS-ZBO-116).

(181) “i lhi pesco as minhas desculpa q são as minhas poucas praticas não e pur *esta correndo* di [.] <↑sua> amizade” (CS-JMS-66).

Nos dois casos (179) e (180), as expressões *estou morrendo* e *está me matando* são expressões idiomáticas, muito comuns entre falantes da língua. Em (179), a perífrase sugere que o sentimento de saudade é tão intenso que gera um sofrimento emocional muito grande. De modo semelhante no caso (180), também sugere que o sentimento de saudade é muito intenso, e como consequência, promove um grande sofrimento emocional. Essas expressões não podem ser levadas em consideração no sentido literal, pois são combinações de palavras que têm um significado específico e só são compreendidas através do contexto em que os falantes estão inseridos. Já em (181), como o verbo auxiliar *estar*, foi empregado o verbo principal *correndo*. Essa composição formou uma perífrase que, embora esteja empregado com um verbo que indique movimento, quando combinados formaram uma metáfora que simboliza o ato de evitar, fugir da amizade de alguém. Embora indiquem idiomatismos e metáforas, todas, devido ao verbo auxiliar, sugerem que está acontecendo no tempo presente do indicativo.

Segundo Campos (1980), as perífrases *estar + gerúndio* são empregados no presente ou imperfeito do subjuntivo quando a construção exprime um fato possível, irreal, hipotéticas, duvidosas ou desejadas:

(182) “olhe elena eu pasei muito bem e espero que você também *esteja passado*” (CS-BMO-91).

(183) “deise pra mais tardi destar quando nois *tiver podendo*” (CS-ACO-98).

Em (182), o verbo *estar* flexiona-se na terceira pessoa do singular do presente do subjuntivo, conectando-se com o verbo *passar* no gerúndio. Em virtude da flexão temporal do verbo auxiliar, a perífrase *esteja passando* expressa um desejo ou uma esperança da pessoa para quem o redator escreve. Na construção [Estar + Vndo] do caso (183), o verbo *estar* está na terceira pessoa do singular no presente do subjuntivo, sugerindo que a perífrase exprime uma possibilidade. Isto é, a construção do gerúndio expressa a possibilidade de realizar algo.

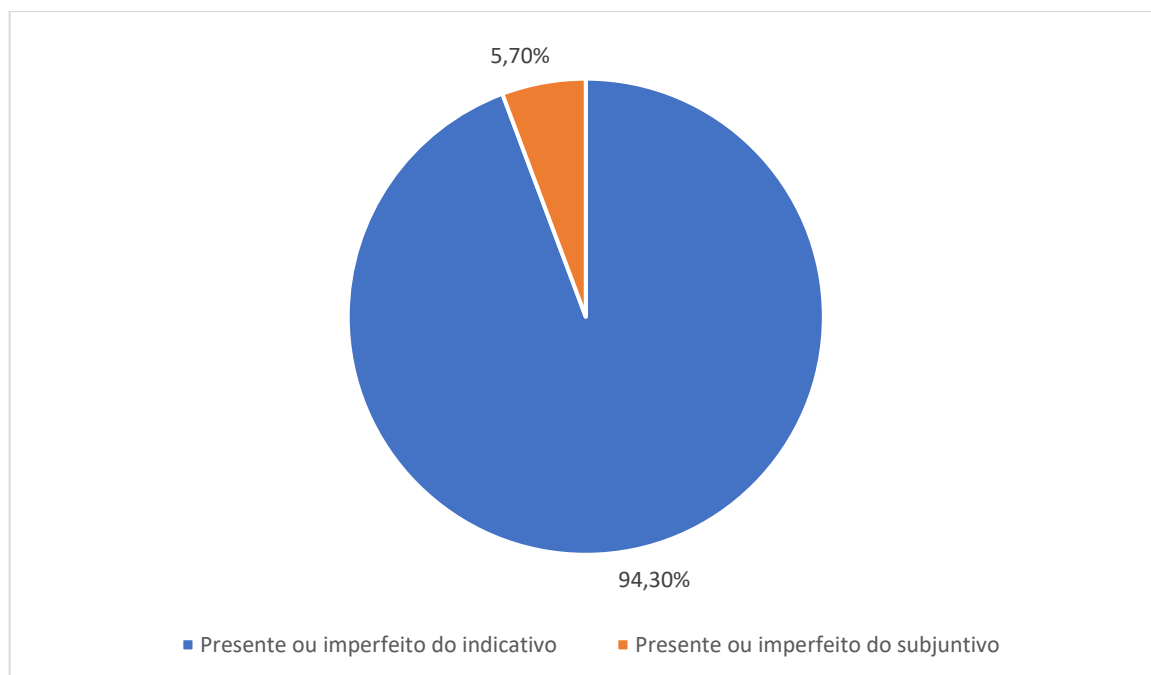
Embora a maioria dos casos encontrados apontem a atualização da ação – cuja ação está em curso ou em andamento –, foram encontrados apenas 2 casos em que a construção [Estar + Vndo] indique o aspecto progressivo:

(184) “Ai mãe manda li dizer que ela *estar Andano* doemte” (CS-ICO-48).

(185) “É Com muita satisfação que pego em minha caneta para escrever para você só para lhe informar que os Mes quesivio tratar *esta aproximando*” (CS-JL-114).

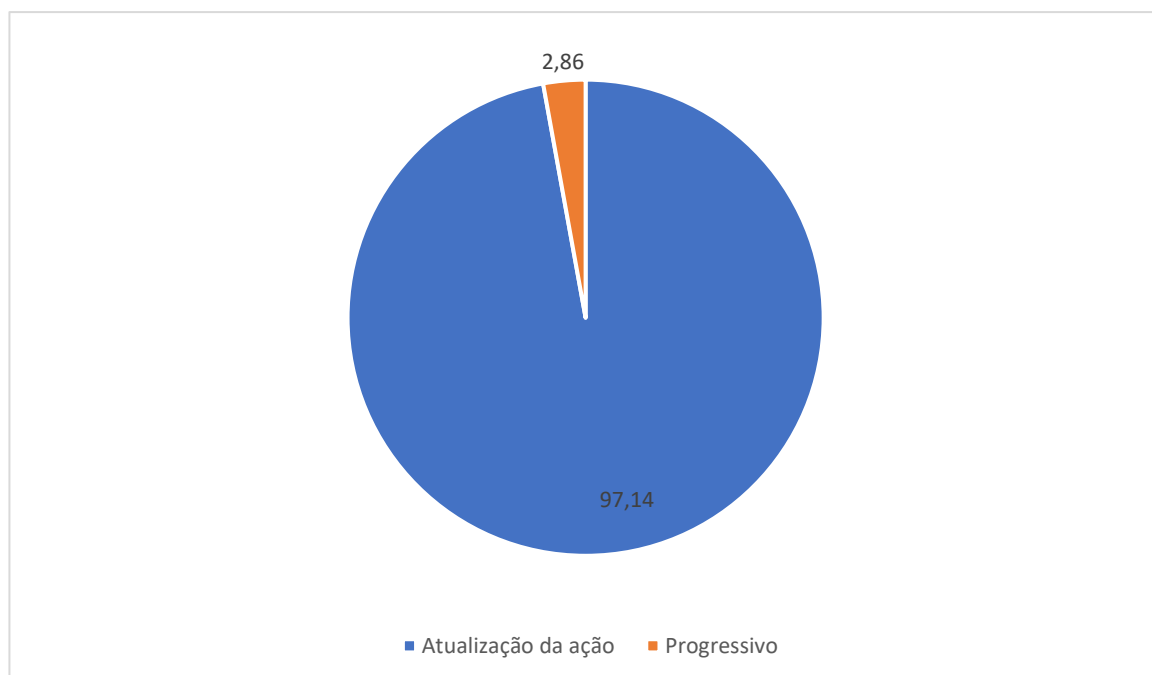
Consoante a análise de Campos (1980), o aspecto progressivo “se desenvolve com verbos que indicam um processo, uma evolução ou uma progressão da ação” (Campos, 1980, p. 87). Portanto, em (184), mesmo que o verbo principal *andar* não carregue seu significado original e ao juntar-se com o verbo auxiliar *estar*, esta construção sugere a situação do estado de saúde que está em desenvolvimento no momento atual, transmitindo uma ideia de processo. No caso (185), *está aproximando* revela a ação de se aproximar, a qual está em andamento e se desenvolvendo ao longo do tempo, indicando um processo.

Em razão de toda essa descrição e análise, quanto ao tempo, 66 perífrases flexionam-se no presente ou imperfeito do indicativo (94,3%), enquanto 4 flexionam-se no presente ou imperfeito do subjuntivo (5,7%), exemplificado no gráfico a seguir:

Gráfico 3. Tempos da construção perifrástica [Estar + V-ndo]

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Quando ao aspecto, somente 2 (2,86%) ocorrências foram identificadas como ações com aspecto progressivo, enquanto todas as outras indicam a atualização da ação, como exemplificado no gráfico:

Gráfico 4. Aspectos da construção perifrástica [Estar + V-ndo]

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

5.2.2 [Ser + Vndo]

Nem os gramáticos que fazem a apresentação do gerúndio, expostos aqui nesta pesquisa, tampouco, os estudos de Dias (1918) e Said Ali (1921), mencionam as perífrases com gerúndio em que o verbo auxiliar empregado seja o verbo *ser*. Isso se deve ao fato de que as perífrases com verbos de estado eram menos frequentes na Língua Portuguesa, desde o período arcaico da língua e só tiveram um aumento mais significativo apenas na época contemporânea. Segundo os estudos de Campos (1980), houve a formação de perífrase com o verbo *ser* no PA, encontrando um único caso em seus estudos. A autora afirma que o valor semântico desse tipo de construção [ser + Vndo] equivale à atualização da ação, assim como a construção [estar + Vndo]. Isso indica que a ação está ocorrendo no presente, em andamento, ou em um período específico no tempo.

No Português Clássico, Campos (1980) não encontrou nenhum caso da construção [Ser + gerúndio]. Embora nessa época tenham se desenvolvido alguns tipos de gerúndio, outros casos típicos do período arcaico desapareceram, como no caso da perífrase em questão. Já no gerúndio do Português Contemporâneo, a autora encontrou alguns casos, porém em número reduzido. Para a autora, no Português Arcaico, a significação semântica do verbo auxiliar *ser* equivalia à do verbo *estar*. No entanto, no Português Contemporâneo, as perífrases com verbos de estado estão limitadas às compostas pelo verbo *estar* + *gerúndio*. Isso se deve, além dos poucos casos encontrados pela autora, à perda do valor semântico próprio do verbo *ser*.

no período arcaico, as perífrases com *ser* + *gerúndio* tinham valor determinado, atualizando a ação do verbo que estava no gerúndio. No período moderno e contemporâneo, essas perífrases não tem valor próprio. Dependendo do contexto, ora atualizam a ação principal, ora têm valor progressivo, ora o verbo *ser* desempenha uma função bem diferente, a de um verbo vicário, substituindo um outro verbo (Campos, 1980, p. 90, grifos da autora).

Nas 131 cartas do acervo, foram encontrados apenas 4 casos de construções com a forma [Ser + Vndo]. Nos quatro casos, a composição das construções dá-se pelo verbo *ser* em terceira pessoa do singular e o verbo principal no gerúndio. Analisaremos as construções a seguir:

(186) “minha vida *er pencanno* pelo u senhor” (CS-AFS-16).

Na construção (186), o verbo *ser* encontra-se no tempo presente do indicativo e na terceira pessoa do singular, e embora muitas vezes seja utilizado como verbo de ligação que

conecta o sujeito ao predicativo, ele funciona como um verbo auxiliar, formando uma construção perifrástica com o gerúndio *pensando*. O verbo *pensar*, no gerúndio, descreve a ação de refletir ou meditar. O gerúndio indica que a ação está em progresso e é contínua, sugerindo que a ação de *pensar* ocorre de forma contínua no presente, indicando que a vida da pessoa está constantemente dedicada àquilo. Outrossim, essa construção implica que a ação de pensar é uma prática habitual e regular na vida da pessoa, expressando que essa ação está em andamento continuamente. Ou seja, a rotina da pessoa está constantemente focada no ato de pensar sobre o senhor, com a ação de pensar sendo uma parte integral da vida da pessoa, sugerindo que seja uma parte ininterrupta da vida e persistente.

(187) “Compadre João o fim duas linhas *E so pidindo* votos adeus a lhe emcontra gozando saúde” (CS-GOR-29).

Na construção (187), o verbo *ser* está conjugado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, atuando como um verbo auxiliar que emprega-se ao verbo *pedindo*, no gerúndio, o qual é o verbo principal da perífrase formada. Essa expressão revela que a ação de *pedir* está em andamento e ocorre de forma contínua, destacando que a conclusão da carta é dedicada exclusivamente a essa súplica. O uso do gerúndio no verbo *pedir* enfatiza que essa prática é regular e reiterada, o que sugere que o autor se preocupa profundamente com a situação do compadre João. Assim, a construção [Ser + Vndo], nesse caso, sugere que a única preocupação no final da carta é a súplica a Deus para garantir que o compadre seja encontrado em boas condições.

(188) “olhe tia eu não me Aqueto hora em uma *e costoramo* o dia entero” (CS-ICO-48).

Na frase (188), o verbo *ser* é empregado na terceira pessoa do singular no presente do indicativo, formando uma perífrase com o verbo principal *costurar* no gerúndio. O gerúndio *costurando* descreve a ação de trabalhar com costura, indicando que essa atividade está em progresso e é contínua. A construção *é costurando* sugere que a ação de *costurar* ocorre de forma constante no presente, evidenciando que a pessoa está constantemente envolvida nessa prática. Além disso, essa construção denota que costurar é uma atividade habitual e regular na vida da pessoa, reforçando a ideia de que ela está sempre ocupada com a costura durante todo o dia. Ou seja, a ocorrência *é costurando* realça a constância da ação, mostrando que a ação se

estende ao longo de todo um período. Assim, a construção analisada não apenas comunica a rotina agitada da pessoa, mas também destaca a intensidade e a regularidade da sua ocupação com a costura.

(189) “só a[.]ua [.] *era cintindo* mui- t[.] falta” (CS-ACO-96).

Em (189), o verbo *ser* está conjugado na terceira pessoa do singular no pretérito imperfeito do indicativo e é utilizado para formar a uma perífrase verbal com o verbo *sentir* no gerúndio, que expressa uma ação contínua ou habitual no passado. O uso do pretérito imperfeito *era* sugere uma continuidade no tempo, indicando que a ação estava em andamento. Por sua vez, o verbo *sentir* no gerúndio descreve a ação de perceber ou experimentar algo, indicando que essa ação estava em progresso. Ou seja, a construção *era sentindo* sugere que a ação de *sentir* estava ocorrendo de forma contínua no passado, caracterizando sentir a falta como uma atividade constante e persistente na vida do sujeito.

Nas quatro construções [Ser + Vndo], (186), (187), (188), (189), o verbo *ser* atualiza a ação dos verbos que estão no gerúndio. Isso é, todos os casos em que o verbo *ser* está no presente do indicativo, as construções expressam ações que acontecem de forma contínua ou de forma habitual no tempo presente, assim como o verbo *estar*. Da mesma forma, acontece com o caso em que o verbo *ser* está no pretérito imperfeito do indicativo, porém em um determinado período no passado.

5.2.3 [Ir + Xndo]

Baseado na análise sobre as construções perifrásticas feita por Campos (1980), tanto no Português Arcaico, quanto no Português Clássico, as construções com verbos de movimento, tais como *ir*, *vir* e *andar* eram mais recorrentes do que as compostas com verbos de estado, sobretudo o verbo auxiliar *ir*, o qual é ainda mais recorrente do que os outros verbos. No período contemporâneo da língua, o verbo de estado *estar* ganhou mais frequência em uso e tornou-se muito comum, fazendo com que a perífrase *ir + gerúndio* se tornasse menos frequente, embora ainda assim seja uma das mais comuns utilizadas pelos usuários da Língua Portuguesa. Nas cartas do século XX, cujo são as 131 cartas que compõem o *corpus* desta pesquisa, foram classificados 22 casos [Ir + Vndo], equivalendo 19,81% das perífrases verbais. Isso indica que ainda é uma construção comum entre falantes.

Tanto os gramáticos, quanto os linguistas (Cunha & Cintra, 1978; Bechara, 1999; Dias, 1918; Campos, 1980) consideram que a perífrase formada com o verbo auxiliar *ir* + *gerúndio* exprime ações progressivas e graduais em maior recorrência destas construções. Ao analisarmos as construções [Ir + Vndo] no *corpus* desta pesquisa, percebemos que a maioria dos casos indicam o aspecto progressivo e gradual, como podemos observar:

(190) “u tempo a qui *vai farzendo* muito sol vai Bem commo Deus qêr” (CS-AFS-19)

(191) “i eu *vou vivendo* Com saude grasa a D [...] lovado” (CS-SFS-41).

(192) “Comadre eu *vou terminando*” (CS-DCO-100).

(193) “*Vai* estas duas linha *farzenno* u meu Aver com” (CS-AFS-13).

Nas três construções (190), (191), (192), e (193) as perífrases *ir* + *gerúndio* indicam o aspecto progressivo, pois o verbo *ir* expressa o seu sentido original de mover-se de um determinado lugar para outro (CAMPOS, 1980). Conforme a autora, quando a construção “se pretende indicar que a progressão ainda está se dando” (Campos, 1980, p. 91), o verbo *ir* encontra-se empregado no tempo presente ou imperfeito do indicativo e sugere um aspecto progressivo imperfectivo. Em (190), a construção *vai fazendo* contribui para expressar a ideia de uma ação contínua e progressiva que está sendo realizada pelo tempo. Em (191), *vou vivendo* expressa a ação de viver de maneira gradual e progressiva que está em andamento. Na construção em (192), exerce também a ação de terminar algo de forma progressiva e gradual que está em andamento, sendo assim, o aspecto progressivo pode se manifestar em perífrases formadas com verbo auxiliar *ir* e verbo de significado terminativo, como *terminar*. Em (193), a expressão com gerúndio contribui para expressar a ideia de uma ação contínua e progressiva que está sendo solicitada ou desejada, realizada pelas duas linhas.

Dentre as ocorrências, foram identificadas algumas em que o verbo auxiliar *ir* está no modo imperativo:

(194) “Olha eu não mando dizer o dia mas *vár aguardando* ais novidade” (CS-ZLS-70).

(195) “*var rezando* para nosa senhora da Conceição para nos ajudar” (CS-ZLS-71).

Em ambas as ocorrências, o verbo auxiliar está em no modo imperativo, indicando, portanto, uma ordem ou um conselho. Na construção (194), o verbo *ir* no imperativo se une ao verbo *aguardar* no gerúndio e exprime uma ideia de uma ação contínua e progressiva através de uma comunicação que haverá no futuro. Em (195), o verbo *ir* também no imperativo é empregado com o verbo *rezar* no gerúndio, sugerindo uma ideia de permanência e continuidade na ação que é rezar.

As construções [Ir + Vndo] também pode indicar o aspecto progressivo, estando no infinitivo:

(196) “Conpadi pitanga vou farzer esta Duas linha par u sinpi ir Alenbanno di min” (CS-AFS-24).

Em (196), o verbo auxiliar não está flexionado em nenhum tempo, encontrando-se na forma nominal do infinitivo, enquanto o verbo *lembrar* está no gerúndio. Segundo Campos (1980), o verbo *ir* pode permanecer no infinitivo quando é acompanhado por uma preposição ou por um verbo que forma essa estrutura nominal. A expressão com gerúndio transmite a ideia de uma ação gradual e progressiva que será realizada.

Outras perífrases também podem indicar o aspecto progressivo e gradual, mas de acordo com seu contexto, elas podem mudar sua significação. Analisemos:

(197) “eu vou *passando* como que Jeus e sîntindo e numeros as saudades das nossa paslestar” (CS-SFS-40).

(198) “Eu a qui com todos *vamos pasando* bem” (CS-ZBO-123).

(199) “eu a qui com todos *vai passando*” (CS-VO-129).

Embora nos exemplos acima as construções indiquem que as ações são progressivas e graduais, ao analisar os contextos podemos considerar uma significação semântica relativamente diferente nas construções (197), (198) e (199) devido à sua composição *ir + passando*. Todas as três construções indicam o estado que a pessoa se encontra no atual momento. Em todos os casos, a construção é formada com verbo principal que indica ação de

movimento, como *passar*, no entanto nesses contextos o verbo empregado denota um estado que as pessoas estão.

Outras construções também expressam estado, mas sua estrutura é relativamente diferente, em alguns casos, como por exemplo, em perífrase que é formada [Ir + Ir-Vndo] no gerúndio. Segundo Campos (1980), essa perífrase também indica o estado que a pessoa se encontra, no entanto “quando não se quer dizer que se *vai bem*, nem *mal*, mas se vai moderadamente ou mediocrementemente. Correspondem comumente ao estado normal da pessoa, em que não ocorre nada de especial” (CAMPOS, 1980, p. 97). Essas construções são muito usadas na linguagem coloquial e são chamadas de *fórmulas feitas*, por isso, não possuem um aspecto. Também ocorre em casos [Ir + Andando], como podemos observar a seguir:

(200) “Eu a qui como despresada *Vou indo* empas com todos meus” (CS-ZBO-52).

(201) “eu mais todos meu *Vou indo*” (CS-ZSS-53).

Existem também algumas construções [Ir + Vndo] que, além de apresentar o aspecto progressivo, apresentam também o aspecto incoativo. Observemos:

(202) “o outro desti mês que vem e tia da outra jar *foi logo dizendo* que queria recebe a te o dia 20” (CS-ZBO-131).

Na construção em (202), a perífrase *foi logo dizendo* indica o aspecto incoativo. Campos (1980) assegura que nesse tipo de construção, atentemos apenas para noção inicial da ação, sem dar atenção a sua conclusão e geralmente entre o verbo auxiliar e o principal emprega-se o advérbio *logo*. Portanto, a construção *foi logo dizendo* equivale a *pôs-se a dizer*.

5.2.4 [Vir + Xndo]

Embora as construções perifrásticas com gerúndio que predominavam no Português Arcaico fossem as que utilizavam verbos de movimento (*ir*, *andar* e *vir*), esse tipo de construção [Vir + Vndo] ainda estava em processo inicial de gramaticalização, conforme aponta Campos (1980). Com o passar das fases da Língua Portuguesa, essa construção foi sendo cada vez mais utilizada pelos falantes, contribuindo, portanto, para um aumento no número de casos dessa

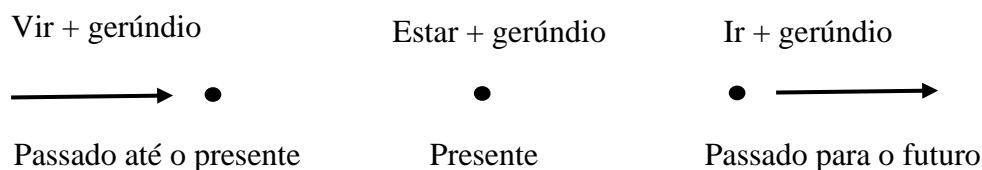
estrutura. No acervo *Cartas em Sisal*, a construção com essa perífrase foi a de menor frequência, com apenas 1 caso da construção [Vir + Vndo] encontrado.

Alguns linguistas, como Said Ali (1921), consideram que, se na perífrase verbal o verbo auxiliar perde sua significação original, ele não pode ser considerado um verbo auxiliar. O autor afirma que, se os verbos de movimento (*andar, ir e vir*) forem empregados com o gerúndio e seu significado for mantido, de forma que o gerúndio expresse uma ação contínua que ocorre simultaneamente à oração principal, esses verbos não atuam como verbos auxiliares. No entanto, se expressarem uma ação durativa, são considerados verbos auxiliares. Tanto Dias (1918), quanto Said Ali (1921) e Campos (1980) afirmam que construções perifrásticas com o verbo auxiliar *vir* e o verbo principal no gerúndio indicam uma ação que se desenvolve gradualmente. Podemos observar e analisar a construção a seguir:

(203) “Nerado resebir tua carta vir todo que *vinha dizendo* ...” (CS-ROM-73).

Na construção (203), o verbo *vir* está no pretérito imperfeito e na terceira pessoa do singular (*vinha*), sugerindo uma continuidade no tempo passado e indicando uma ação que estava em andamento. Esse verbo integra-se ao verbo principal no gerúndio (*dizendo*), que descreve a ação de comunicar algo, assumindo o papel de uma ação em progresso ao longo do período em questão. Ao analisarmos uma estrutura como essa, podemos concluir que a construção [*vinha dizendo*] pode indicar várias coisas, especialmente que a ação de *dizer* estava acontecendo de forma contínua ao longo de um período no passado; ou seja, o conteúdo presente na carta estava sendo comunicado progressivamente.

Segundo os postulados de Dias (1918) e ratificados pelos gramáticos Cunha e Cintra (1970), ao comparar o emprego da perífrase *vir* + *gerúndio* com a perífrase *ir* + *gerúndio*, existe apenas uma diferença entre os verbos auxiliares *ir* e *vir*: seus significados originais. “Enquanto em *ir* se tem a noção de uma ação que, partindo de onde se está, avança num sentido determinado, *vir* conserva de certo modo, o significado primitivo de “transportar-se de um lugar para o lugar onde estamos ou que está a nosso lado; dirigir-se para cá”” (Campos, 1980, p. 98). Observemos o esquema apresentado por Travaglia (2006), que também contextualiza essa ideia dos verbos *vir* e *ir*:

Figura 3. Verbo vir e verbo ir

Fonte: Travaglia (2006, p. 219). (Adaptado pela autora)

Embora possuam significados diferentes, estes verbos possuem os mesmos valores aspectuais das ações (Dias, 1918), os quais são a realização gradual e progressiva da ação. Esses valores podem indicar na maioria dos casos uma ideia de “pouco a pouco” ou “sucessivamente”, sugerindo repetição ou reiteração, como podemos observar no exemplo a seguir:

(204) Eles *vinham recebendo* dinheiro do governo.

Embora transmitam essas impressões de repetição como em (204) e como em muitos casos de perífrases *vir + gerúndio* e *ir + gerúndio* (ex: as crianças *iam chegando* na escola – sucessivamente, uma atrás da outra), no caso da construção analisada (204), *vinha dizendo* não sugere essa noção de repetição. Essa construção destaca que a mensagem presente na carta estava em desenvolvimento ou em progresso. O tempo verbal do verbo auxiliar, pretérito imperfeito, denota um aspecto prolongado da mensagem e comunicação, ainda que essa mensagem esteja sendo expressada através de uma única carta. Em função dessas conclusões, a construção (204) possui o aspecto imperfectivo-continuativo, pois segundo Campos (1980), “incluem-se neste tipo todas as perífrases que, exprimindo uma ação não completada, indicam o prolongamento e a continuidade desta mesma ação” (Campos, 1980, p. 98).

5.2.5 [Ficar + Vndo]

Entre as construções perifrásticas com gerúndio, a construção [Ficar + Vndo] é o terceiro tipo de gerúndio com mais casos encontrados no *corpus* desta pesquisa. No entanto, o número de ocorrências ainda é relativamente baixo, pois, de um total de 111 casos analisados de perífrases, apenas 10 foram identificados com essa estrutura, um equivalente de 8,33%. Nesse caso [Ficar + Vndo], segundo os gramáticos Cunha e Cintra (1978), o verbo *ficar*

empregado com o *gerúndio* sugere uma ação durativa que acontece de forma rotineira ou que ocorre de forma mais prolongada do que a construção [Estar + Vndo].

Ainda no Português Clássico, através dos postulados de Campos (1980), foram identificados em pouca quantidade apenas três casos da perífrase *ficar + vndo*. Desde esse período, essas perífrases podem expressar o aspecto permansivo e também o incoativo. Segundo Campos (1980), as construções [Ficar + Vndo] indicam esses valores aspectuais devido ao significado original do verbo *ficar*, que significa “conservar-se num lugar, permanecer, sobreviver” (Aulete *apud* Campos, 1980, p. 104). O aspecto incoativo é uma categoria gramatical, pertencente ao verbo, que expressa o início de uma ação ou estado. Ele indica que algo começou a acontecer, mas não necessariamente se completou. Alguns verbos que destacam o início de uma ação podem representar o aspecto incoativo, a saber: começar, iniciar, principiar, entre outros. O verbo *ficar* também denota o aspecto incoativo em certos contextos. Observemos:

(205) Ela *ficou pensando* nos assuntos da prova.

Em (205), *ficou pensando* sugere que ela começou a pensar nos assuntos da prova, mas não necessariamente que chegou a uma conclusão ou que o pensamento foi completado. O foco está no início da ação de pensar.

Com relação ao aspecto permansivo, podemos considerar como o aspecto durativo, pois caracteriza-se como uma ação ou estado que ocorre de forma contínua e que persiste por um determinado período no tempo. A maioria das construções *ficar + gerúndio* encontram-se no aspecto permansivo, tal como mencionado por Campos (1980). Segundo citação a seguir:

o durativo é caracterizado por apresentar a situação como tendo **duração contínua limitada** [...] Importa esclarecer que não se pode falar em aspecto durativo pelo simples fato de termos na frase um processo ou um estado que são situações durativas. É preciso ver se na frase em questão a situação está, por qualquer meio, marcada como durativa, pois, como já vimos até mesmo situações pontuais podem ser apresentadas como durativas (Travaglia, 2006, p. 79, grifos do autor).

Podemos observar o exemplo abaixo apresentado por Travaglia (2006):

(206) João **ficará atendendo** as pessoas (Travaglia, 2006, p. 79, grifo do autor).

Embora o autor afirme que possam existir processos e estados com marcação aspectual pontual e mesmo assim serem durativas, majoritariamente nos casos de construções com gerúndio não há situações pontuais, porque o gerúndio caracteriza-se por uma ação contínua, como é o caso de (206) em que o uso do verbo *ficar* no futuro do presente junto com o gerúndio *atendendo* enfatiza que essa ação ocorrerá ao longo de um período de tempo, não sendo pontual.

Podemos analisar alguns dos casos encontrados no *corpus* desta pesquisa em que as construções possuem aspecto permansivo (= durativo):

(207) “conpadi mndi min dizer contor eu *firquei lir devenno* par eu puder lir pargar” (CS-AFS-12).

(208) “mande dizer por Jero que eu *fico esperando* sim” (CS-ZBO-119).

(209) “as minho pena não quebro por Sointe mai *fico mito doedo*” (CS-VAN-86).

Na construção em (207), a perífrase com gerúndio envolve o verbo auxiliar *ficar* na primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e o verbo *dever* no gerúndio. O gerúndio destaca a continuidade e progressividade da ação de dever, indicando que a pessoa ainda está numa situação de dívida não resolvida. Então o significado da construção é uma ação em curso ainda não resolvida, que permanece. Em (208), a perífrase verbal com gerúndio emprega-se o verbo *ficar* na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e o verbo *esperar* no gerúndio. O gerúndio destaca a ação contínua e duradoura de esperar. Essa ação está acontecendo no presente e mantém-se durante um tempo determinado. Na ocorrência em (209), a perífrase verbal com verbo no gerúndio é empregada com o verbo *ficar* na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e o verbo *doer* no gerúndio precedido pelo advérbio *muito*. Da mesma forma que as outras ocorrências, a construção *ficou doendo* expressa uma condição em que a pessoa encontrava-se, denotando que é algo que persistiu durante um determinado tempo. Independente do tempo verbal do verbo auxiliar *ficar* empregado em todos esses casos, os valores das construções serão os mesmos, exprimindo uma ação contínua, durativa e que se mantém ao longo do tempo.

Consoante Campos (1980, p.104), “no aspecto incoativo, a perífrase com *ficar* normalmente adquire esse valor junto a determinados verbos, como *saber* e *conhecer*, mas pode ainda ocorrer com outros verbos, tais como *gostar*, *querer bem*, *tocar*, *ver* e *ser*”. Todos os outros casos que não possuem aspecto permansivo, possuem aspecto incoativo. Analisaremos:

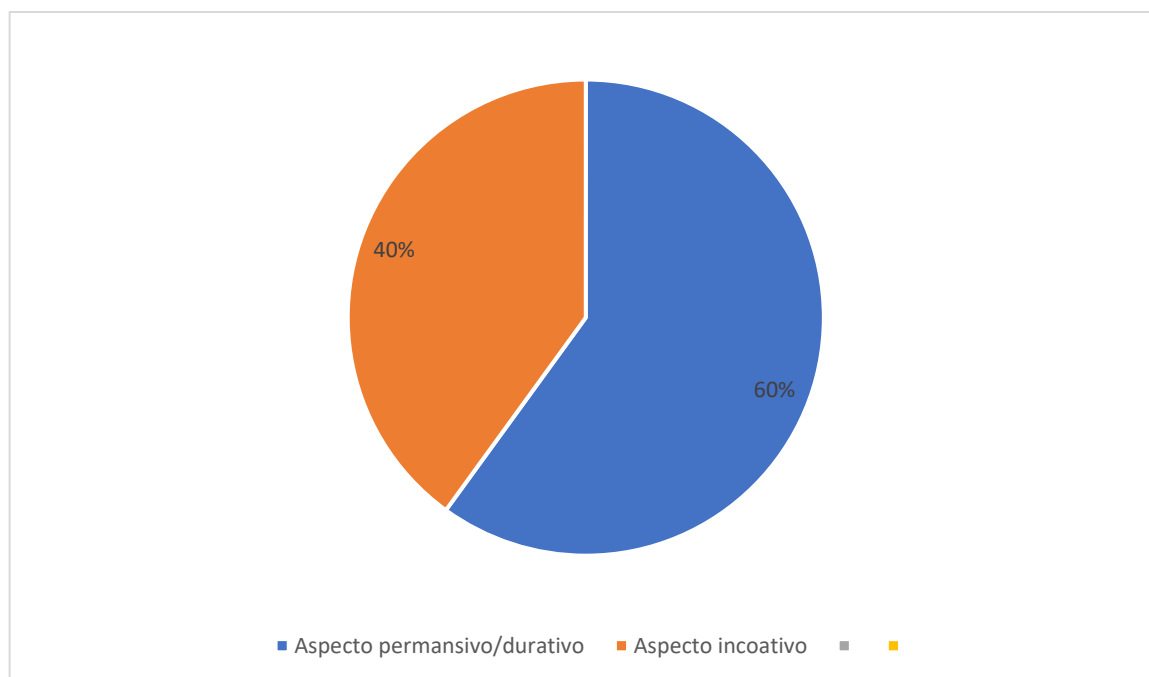
(210) “nim mandi min Dirzer q eu *firgo salbemno*” (CS-AFS-06).

(211) “se a senhora fou mande dizer pra eu *ficar sabendo*” (CS-DCO-102).

Em (210), a perífrase é formada pelo verbo auxiliar *ficar* na primeira pessoa do singular do presente do indicativo e o verbo *saber* no gerúndio. Nesse contexto, significa que a pessoa tomará conhecimento da informação assim que a outra pessoa realizar a ação de dizer. Em (211), a perífrase é composta pelo verbo *ficar* no infinitivo e o verbo *saber* no gerúndio. A construção do gerúndio expressa a ação de saber no momento futuro, ou seja, a pessoa ter conhecimento de algo ou de alguma informação. Ou seja, ambas as construções indicam tomar o conhecimento de algo, indicando uma ação que terá início, que caracteriza um aspecto de início de uma nova condição. Essa construção é bastante idiomática e usada no português coloquial para expressar a ideia de adquirir informação de maneira espontânea ou casual.

Dos 10 casos encontrados com as construções de esquema [Ficar + Vndo], 6 expressam aspectos permansivo/durativo, enquanto 4 expressam aspecto incoativo, isso é, as construções perifrásticas *ficar* + *gerúndio* com caráter de ação que contínua que permanece ao longo de um determinado tempo é mais frequente na Língua Portuguesa, como podemos observar no gráfico:

Gráfico 5. Aspectos das construções perifrásticas [Ficar + Vndo]



Fonte: elaborado pela pesquisadora.

5.2.6 Outras construções perifrásticas

Embora as perífrases mais comuns com gerúndio na Língua Portuguesa sejam *estar + gerúndio*, *ir + gerúndio*, *ficar + gerúndio*, *andar + gerúndio*, não foi encontrado no *corpus* nenhum caso desta última citada, mas foram encontradas outras construções perifrásticas com o gerúndio nas cartas dos sertanejos com alguns esquemas. A distribuição foi feita desta maneira: 1/4 [Continuar + Vndo]; 1/4 [Pegar + Vndo]; 1/4 [Viver + Vndo]; 1/4 [Voltar + Vndo].

O número dessas construções foi significativamente baixo. Alguns motivos podem explicar o porquê. A frequência de uso de algumas perífrases depende do contexto em que o usuário da língua está inserido, então pode soar estranho, como por exemplo, a construção [Viver + Vndo], pois o verbo auxiliar *viver* exprime uma ideia de estado e não de uma ação que está em andamento. Assim como, algumas perífrases também não indicam a mesma fluidez que outras, como *estar + gerúndio*. Sobretudo, algumas construções podem ser mais idiomáticas e apenas utilizadas em certos contextos. Esses fatores podem contribuir para o uso menos comum de algumas construções perifrásticas de gerúndio.

Consoante Campos (1980, p.103), alguns verbos são chamados de *verbos semi-auxiliares*, a saber: continuar, ficar, terminar, começar, entre outros que possuam sentidos similares. A justificativa é dada pela autora, afirmando que esses tipos de verbo, “devido à reduzida ou quase nula gramaticalização por que passaram, não são incluídas, pela maior parte dos estudiosos”. Analisaremos as construções seguintes:

(212) “eu peço que você apareça é *continunhi escrevendo* par mim” (CS-AHC-54).

A construção (212) é formada pelo verbo semi-auxiliar *continuar* na terceira pessoa do singular do presente do subjuntivo e o verbo *escrever* no gerúndio. Perífrases formadas com esse tipo de verbo, ou semelhantes quanto ao sentido, sugerem aspecto permansivo, pois consideram o significado primitivo desses verbos. Portanto, a construção com gerúndio expressa um pedido para continuidade da ação de escrever, caracterizada como uma ação progressiva e contínua, destacando a importância da continuidade e da durabilidade na execução da ação.

(213) “Parece que foi robado; mas *peguei sabendo* que voces não queria” (CS-MMO-76).

Na construção (213), a perífrase é formada pelo verbo *pegar* na primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e o verbo *saber* no gerúndio. O redator utilizou o verbo *pegar*, mas através do contexto da mensagem, é possível identificar que ele quis dizer *ficar sabendo*. Campos (1980) afirma que a maioria das construções [Ficar + Vndo] denotam o aspecto permansivo, devido ao seu sentido original, porém em outros casos, tem-se o aspecto incoativo, que é o que caracteriza esta construção, pois refere-se ao início de um ação ou estado. E nesse caso, a construção *fiquei sabendo* significa o ato de tomar conhecimento de algo em um determinado tempo no passado.

(214) “se *veve chorando* dia e noite” (CS-MDC-84).

A construção (214) constitui-se pelo um verbo auxiliar *viver* em terceira pessoa do singular do presente do indicativo e o verbo *chorar* no gerúndio. Ao observar uma construção como essa, podemos considerá-la semanticamente com o mesmo sentido de uma construção [Andar + Vndo]. Mas se pararmos para analisar, Campos (1980) afirma que as perífrases compostas pelo verbo *andar* exprimem uma ideia de repetição esporádica, sem duração, enquanto com o verbo *viver* exprime a ideia de repetição mais regular. A autora também destaca que esse tipo de construção exprime aspecto iterativo, pois o significado primitivo do verbo *viver* sugere “existir, passar a vida de certa maneira, em certo estado” (Aulete, Caldas *apud* Campos, 1980, p. 107). Esse aspecto expressa uma ação que apresente uma duração contínua limitada (Travaglia, 2006), ou seja, refere a uma ação que se repete, mas essa ideia de repetição não é infinita, porém é regular. Travaglia (2006) pontua que geralmente adjuntos adverbiais destacam esses momentos espaçados ao longo do tempo, como no caso empregado nesta construção (dia e noite). A construção *vive chorando* implica uma ação habitual que se repete, ocorrendo no decorrer dos dias.

(215) “e a senhora rezova i m[.] duzentos i sniqueta q eli vai linpar para quando [.] para *vortar parntado*” (CS-MBS-122).

Nenhum dos gramáticos ou linguistas apresentam casos com a construção [Voltar + Vndo]. A perífrase na construção (215) é estruturada pelo verbo auxiliar *voltar* no infinitivo e o verbo *plantar* no gerúndio. Voltar plantando sugere o retorno de uma ação que expressa continuidade em que a pessoa fará no futuro.

5.3 CONSTRUÇÕES CRISTALIZADAS

Existem diferentes tipos de construções, que podem variar desde uma estrutura mais flexível até uma estrutura mais fixa na língua. Considerando que a maioria das construções com gerúndio analisados nesta pesquisa tende a ser majoritariamente [Vaux + Vndo], há também outras construções que possuem estruturas específicas, mas funções diferentes, como é o caso das chamadas construções cristalizadas. Essas construções referem-se a padrões linguístico que se tornam fixos na língua, podendo ser frases feitas, expressões idiomáticas ou combinações de palavras. As construções fixas não podem ser interpretadas de acordo com o significado de cada parte que compõe a construção, mas, sim, como um todo, uma vez que é esse “todo” que emite o significado.

Ao buscar as construções com gerúndio nas 131 cartas do acervo *Cartas em Sisal* e ao separá-las quanto aos tipos de construções, percebe-se que alguns casos possuem estruturas semelhantes a outras, mas seguem um padrão. Existem alguns padrões que se tornaram fixos na escrita dos redatores. Segundo Santiago (2019), muitos dos remetentes eram lavradores que cuidavam da terra e dos animais e viviam em espaços rurais. Devido às difíceis condições na zona rural, alguns dos sertanejos deixaram o semiárido baiano e foram para as cidades grandes em busca de melhores condições de vida. A distância entre eles e os familiares fez com que escrevessem algumas cartas, embora tivessem pouco contato com a escrita.

Apesar das dificuldades em relação à escrita, eles redigiram cartas com suas próprias mãos e muitos seguiam a estrutura típica de uma carta. Nessas correspondências, frequentemente utilizavam padrões com gerúndio como *vai me desculpando*, *vai lhe encontrar gozando*, *encontrar gozando*, *fiquei gozando*, em que apresentam os esquemas [Ir + Vndo], [Encontrar + Vndo], [Ficar + Vndo]. Esses padrões tornaram-se comuns nas cartas e acabaram se cristalizando e tornando-se fixos na língua, devido a frequência de uso. Foram identificados 18 casos de construções fixas, equivalendo a 10,59% das construções com gerúndio. Dentre essas construções, foram identificados 6 casos de construções formadas em perífrase *ir + gerúndio*:

(216) “A sinhora *var min descupanmo* q eu equeci” (CS-AFS-09).

(217) “Amor *va mi descupando* us erro que [...] fiz com muita pressa” (CS-ACO-97).

Nas construções em (216) e (217), encontramos uma estrutura que é *ir + gerúndio*, que pode ser considerada uma construção perifrástica, pois é formada com um verbo auxiliar e um verbo principal no gerúndio. A expressão *vai me desculpando* exprime uma ação de pedir desculpas de maneira contínua e progressiva. No entanto, devido à frequência de uso e a dificuldade com a escrita, criou-se uma forma para se desculpar sempre pelos erros ortográficos, o que fez com que essa expressão se tornasse um padrão nas cartas dos redatores e se fixasse na língua.

4 casos com a estrutura [ficar + Vndo]:

(218) “*fiquei gozando saudi*” (CS-AO-92).

(219) “u fim destas duas linha eso para eu dar as minhas 2 nutica ate u fazer desti bilhete *fiquei gozando*” (CS-MBS-122).

Nos casos (218) e (219), as construções são formadas pelo verbo auxiliar *ficar* e o verbo *gozando* no gerúndio no pretérito perfeito, expressando o estado em que a pessoa se encontrava continuamente em um momento passado. Para expressarem que a pessoa está se sentindo bem, saudável e em boa forma, essa foi uma forma coloquial que também se cristalizou no século XX, nesse contexto específico.

Houve 7 casos em que as construções funcionam como oração subordinada reduzida de gerúndio:

(220) “Estimo qu esta duas linha Vai lhi encontra *gozando* Boa saudi” (CS-JSS-88).

(221) “eu pesor que esta duas linha lhi *encontra gozando* saúde” (CS-LM-75).

(222) “adeus estima rei qui esta duas linha *vão liacha gozando saudi*” (CS-FP-79).

Em todas as construções, o gerúndio *gozando* funciona como uma oração subordinada adverbial reduzida de gerúndio. Em (220) e (221), indica o modo como realiza a ação de encontrar, enquanto em (222) também indica o modo de como realiza a ação de achar. Essa construção indica que a mensagem é enviada com o desejo de que a pessoa se encontre bem em todos os casos. *Encontrar gozando saúde, Vai encontrar gozando saúde, Vão lhe achar*

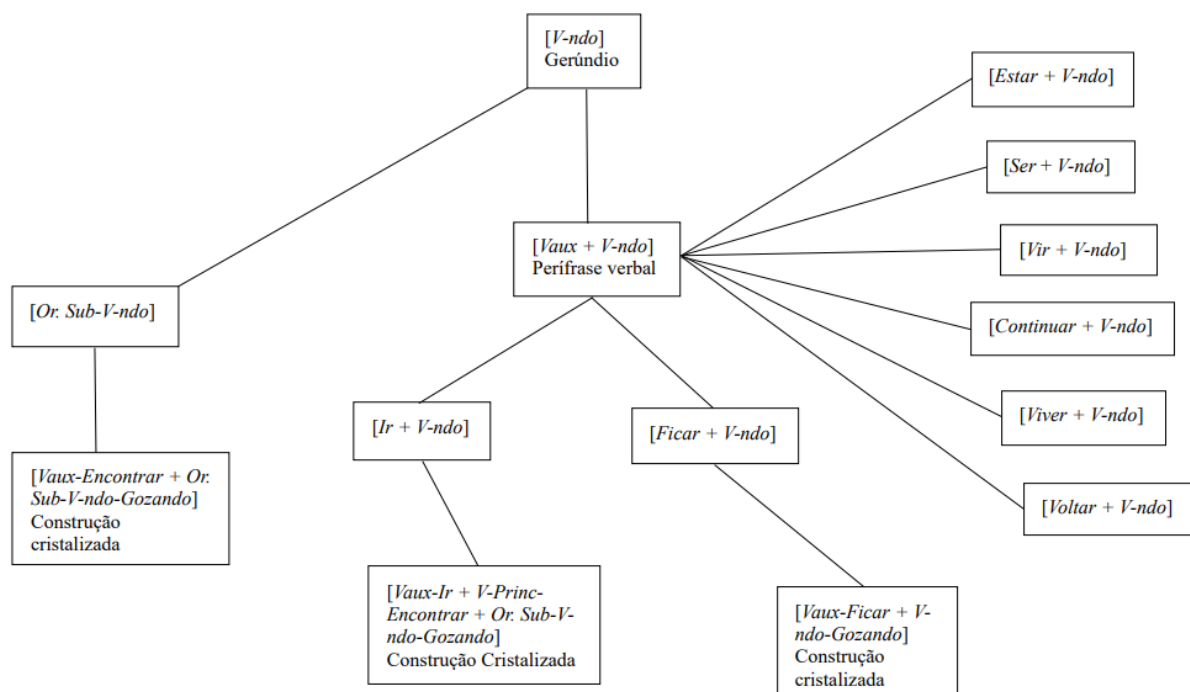
gozando saúde são expressões que frequentemente são utilizadas para desejar o bem às pessoas que recebem as cartas e foram utilizadas de forma recorrente entres os redatores, que acabaram por se fixar na língua.

Embora todas essas construções, de forma isolada, possam ser identificadas em outras classificações de gerúndio, são instanciações específicas. Estão vinculadas a algumas estruturas, como [Ir + Vndo], [Ficar + Vndo], [OraçSub-Vndo], mas possuem um caráter mais específico. Assim, devido à frequência de uso em diversos contextos, essas construções podem se cristalizar e assumir significações específicas ao longo do tempo. O caso das construções cristalizadas demonstra a flexibilidade da língua e sugere que expressões que transmitiam um sentido particular, passam a ganhar formas mais convencionais da linguagem, incorporando novos significados que fogem da sua estrutura original.

5.4 SISTEMATIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES COM GERÚNDIO

As construções com gerúndio estão conectadas por diversas razões. Essas conexões, resultantes de fatores como contextos de uso, funções sintáticas e semânticas se conectam entre si, em que cada elemento se entrelaça e contribui para a coesão e a dinâmica do sistema linguístico como um todo. Vejamos a sistematização constituída a partir das construções abstraídas nessa pesquisa:

Figura 4. Sistematização das construções com gerúndio do século XX



Fonte: elaborada pela pesquisadora.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objeto de estudo as construções com gerúndio do século XX e diversos estudos (Dias, 1918; Said Ali, 1921; Campos, 1980) atestam que o gerúndio, quando combinado a outras unidades linguísticas, pode gerar novas formas e significados. Embora, em muitos casos, o gerúndio se integre a verbos auxiliares, construindo perífrases que indicam ações contínuas e em andamento, ele também pode se associar a outras estruturas, formando novas construções, como estruturas mais flexíveis como [V-*aux* + V-*ndo*], expressões fixas que atuam como conectivos (como *sendo que*) e construções cristalizadas (como *ficar empurrando com a barriga*), que se fixaram na língua. Portanto, nem todas as expressões com gerúndio possuem a mesma forma ou significado. Essas construções variam desde o Português Arcaico, conforme estudado por Campos (1980).

Conforme os estudos realizados por Campos (1980), desde o Português Arcaico até o Português Contemporâneo, as construções com gerúndio mais recorrentes eram as circunstanciais, caracterizadas neste trabalho como construções subordinadas, nas quais o gerúndio assumia a função de oração subordinada adverbial reduzida de gerúndio, expressando diversas circunstâncias. Durante esse período, as construções perifrásticas não eram predominantes, embora, com o passar do tempo, tenham aumentado significativamente e tornaram-se mais frequentes no período contemporâneo da Língua Portuguesa.

Nas cartas dos sertanejos do acervo *Cartas em Sisal*, foram identificadas 169 construções com gerúndio. Dentre essas construções, 111 ocorrências correspondem a construções perifrásticas, equivalendo a 65,74%. Em segundo lugar, estão as construções subordinadas, que não foram analisadas neste trabalho, com 40 ocorrências (23,67%), seguidas por 18 casos de construções cristalizadas (10,59%). A partir da análise realizada e do levantamento de dados, podemos concluir que o gerúndio se compatibiliza mais com construções [V-*aux* + V-*ndo*], sobretudo em construções do tipo [*Estar* + V-*ndo*], pois apresentaram a maior incidência entre as perifrásticas, com 70 casos. Em muitas dessas construções, as ações expressas pelo gerúndio indicam ações contínuas e em andamento. No entanto, há algumas que desempenham a função de estado ou representam expressões idiomáticas e metafóricas (como *estou morrendo de saudades* e *por estar correndo de sua amizade*). Ainda em relação às construções perifrásticas, embora em quantidade mais reduzida, o gerúndio também se compatibiliza com esquemas [*Ir* + V-*ndo*], com 22 casos, expressando majoritariamente ações progressivas e graduais, e em poucos casos, estado.

Embora as construções subordinadas não tenham sido analisadas, existe uma quantidade significativa, com 40 ocorrências, equivalendo a 23,67%. A maioria dessas construções subordinadas exerce funções circunstanciais de modo, tempo, finalidade, concessão, entre outras, ou seja, indica que o gerúndio também se compatibiliza com orações principais, desempenhando sua função. Além disso, há construções que, devido à sua frequência de uso, acabam se fixando na língua e tornam-se expressões estabelecidas, conhecidas como construções cristalizadas. Com o tempo, essas construções tornam-se comuns e integram a forma como as pessoas normalmente se expressam nos contextos em que estão inseridas.

A diversidade de construções com gerúndio na língua portuguesa, abrangendo construções perifrásticas, construções subordinadas e construções cristalizadas, como mostra a sistematização realizada, evidencia a sua flexibilidade e diversidade morfosintática e semântica. Essa variedade contribui de forma significativa para o estudo da língua ao mostrar como o gerúndio pode expressar continuidade, progressão, estado, estabelecer relações circunstanciais entre ações, e até mesmo empregar-se em formas idiomáticas fixas. Portanto, analisar essas diferentes aplicações do gerúndio permite uma compreensão mais profunda de sua função na construção da forma e do significado na composição do português, destacando sua importância como uma construção dinâmica da linguagem.

Portanto, essa dissertação pode contribuir significativamente para uma descrição sucinta de um fenômeno que ainda possui poucos estudos no âmbito do CE-DOHS. Ao analisar o *corpus* do acervo *Cartas em Sisal*, que integra esse trabalho, a pesquisa promoverá uma diversidade teórica, metodológica e temática, possibilitando novas investigações sobre o tema. Essa análise comportamental do gerúndio não apenas enriquecerá a compreensão do fenômeno em questão, mas também gerará novas perguntas e estimulará futuras pesquisas, possibilitando ampliar o conhecimento na área e incentivar o desenvolvimento de novas linhas de investigação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática latina**: curso único e completo. 29. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.
- BRAGA, Maria Luiza. **A relação semântica de tempo, o gerúndio e as orações desenvolvidas**. Em: ZILLES (org. 2005: 259-270), 2005.
- BRAGA, M. L.; CORIOLANO, J. Construções de gerúndio no português do Brasil. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 51, n. 1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1431>. Acesso em: 15 fev. 2024.
- BRANDÃO, Cláudio. **Sintaxe Clássica Portuguesa**. Belo Horizonte, Imprensa da Universidade de Minas gerais, 1963.
- BYBEE, Joan. **Mudança linguística**. Tradução, apresentação e notas de Marcos Bagno. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 39 ed., ver. E ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CÂMARA JUNIOR, J. Mattoso (Joaquim Matoso). **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Problemas de linguística descritiva**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CAMPOS, O. G. L. S. **O Gerúndio no português: estudo histórico-descritivo**. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1980.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. Ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.
- CASTRO, Ivo. **Curso de história da língua portuguesa**. 1ª ed., 2ª imp. Lisboa: Universidade Aberta, 2001.
- CHOMSKY, N. **Estruturas Sintáticas**. The Hague: Mouton, 1957.
- COSTA, Sônia Bastos Borba. **O aspecto em português**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2022.
- CUNHA, Celso Ferreira da; CINTRA, Luis Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.
- DIAS, Augusto Epiphany da Silva. **Syntaxe histórica portuguesa**. Lisboa: Livraria clássica editora, 1918.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FARIA, Ernesto. **Gramática Superior da Língua Latina**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 61. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; and RIBEIRO, I. (org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009, 576 p. ISBN 978-85-232-0875-2.

LUFT, Celso P. **Moderna gramática brasileira: edição revista e atualizada**. São Paulo: Contexto, 1996.

MARTINET, A. **Qu'est-ce que la linguistique fonctionnelle?** *ALFA*, v. 38, 1994, pp. 11-18.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da linguística histórica – “ouvir o inaudível”**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, Quezia. **Análise construcional das perífrases cursivas de gerúndio: um estudo comparativo do galego e do português**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2021.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara; KEPLER, Fabio Natanel. **E-Dictor: Uma ferramenta integrada para a anotação de edição e classe de palavras**. VI Encontro de Linguística de *Corpus*, São Paulo, 2007. Disponível em: https://www.ime.usp.br/~tycho/participants/psousa/edictor/presentation/edictor_2007.html. Acesso em: 19 fev. 2024.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

PERINI, M. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

SAID ALI, Manuel. **Gramática histórica da língua portuguesa**, 1921. São Paulo: Melhoramentos, 3ª edição, 1964.

SANTIAGO, Huda da Silva. **A escrita por mãos inábeis: uma proposta de caracterização**. 2019. 722f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SIMÕES NETO, N. A; OLIVEIRA, M. S; SANTOS, A. V. **A Linguística histórica entre fluxos e refluxos: antigos e novos caminhos.** Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli. V.8,. N.2.Jul-Dez., 2019, p. 01-10.

TORRES, Fábio Fernandes. **Os domínios funcionais do gerúndio em língua portuguesa.** 2014. 473f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2014.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal no português:** a categoria e sua expressão verbal. 4 ed. Uberlândia, EDUFU, 2006.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística.** Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

APÊNDICE – Construções com padrões de gerúndio no Português do século XX

Carta	Enunciado	Caracterização formal	Caracterização funcional
CS-AFS-06	nim mandi min Dirzer q eu <i>firgo salbemno</i>	[<i>Ficar + V-ndo</i>]	[Tomar conhecimento de algo]
CS-AFS-09	A sinhora <i>var min descupanmo</i> q eu equeci	[<i>Ir + V-ndo-desculpar</i>] <i>Construção cristalizada</i>	[Pedido de desculpas]
CS-AFS-11	eu <i>estou gananno</i> 305 mil por meis mas o menno	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de ganhar que está em andamento]
CS-AFS-12	eu <i>estou ganhanno</i> 305 mil por mes mas não dar par nada A dipeiza er muita	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de ganhar que está em andamento]
CS-AFS-12	compadi mndi min dizer contor eu <i>firpei lir devenno</i> par eu puder lir pargar	[<i>Ficar + V-ndo</i>]	[ação contínua e progressiva de dever que iniciou no passado]
CS-AFS-13	compadi condo eu Alenbor du simhor eu <i>firco qauzi choranno</i> di ir Amizadi ir du noso viver	[<i>Ficar + V-ndo</i>]	[ação contínua e duradoura de chorar]

CS-AFS-13	<i>val dicupanno</i> u erro	[<i>Ir</i> + <i>V-ndo-</i> <i>desculpar</i>] <i>Construção</i> <i>cristalizada</i>	[Pedido de desculpas]
CS-AFS-13	Vou terminal com u meu coração <i>cintindo</i> di s saudadi	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-
CS-AFS-13	<i>Vai</i> estas duas linha <i>farzenno</i> u meu Aver com	[<i>Ir</i> + <i>V-ndo</i>]	[ação contínua e progressiva que está sendo solicitada ou desejada, realizada pelas duas linhas]
CS-AFS-16	minha vida <i>er pencanno</i> pelo u sinhor	[<i>Ser</i> + <i>V-ndo</i>]	[ação contínua ou repetitiva de pensar que está em andamento]
CS-AFS-17	eu quero Areporta par min <i>firgal salbenno</i> i mandar mais	[<i>Ficar</i> + <i>V-ndo</i>]	[Tomar conhecimento]
CS-AFS-18	eu <i>estou farzenno</i> tencão di li mandar Dinheiro pa u sinhor f farzêr A miha caza	[<i>Estar</i> + <i>V-ndo</i>]	[ação contínua de ter intenção que está em andamento]
CS-AFS-19	u tempo a qui <i>vai fazendo</i> muito sol vai Bem commo Deus qêr	[<i>Ir</i> + <i>V-ndo</i>]	[uma ação contínua e progressiva que está sendo realizada pelo tempo]

CS-AFS-23	Compadi pitanga eu <i>estou tarbalhando</i>	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de trabalhar que está em andamento]
CS-AFS-23	<i>estou ganhanno</i> 527 pur hora mais da par eu liva Deis mil curzeiro pu meis	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de ganhar que está em andamento]
CS-AFS-24	Conpadi pitanga vou farzer esta Duas linha par u sinpi <i>ir Alenbanno</i> di min	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-
CS-GOR-28	Juão mande mi dizer si ideblando <i>Esta caminnhdo</i>	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de caminhar que está em andamento]
CS-GOR-29	Compadre Juão o fim duas linhas <i>E</i> so <i>pidindo</i> votos adeus a lhe emcontra gozando saude	[<i>Ser + V-ndo</i>]	[ação contínua ou repetitiva de pedir que está em andamento]
CS-GOR-29	Compadre Juão o fim duas linhas <i>E</i> so <i>pidindo</i> votos adeus a lhe <i>emcontra gozando saude</i>	[<i>Encontrar + V-ndo-gozando</i>] Construção Cristalizada	[desejo de que a pessoa se encontre bem]
CS-GOR-29	Compadre eu não vou Agora porque <i>estou trabalhando</i> com um Patrão muito bom	[<i>Estar + Vndo</i>]	[ação contínua de trabalhar que está em andamento]
CS-JOM-30	Encontrei a Safra de ferreiro uma de 360 cruzeiros e outra por 200,00 cruzeiro uma <i>sendo</i> Nova e outra já uzada	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-

CS-JCO-31	envio li estas duas Linhas <i>dando</i> as minhas nutisia	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-
CS-LFO-32	Compa<↑de> li esquevol esta duas linha so li <i>inviando</i> lebransa au senhor i a Comade almerinda	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-
CS-LFO-32	Vou termina <i>inviando</i> lenbransa A todos	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-
CS-MCO-33	e <i>estou esperando</i> segunda feira como nos tratemos que já acertei com os oficial para fazer as porta	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de esperar que está em andamento]
CS-MCO-35	e venha de ano novo que <i>estamos esperando</i>	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de esperar que está em andamento]
CS-MC-36	e <i>var</i> mi <i>descupando</i> us erro que e sua Irimãn que lhi qur bem	[<i>Ir + V-ndo-</i> <i>desculpar</i>] Construção cristalizada	[Pedido de desculpas]
CS-NIN-38	compadi eu <i>tou mi achado</i> doente não poso sair	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[o estado contínuo que a pessoa se encontra no atual momento]
CS-RCO-39	Faço-lhi esta carta <i>pidindo-lhi</i> a Vossa Exma Senhorita sua irmão Ana em casamento	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-

CS-SFS-40	eu vou <i>passando</i> como que Jeus e <i>sîntindo</i> e numeros as saudades das nossa paslestar.	[<i>Ir + V-ndo</i>]	[estado que a pessoa se encontra no atual momento]
CS-SFS-40	eu vou <i>passando</i> como que Jeus e <i>sîntindo</i> e numeros as saudades das nossa paslestar.	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-
CS-SFS-40	O finalizo <i>abrasando</i> todos du Amiguinho sincerio	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-
CS-SFS-40	sim Pitanga eu <i>estava fazendo</i> tenção di ir la nu meis di Outubro	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de fazer que está em andamento no passado]
CS-SFS-40	mais eu não poso que <i>estou fazendos</i> rosa	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de fazer que está em andamento]
CS-SFS-41	Dejiso que esta linha <i>va li encontra gosado</i> saude i filicidade com Todos sua família	[<i>Ir + Encontrar + V-ndo-gozar</i>] <i>Construção cristalizada</i>	[desejar o bem às pessoas]
CS-SFS-41	i eu vou <i>vivando</i> Com saude grasa a D [.] lovado	[<i>Ir + V-ndo</i>]	[a ação de viver de maneira gradual e progressiva que está em andamento]
CS-SFS-42	Eu não poco il purargora Por que eu <i>to cu[?]dano</i> i roca	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de cuidar que está em andamento]
CS-APS-43	faço voto a Deus quê estas duas linha <i>vai lhi encontrando gozando</i> perfeita saude	[<i>Ir + Encontrar + V-ndo-gozar</i>]	[desejar o bem às pessoas]

		<i>Construção cristalizada</i>	
CS-APS-43	vou treminar <i>enviando</i> <↑lembranças> para voce i tambem muita lembrança <↑a> Pitanga	[Or. Sub-V-ndo]	-
CS-FPS-47	eu vou <i>passando</i> como que Jeus sintindo enumeras as saudades das nossa palestar formidavel!	[Ir + V-ndo]	[estado que a pessoa se encontra no atual momento]
CS-FPS-47	eu vou passando como que Jeus <i>sintindo</i> enumeras as saudades das nossa palestar formidavel!	[Or. Sub-V-ndo]	-
CS-FPS-47	A finalizo <i>Abarsando</i> todos da Amiguinha Sinsera	[Or. Sub-V-ndo]	-
CS-FPS-47	Aceite lembarnça minha i de todos meus <i>enviando</i> lembarnça a pitanga i a ana e a Augusto i a P pedirinho	[Or. Sub-V-ndo]	-
CS-ICO-48	Dezejo que esta Carta li <i>enconter</i> gozando Saude juntamente Com todo da dinga Casa	[Encontrar + V-ndo-gozar] <i>Construção cristalizada</i>	[desejar o bem às pessoas]
CS-ICO-48	Ai mãe manda li dizer que ela <i>estar Andano</i> doemte	[Estar + V-ndo]	[estado que a pessoa se encontra no atual momento]
CS-ICO-48	não <i>estar podemo</i> mi Ajudar nos trabalho	[Estar + V-ndo]	[negação de uma ação contínua de cuidar]

CS-ICO-48	olhe tia eu não me Aqueto hora em uma <i>e costoramo</i> o dia entero	[<i>Ser + V-ndo</i>]	[ação contínua de costurar que está em andamento]
CS-JJO-49	Madrinha fale com Joazinho que ele aparece que Aulerio <i>estar lutando</i> com mandioca	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de lutar que está em andamento]
CS-MC-50	eu <i>vor indo</i> como formi deus e civido longi di vosses todos que eu não sir si estão com caudi	[<i>Ir + V-ndo</i>]	[estado que a pessoa se encontra no atual momento]
CS-MC-50	i <i>esta</i> quzi <i>rastando</i>	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de arrastar que está quase em andamento]
CS-MC-50	e voce comdri ana <i>var midescu[.]nado</i> os ero que tem	[<i>Ir + V-ndo-desculpar</i>] Construção cristalizada	[Pedido de desculpas]
CS-NIN-51	a qui as coiza esta feia esta sico e la <i>esta chovendo?</i>	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de chover que está quase em andamento]
CS-ZBO-52	Eu a qui como despresada <i>Vou indo</i> empas com todos meus	[<i>Ir + V-ndo</i>]	[estado que a pessoa se encontra no atual momento]
CS-ZBO-52	Eu a qui tão lonje <i>cintendo</i> Saldade di todos	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-
CS-ZSS-53	eu mais todos meu <i>Vou indo</i>	[<i>Ir + V-ndo</i>]	[estado que a pessoa se encontra no atual momento]

CS-ZSS-53	eu <i>Vou</i> sempre <i>andano</i> sempre duentada commadre	[<i>Ir + V-ndo</i>]	[estado que a pessoa se encontra no atual momento]
CS-ZSS-53	Vo terminar <i>in viano</i> lembransa pra siora i compadri	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-
CS-AHC-54	eu peço que você apareça é <i>continunhi escrevendo</i> par mim	[<i>Continuar + V-ndo</i>]	[pedido para continuidade da ação de escrever]
CS-AHC-54	recebe a Sua carta consigo assim ti <i>amando</i> Querido	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-
CS-AHC-55	você <i>deichando</i> pra vir depois das eleição você mi mautrata de mias	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-
CS-AHC-55	olha Mãe <i>estar dizendo</i> que vai freta um carro mais um rapaz para vir par resa	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de dizer que está em andamento]
CS-AHC-55	mais eu <i>estou vendo</i> a convesa que ela vem	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de ver que está em andamento]
CS-AHC-55	Eu cei que não vou mesmo nesta resa pero o que eu <i>estou vendo</i>	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de ver que está em andamento]
CS-AHC-56	Zezito eu <i>estou esperando</i> neste que voce venha	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de esperar que está em andamento]
CS-AHC-57	resolvi redijir-lhe algumas linhas <i>desijando Saber</i> como	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-

	você vai de Saúde juntamente com todos		
CS-AHC-57	Aqui <i>estou passando</i> bem	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[estado que a pessoa se encontra no atual momento]
CS-AHC-57	Não melhor porque não <i>estou-lhe vendo</i> a todo momento	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[negação de uma ação contínua de ver]
CS-AHC-57	Zezito <i>estou li esperando</i> como Sempri le esperava	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de esperar que está em andamento]
CS-AHC-58	Olhe Zezito eu não posso <i>ficar</i> assim ti <i>esperando</i>	[<i>Ficar + V-ndo</i>]	[negação da ação contínua e progressiva de esperar]
CS-AHC-58	Olhe Zezito <i>estou</i> te le <i>esperando</i> Sabado	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de esperar que está em andamento]
CS-AHC-59	São as horas mais filiz quando pego Nesta caneta para da minha noticias Desejando Saber como você vai de Saúde	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-
CS-AHC-60	São as horas mais filiz quando pego nesta caneta para da minha noticias. Desejando saber como você de Saúde	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-
CS-ASC-63	Elena Jurandy <i>estar fazendo</i> prano de pasar o natal aqui	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de fazer planos que está em andamento]

CS-JMA-64	mito tirite de cabe o gi <i>ta acoteceno</i> com voce gerida	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua que está em andamento]
CS-JMA-64	eu não <i>esitou</i> ti <i>enganano</i>	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[negação da ação de enganar]
CS-JMA-65	e cor par li dizeri qi <i>estou morendo</i> de saudade de vociei meu bezinho	[<i>Estar + V-ndo</i>] Expressões idiomáticas	[ação de sentir muita falta de alguém]
CS-JMA-65	Não pocu iri lara Poqueri eu estou mito aperitado qi <i>estou</i> [.] <i>cuidano</i> da noca caza	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de cuidar que está em andamento]
CS-JMA-65	poru favoru esceva para queri eu posa leri a cua carita e caberi daisi marca noticia e de tudo qi <i>esta Sei pacano</i> com vociei	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[estado atual de uma pessoa]
CS-JMS-66	i lhi pesco as minhas desculpa q são as minhas poucas praticas não e pur <i>esta correndo</i> di [.] <↑sua> amizadi	[<i>Estar + V-ndo</i>] Expressão Metafórica	[negação da ação contínua de fugir de algo]
CS-JMS-66	porem come nóz e di viver touda nossa vida <i>tendo</i> amizadi com fe endeus pur q si e uma das pescoas q eu estimo a Sinra e uma dellas	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-
CS-JMS-67	<i>estamos carregado</i> lonji q não si tem uma hora di fuga hojim	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de carregar que está em andamento]
CS-JMS-68	minha come i Amiga Firmina [?] separada como estamos i	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-

	<i>seno</i> mi impucivil aver pur a em mencia distancia		
CS-JMS-68	i eu <i>estou esperando</i> no cauzo que [...] pasca i quera mi escrever	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de esperar que está em andamento]
CS-ZLS-70	Olha eu não mando dizer o dia mas <i>vár aguardando</i> ais novidade	[<i>Ir + V-ndo</i>]	[ordem de uma ação contínua e progressiva de aguardar que ocorrerá no futuro]
CS-ZLS-71	Zezete nois <i>estamos pensando</i> em ir embora en junho se deus quizer	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de pensar que está em andamento]
CS-ZLS-71	<i>var rezando</i> para nosa senhora da Conceição para nos ajudar	[<i>Ir + V-ndo</i>]	[ordem de uma ação contínua e progressiva de rezar que ocorrerá no futuro]
CS-ZLS-71	e <i>var A guardando</i> ais novidade	[<i>Ir + V-ndo</i>]	[ordem de uma ação contínua e progressiva de aguardar que ocorrerá no futuro]
CS-ROM-73	Nerado resebir tua carta vir todo que <i>vinha dizendo</i>	[<i>Vir + V-ndo</i>]	[ação contínua que acontecia ao longo de um período no passado]

CS-ROM-73	Sim Neraldo mande mi dize quanto gusta um dia de um tarbaldador e 1 saco de farinha e 1 saco <↑de> feijão e 1 saco de milho e se a vaca barca já pario e se tar vivo si e maxo uo fima e quanto <i>tar valendo</i>	[<i>Estar</i> + <i>V-ndo</i>]	[ação contínua de valer que está em andamento]
CS-LM-75	eu pesor que esta duas linha lhi <i>encontra gozando saude</i>	[<i>Encontrar</i> + <i>V-ndo-gozando</i>] Construção Cristalizada	[desejo de que a pessoa se encontre bem]
CS-MMO-76	Parece que foi robado; mas <i>peguei sabendo</i> que voces não queria	[<i>Pegar</i> + <i>V-ndo</i>]	[Tomar conhecimento de algo]
CS-ML-77	Tia breve eu estou ai junto [.] com vocês <i>raspando</i> mandioca	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-
CS-FP-78	adeus estima rei qui esta duas linha <i>vão liacha gozando saudi</i>	[<i>Ir</i> + <i>Achar</i> + <i>V-ndo-gozar</i>] Construção cristalizada	[desejo de que a pessoa se encontre bem]
CS-FP-79	Agora <i>estu espera</i> no huma carta di minha come	[<i>Estar</i> + <i>V-ndo</i>]	[ação contínua de esperar que está em andamento]
CS-AML-81	Estimarei si estas duas linha <i>em contra Vmce Gozanto</i>	[<i>Encontrar</i> + <i>V-ndo-gozar</i>]	[desejo de que a pessoa se encontre bem]

CS-JPC-82	u que dezejo i u fin desta duas linhas <i>vai pidino</i> Almerinda a casamento	[<i>Ir + V-ndo</i>]	[ação de pedir de maneira gradual e progressiva que está em andamento]
CS-MDC-84	eu me choquiei <i>pençando</i> que era por loquise	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-
CS-MDC-84	se <i>veve chorando</i> dia e noite	[<i>Viver + V-ndo</i>]	[ação habitual e repetitiva]
CS-MDC-84	vo termina <i>em viando</i> Lembra-nça e um abraco a senhora	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-
CS-VAN-86	as minho pena não quebro por Sointe mai <i>fico</i> mito <i>doedo</i>	[<i>Ficar + V-ndo</i>]	[ação contínua e progressiva de doer]
CS-VAN-86	eu tombem <i>esto trabalhado</i> com miranda	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de trabalhar que está em andamento]
CS-VAN-86	Nudia que Não <i>esta chuvedo</i> Nois vai atrab- alha	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[negação de uma ação contínua]
CS-VAN-86	Não <i>esto trabalhando</i>	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[negação de uma ação contínua]
CS-IZA-87	<i>estou pençando</i> de procurar um ortopedista em Riachão	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de pensar que está em andamento]
CS-IZA-87	já faz tempo que <i>estou centindo</i> e nunca foi ao medico	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de sentir que está em andamento]
CS-JSS-88	Estimo qu esta duas linha <i>Vai lhi encontra gozando</i> Boa saudi	[<i>Ir + Encontrar + V-ndo-gozar</i>]	[desejo de que a pessoa se encontre bem]

		Construção cristalizada	
CS-RAC-90	Agora quero humilhar- [?] <i>confiando</i> em tua compreensão	[Or. Sub-V-ndo]	-
CS-BMO-91	olhe elena eu pasei muito bem e espero que você também esteja passado.	[Estar + V-ndo]	[desejo de que a pessoa esteja bem]
CS-BMO-91	elena termina te <i>escrevedo</i> com muita saldadi di você	[Or. Sub-V-ndo]	-
CS-AO-92	<i>Fiquei gozando</i> saudi	[Ficar + V-ndo- gozar] Construção cristalizada	[estado em que a pessoa se encontrava continuamente em um momento passado]
CS-AO-93	<i>Fiquei gozando</i> saudi	[Ficar + V-ndo- gozar] Construção cristalizada	[estado em que a pessoa se encontrava continuamente em um momento passado]
CS-ACO-94	có não tou melho porque <i>estou</i> <i>pencando</i> em você	[Estar + V-ndo]	[ação contínua de pensar que está em andamento]
CS-ACO-95	eu <i>estou pasando</i> bem	[Estar + V-ndo]	[estado em que a pessoa se encontra continuamente]
CS-ACO-95	so não estou melho por que estou tão distante de você e [.] <i>cintindo</i> muita caudade dus teus carinho	[Or. Sub-V-ndo]	-

CS-ACO-96	só a[.]ua [.] <i>era cintindo</i> muit[.] falta	[<i>Estar</i> + <i>V-ndo</i>]	[ação contínua de sentir que estava em andamento em um dado momento no passado]
CS-ACO-97	Amor <i>va mi descurpando</i> us erro que [.] fiz com muita pressa	[<i>Ir</i> + <i>V-ndo-desculpar</i>] Construção cristalizada	[Pedido de desculpas]
CS-ACO-98	deise pra mais tardi destar quando nois <i>tiver podendo</i>	[<i>Estar</i> + <i>V-ndo</i>]	[possibilidade futura]
CS-ACO-98	ai eo não <i>estou cabendo</i> e disejo caber ci você quer ou não	[<i>Estar</i> + <i>V-ndo</i>]	[negação da ação contínua de saber]
CS-ACO-98	ci você <i>estiver a chando</i> rum diga para mim	[<i>Estar</i> + <i>V-ndo</i>]	[possibilidade]
CS-ACO-98	mais do jeito que você <i>estar fazendo</i> não dar	[<i>Estar</i> + <i>V-ndo</i>]	[ação contínua de fazer que está em andamento]
CS-DCO-99	Sim comandri <i>estou pençando</i> de aparecer air hoje ditarde	[<i>Estar</i> + <i>V-ndo</i>]	[ação contínua de pensar que está em andamento]
CS-DCO-100	Comadre eu <i>vou terminando</i>	[<i>Ir</i> + <i>V-ndo</i>]	[ação progressiva e gradual de terminar algo]
CS-DCO-102	se a senhora fou mande dizer pra eu <i>ficar sabendo</i>	[<i>Ficar</i> + <i>V-ndo</i>]	[tomar conhecimento de algo]

CS-IC-103	olhi si <i>está achano</i> deficit o meu bilete mi escreva que eu não sei que dia vou air	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de achar que está em andamento]
CS-IC-104	mi escreva <i>respostano</i> e dizendo como Vai air	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-
CS-IC-104	mi escreva <i>respostano</i> e <i>dizendo</i> como Vai air	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-
CS-NIN-108	Zeni aqui <i>está choveno</i> graças a Deus	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de chover que está em andamento]
CS-TB-110	mandi mi di dizer direitinho que er pra eu <i>fica sabeno</i>	[<i>Ficar + V-ndo</i>]	[tomar conhecimento de algo]
CS-VO-112	eu <i>fico pedino</i> adeus que voçi var com migo er nar lagoafoda	[<i>Ficar + V-ndo</i>]	[ação contínua e habitual de pedir]
CS-VO-113	Salve hoje o dia di Aligria para mim que eu estava asentada no jardim di roza <i>colhedo</i> folris	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-
CS-VO-113	foi quando veio p passarinho <i>cantano</i> teu lindo nome somenti par fazer eu chorar	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-
CS-JL-114	É Com muita satisfação que pego em minha caneta para escrever para você só para lhe informar que o Mes quesivio tratar <i>esta aprosimando</i>	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de se aproximar que está em andamento]
CS-JL-114	Venha mesmo que <i>estou esperando</i>	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de esperar que está em andamento]

CS-ZBO-115	a qui <i>vou ficando</i> com muita Saldade	[<i>Ir + V-ndo</i>]	[estado contínuo e progressivo de uma pessoa]
CS-ZBO-116	Sól que a Saldade di você <i>está mir matando</i>	[<i>Estar + V-ndo</i>] Expressões idiomáticas	[ação de sentir muita falta de alguém]
CS-ZBO-116	<i>Estou lhe esperando</i> com muita Saldade	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de esperar que está em andamento]
CS-ZBO-117	mais não er para drazer proque ajente <i>man- dando</i> dezer pra lihna linha pode erár mais	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-
CS-ZBO-117	<i>Var desculpando</i> as minha letra que fiz muito a vei- xada	[<i>Ir + V-ndo- desculpar</i>] Construção cristalizada	[pedido de desculpas]
CS-ZBO-118	e se você <i>tiver namorando</i> com uma moça	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[possibilidade]
CS-ZBO-118	e uma mesmo depoz que você <i>está falando</i> em paquera com migo	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de falar que está em andamento]
CS-ZBO-118	Olhe se <i>estar pencando</i> em Analha	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de pensar que está em andamento]
CS-ZBO-119	mande dizer por Jero que eu <i>fico esperando</i> sim	[<i>Ficar + V-ndo</i>]	[ação contínua e progressiva de esperar]

CS-ZBO-119	mandi o arroz var na casa que <i>esta vendendo</i> colchão	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de vender que está em andamento]
CS-MBS-122	u fim destas duas linha eso para eu dar as minha 2 nutica ate u fazer desti bilhete <i>fiquei gozando</i> saudi com todos meus	[<i>Ficar + V-ndo-gozar</i>] Construção cristalizada	[estado em que a pessoa se encontrava continuamente em um momento passado]
CS-MBS-122	iu menino já estar bem lmilho q ja [.] <i>star qumedo</i> sor	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de comer que está em andamento]
CS-MBS-122	<i>Fiquei gozando</i> saudi	[<i>Ficar + V-ndo-gozar</i>] Construção cristalizada	[estado em que a pessoa se encontrava continuamente em um momento passado]
CS-MBS-122	e a senhora rezova i m[.] duzentos i sniqueta q eli vai linpar para quando [.] para <i>vortar parntado</i>	[<i>Voltar + V-ndo</i>]	[ação que expressa continuidade em que a pessoa fará no futuro]
CS-ZBO-123	Eu a qui com todos <i>vamos pasando</i> bem	[<i>Ir + V-ndo</i>]	[estado que a pessoa se encontra no atual momento]
CS-ZBO-123	mãe eu <i>estava fazendo</i> o tito	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de fazer que está em andamento]
CS-ZBO-124	Eu a qui com todos <i>vamos passando</i> bem	[<i>Ir + V-ndo</i>]	[estado que a pessoa se encontra no atual momento]

CS-ZBO-124	tevi 9 um homen a qui <i>procurando</i> ele no mesmo dia que ele caio	[Or. Sub-V-ndo]	-
CS-ZBO-124	eu <i>pedindo</i> a Deus que cheguei logo o dia de eu ir embora	[Or. Sub-V-ndo]	-
CS-ZBO-124	eu nuca cair para lugar neum so <i>parecendo</i> uma báô besta	[Or. Sub-V-ndo]	-
CS-ZBO-125	Eu <i>estou pasando</i> bem	[Estar + V-ndo]	[estado que a pessoa se encontra no atual momento]
CS-ZBO-125	e quem vai me [...] eu <i>saido</i> da qui em um carro di lar é melhor	[Or. Sub-V-ndo]	-
CS-ACO-127	eu aqui con todus <i>vamos passando</i> bem grasa au bom Deus	[Ir + V-ndo]	[estado que a pessoa se encontra no atual momento]
CS-JO-128	Eu não quero i a seora- se fio e A fio <i>fiqui reparando</i> se ele namora com as ganama	[Ficar + V-ndo]	[ação contínua e progressiva de reparar]
CS-JO-128	sei qe ele i A i t i L via matero us 4 namorado que <i>tremimando</i> que fio temina com A	[Or. Sub-V-ndo]	-
CS-JO-128	na asiora sera que Terezinha <i>estava namorando</i> com ele	[Estar + V-ndo]	[ação contínua de namorar que estava em andamento em algum momento no passado]
CS-JO-128	ele mi fiou com us que [...] <i>estava namorando</i> com ela [?]	[Estar + V-ndo]	[ação contínua de namorar que estava em andamento em

			algum momento no passado]
CS-VO-129	você <i>vai passando</i> bem	[<i>Ir + V-ndo</i>]	[estado que a pessoa se encontra no atual momento]
CS-VO-129	eu a qui com todos <i>vai passando</i>	[<i>Ir + V-ndo</i>]	[estado que a pessoa se encontra no atual momento]
CS-VO-129	o seu retrato e quem mir consola i <i>vendo</i> a alma nunca	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-
CS-VO-129	e <i>vendo</i> em pessoalmente não poso dar os abraco que tinha pra lhe dar	[<i>Or. Sub-V-ndo</i>]	-
CS-ZBO-130	i e acim mesmo como eu <i>estou li falando</i>	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de falar que está em andamento]
CS-ZBO-130	eu <i>estou criando</i> dois filho di nico	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de criar que está em andamento]
CS-ZBO-130	i e com o eu <i>estou li dizendo</i>	[<i>Estar + V-ndo</i>]	[ação contínua de dizer que está em andamento]
CS-ZBO-131	o outro desti mês que vem e tia da outra jar <i>foi logo dizendo</i> que queria recebe a te o dia 20	[<i>Ir + V-ndo</i>]	[ação contínua que iniciou, mas não tem pretensão de conclusão]

Fonte: elaborado pela pesquisadora.